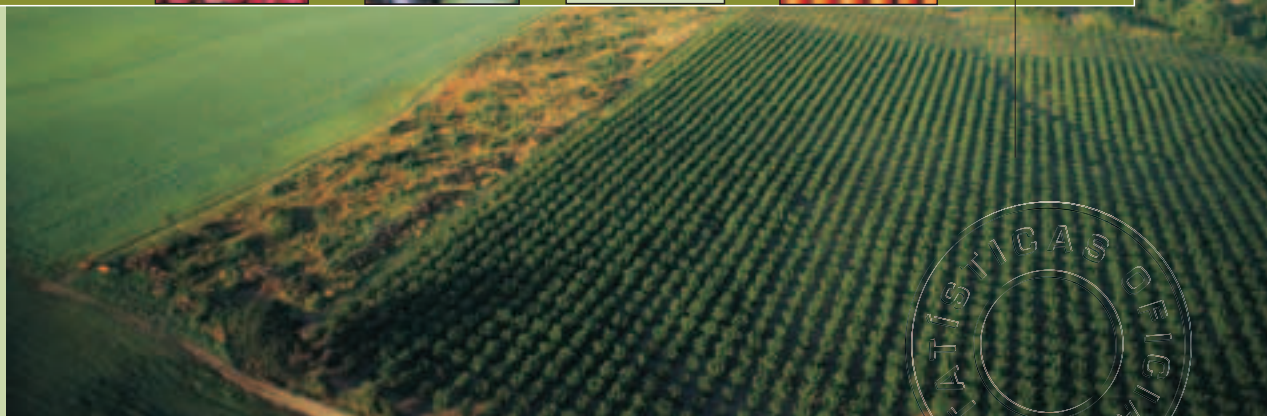
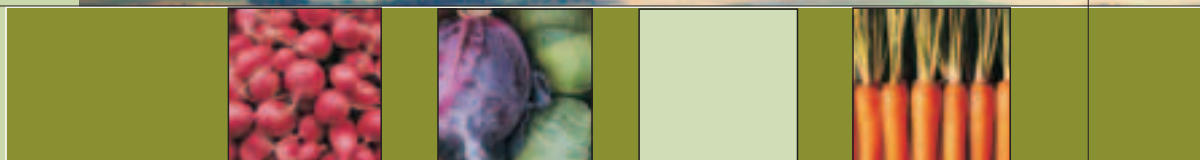




Estatísticas da Horticultura

1995-2001



Ano de edição 2002

RESUMO

Estatísticas da Horticultura 1995-2001 é a primeira publicação do Instituto Nacional de Estatística com informação sobre o sector da horticultura e vem preencher uma carência de informação há muito sentida pelos utilizadores. A realização do último Recenseamento Geral da Agricultura (RGA99) criou as condições necessárias para a execução de um inquérito específico ao sector e lançou as bases para a organização de um sistema anual de recolha de dados para a horticultura.

Da caracterização estrutural do sector hortícola, destacam-se os seguintes aspectos:

- Explorações de pequena dimensão com predomínio das culturas hortícolas extensivas
- Fraca mecanização das operações culturais
- Parque de estufas razoavelmente renovado, constituído essencialmente por estufas de madeira com cobertura de plásticos, sem condicionamento ambiental
- Mão-de-obra predominantemente familiar e feminização da mão-de-obra assalariada eventual

Ao nível da produção hortícola, destacam-se os seguintes aspectos:

- Cerca de 2/3 da produção hortícola tem origem na região do Ribatejo e Oeste
- As couves são o principal produto hortícola
- Aumento das produções de couve brócolo, couve flor e pimento para fins industriais

ABSTRACT

Estatísticas da Horticultura 1995-2001 is National Statistical Institute first publication about the vegetable sector which fulfil a lack of data that users are looking for. The last agricultural census (RGA99) results allowed the conditions to carry out a specific survey on the vegetable sector and collected information in an annual basis.

Considering the structure of the sector, it is possible to point out:

- Small agricultural holdings with predominance of open field vegetables
- Agricultural holdings with low degree of mechanisation
- Green – houses considerably renovated, mainly constructed with wood, covered with plastic and without environment conditioning
- Mainly family labour force and non regular, non family labour force dominated by women

In the scope of vegetable production, it is possible to distinguish:

- 2/3 of vegetable production came from Ribatejo e Oeste
- The cabbages are the main vegetable production
- Production of broccoli, cauliflower and pepper to food industry has increased

SINAIS CONVENCIONAIS

...	=	Dado confidencial
-	=	Resultado nulo
x	=	Dado não disponível
"	=	Estimativa
*	=	Dado rectificado
o	=	Dado inferior a metade do módulo da unidade utilizada

Nota - Por razões de arredondamento, os totais podem não corresponder à soma das parcelas

SIGLAS

Expl.	=	Exploração
ha	=	Hectare
IH2000	=	Inquérito à Horticultura 2000
Máq.	=	Máquinas
m	=	Metros
NUTS	=	Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos
Nº	=	Número
t	=	Tonelada
UTA	=	Unidade de Trabalho Ano

EDM	=	Entre-Douro e Minho
TM	=	Trás-os-Montes
BL	=	Beira Litoral
BI	=	Beira Interior
RO	=	Ribatejo e Oeste
ALE	=	Alentejo
ALG	=	Algarve

Para esclarecimentos e informações adicionais sobre o conteúdo desta publicação contactar:

Departamento de Estatísticas da Agricultura e Pescas

Maria José Fernandes - Telefone: 21 842 61 00, Ext.: 1049 - E-mail: mjose.fernandes@ine.pt

Fax: 21 842 63 59

NOTA INTRODUTÓRIA

Estatísticas da Horticultura 1995-2001 é a primeira publicação do Instituto Nacional de Estatística com informação sobre o sector da horticultura e vem preencher uma carência de informação há muito sentida pelos utilizadores.

A realização do último Recenseamento Geral da Agricultura (RGA99) criou as condições necessárias para a execução de um inquérito específico ao sector e lançou as bases para a organização de um sistema anual de recolha de dados para a horticultura.

A presente publicação está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo, baseado nos resultados do Inquérito à Horticultura 2000, caracteriza a estrutura e o funcionamento das explorações horticolas, abordando, nomeadamente, aspectos tais como: dimensão das explorações, regimes e modos de instalação (extensivo, intensivo ao ar livre e intensivo em estufa), máquinas, equipamentos e instalações, mão-de-obra, comercialização da produção, entre outros. O segundo capítulo apresenta a produção hortícola regionalizada para o Continente no período 1995-2001, desagregada segundo as principais culturas horticolas. Para uma melhor compreensão dos resultados apresenta-se, no terceiro capítulo, uma nota metodológica e conceitos.

A apresentação da publicação foi orientada de forma a permitir uma abordagem fácil da informação estatística, recorrendo-se para o efeito a análises sumárias dos diversos temas, privilegiando a ilustração da informação através de gráficos ou cartogramas que acompanham os quadros de dados estatísticos.

O Instituto Nacional de Estatística expressa o seu agradecimento ao Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas, em particular às Direcções Regionais de Agricultura e aos Serviços Regionais de Estatística das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira. Igualmente o nosso reconhecimento aos agricultores e outros prestadores de informação, pela disponibilidade manifestada em colaborar com o INE.

Espera-se que esta publicação constitua uma referência para o melhor conhecimento do sector da horticultura e encorajam-se vivamente os utilizadores para o envio de críticas e sugestões que ajudem a melhorar o nosso trabalho.

Outubro de 2002



CAPÍTULO 1

Estrutura das explorações hortícolas

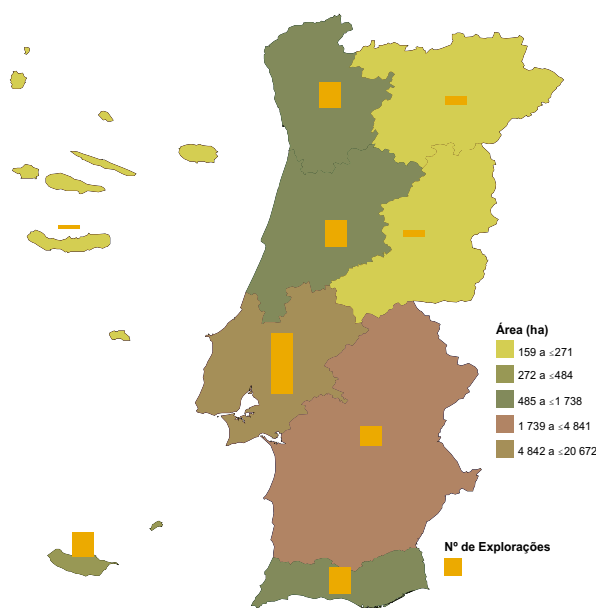
1. Estrutura das explorações hortícolas

1.1. Número de explorações e área base com culturas hortícolas

De acordo com o Inquérito à Horticultura 2000 (IH2000), existem em Portugal 25 165 explorações com culturas hortícolas, que perfazem uma área base de 31 763 ha. A região agrária do Ribatejo e Oeste assume-se como a mais importante, detendo 65% da área base com culturas hortícolas e 31% das explorações com este aproveitamento agrícola. O Alentejo, não obstante apresentar a 2ª maior área base com culturas hortícolas, com 4 841 ha, representa apenas 10% do total de explorações, o que o coloca em 6º lugar relativamente ao total de explorações com horticultura no País.

Cartograma 1.1

Distribuição regional das explorações e área base com culturas hortícolas



Quadro 1.1

Explorações e área base com culturas hortícolas por região

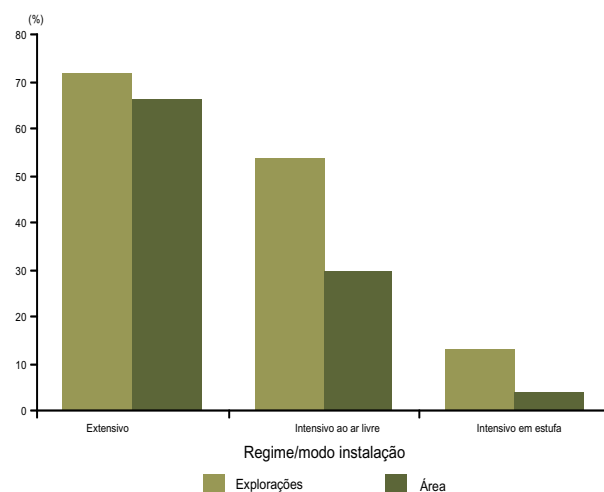
Regiões	Culturas hortícolas		Culturas hortícolas extensivas ao ar livre		Culturas hortícolas intensivas ao ar livre		Culturas hortícolas em estufa	
	Expl.(nº)	Área (ha)	Expl.(nº)	Área (ha)	Expl.(nº)	Área (ha)	Expl.(nº)	Área (ha)
PORTUGAL	25 165	31 763	18 072	21 116	13 563	9 470	3 295	1 177
CONTINENTE	21 725	31 070	15 316	20 741	11 990	9 167	3 175	1 162
EDM	3 101	1 720	2 154	717	1 855	827	1 125	176
TM	936	271	683	120	700	136	99	14
BL	3 314	1 738	2 198	815	2 519	844	473	78
BI	699	159	549	74	478	82	31	3
RO	7 812	20 672	4 952	13 701	4 537	6 587	895	385
ALE	2 394	4 841	1 703	4 350	1 338	469	73	22
ALG	3 469	1 670	3 076	963	562	222	478	484
AÇORES	344	208	260	125	218	76	72	7
MADEIRA	3 097	484	2 496	250	1 356	227	49	7

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

A distribuição da área de culturas hortícolas segundo o regime/modo de instalação, coloca em evidência a importância das hortícolas extensivas, nas quais se incluem grande parte das espécies hortícolas para transformação industrial, tais como o tomate, o pimento e a couve brócolo; este regime/modo de instalação ocupa cerca de 2/3 da área base com culturas hortícolas, sendo efectuadas em 18 072 explorações. As culturas hortícolas intensivas ao ar livre, que ocupam a 2ª posição em termos de área, são efectuadas em 13 563 explorações e representam cerca de 30% da área base com culturas hortícolas. As culturas hortícolas intensivas em estufa, efectuadas em 3 295 explorações, são pouco importantes em termos de área, representando apenas 4% da área base com culturas hortícolas.

Gráfico 1.1

Explorações e área base com culturas hortícolas por regime/modo de instalação

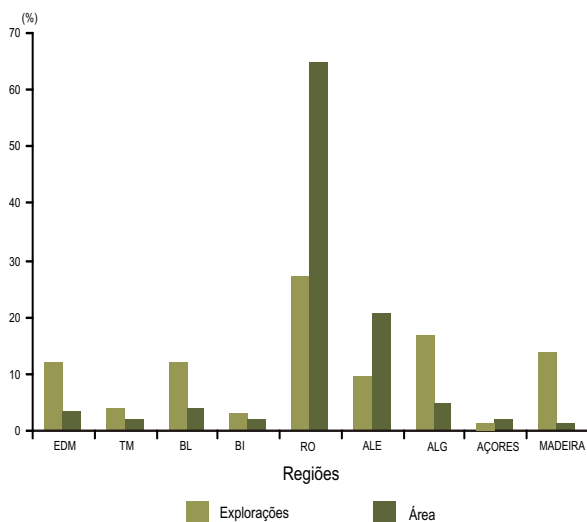


Estrutura das explorações hortícolas

Em termos regionais, as culturas hortícolas extensivas estão concentradas no Ribatejo e Oeste, que detêm 65% da área e 27% das explorações do País; segue-se o Alentejo com 21 % da área e 9% das explorações.

Gráfico 1.2

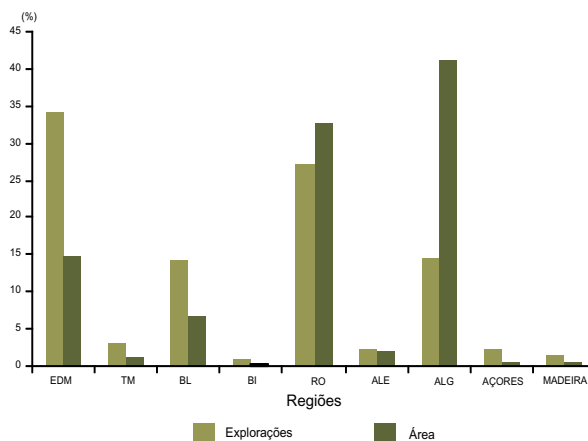
Culturas hortícolas extensivas por região



Apesar de ser no Entre-Douro e Minho que se regista o maior número de explorações com culturas hortícolas intensivas em estufa, cerca de 34% do total do País, são as regiões do Ribatejo e Oeste e Algarve que detêm a maior área com este aproveitamento, assumindo esta última região a 1ª posição, com 41% da área total de estufas.

Gráfico 1.4

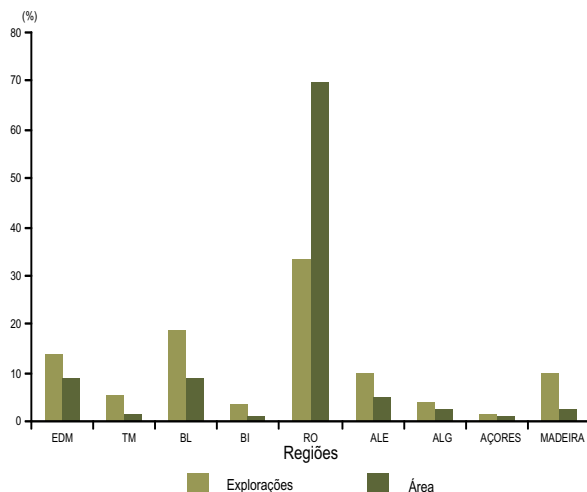
Culturas hortícolas intensivas em estufa por região



As culturas hortícolas intensivas ao ar livre são efectuadas maioritariamente no Ribatejo e Oeste (70% da área e 34% das explorações do País), embora assumam alguma importância no Entre-Douro e Minho e Beira Litoral onde, em conjunto, representam 18% da área e 32% das explorações de Portugal.

Gráfico 1.3

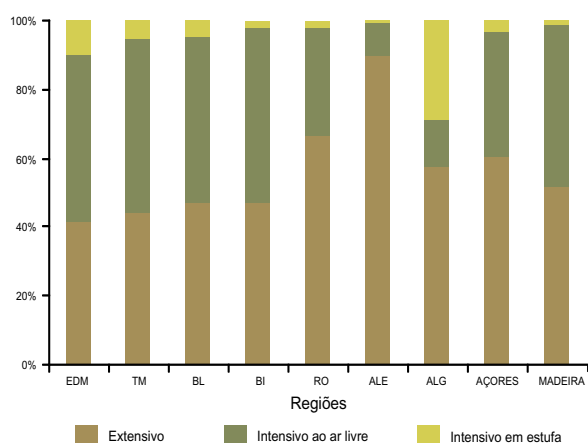
Culturas hortícolas intensivas ao ar livre por região



No que respeita à importância, em termos de área, dos regimes/modos de instalação nas diferentes regiões agrárias, destaque para a importância do regime extensivo no Alentejo e Ribatejo e Oeste, onde representa, respectivamente 90% e 66% da área base de culturas hortícolas da região. As hortícolas intensivas ao ar livre, assumem na generalidade das regiões, valores entre 32% e 51% da área base de horticultura, à excepção do Alentejo e Algarve, onde representam somente 10% e 13% da área, respectivamente. O Algarve, que regista 29% da área de horticultura ocupada com intensivas em estufa, evidencia-se como a região onde este aproveitamento é mais representativo.

Gráfico 1.5

Área por regime/modo de instalação, por região

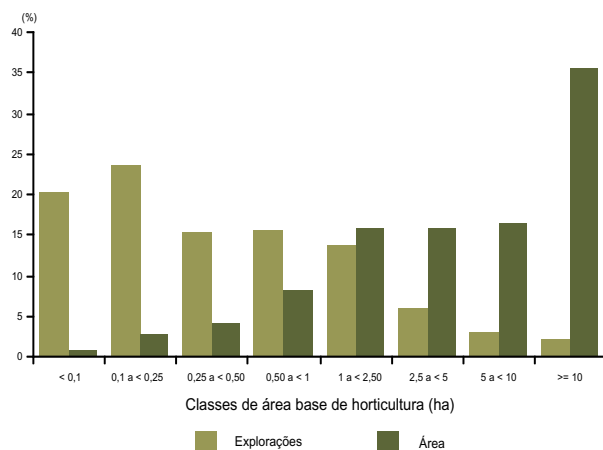


Estrutura das explorações hortícolas

A área média de culturas hortícolas por exploração é de 1,26 ha. Para este indicador, contribuem decisivamente as explorações com áreas base de horticultura iguais ou superiores a 5 ha, que embora representem somente 5% do total de explorações, detêm 53% da área base total com culturas hortícolas.

Gráfico 1.6

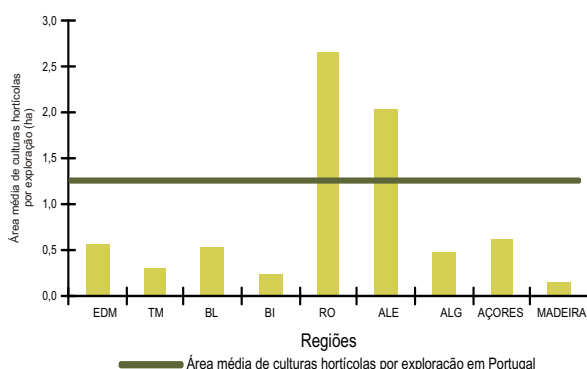
Explorações e área por classes de área base de horticultura



Regionalmente, a área média de culturas hortícolas por exploração, reflecte as assimetrias existentes relativas à estrutura fundiária, atingindo o seu máximo no Ribatejo e Oeste e Alentejo, com 2,6 ha e 2 ha, respectivamente e o mínimo na Madeira com 0,16 ha.

Gráfico 1.7

Área média de culturas hortícolas por exploração, por região

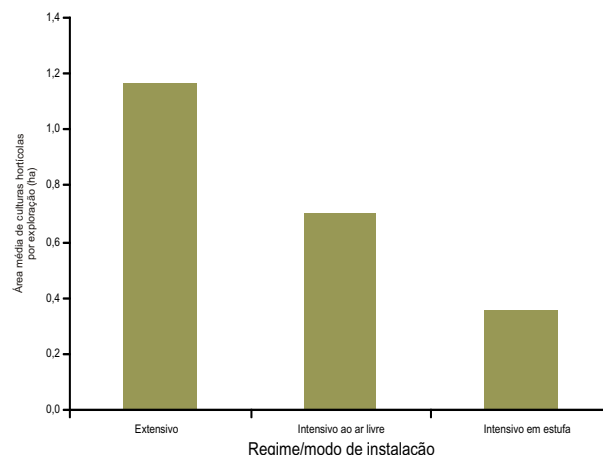


A área média de culturas hortícolas por exploração, no que respeita ao regime/modo de instalação, assume o seu valor máximo nas hortícolas extensivas (1,17 ha), reflectindo, uma vez mais, a ligação

existente entre este regime e as culturas hortícolas para transformação industrial, usualmente efectuadas em maiores áreas de cultivo. A área média de hortícolas intensivas ao ar livre por exploração (0,7 ha), bastante inferior à registada nas hortícolas extensivas, é praticamente o dobro da área média das intensivas em estufa (0,4 ha).

Gráfico 1.8

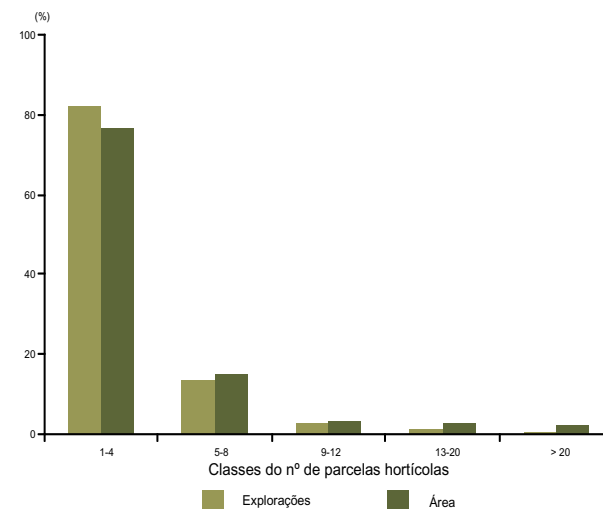
Área média de culturas hortícolas por exploração, por regime/modo de instalação



No que respeita ao número e dimensão das parcelas hortícolas, cerca de 82% das explorações com culturas hortícolas apresentam menos de 5 parcelas hortícolas, tendo cada exploração, em média, 3,1 parcelas com uma dimensão média de 0,4 ha.

Gráfico 1.9

Explorações e área com culturas hortícolas por classes do número de parcelas hortícolas

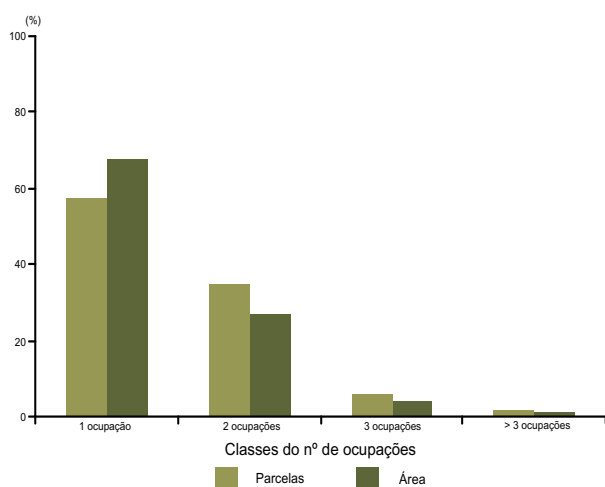


Estrutura das explorações hortícolas

Como seria de esperar, face ao predomínio das hortícolas extensivas, a maioria das parcelas (57%), a que corresponde 68% da área base com culturas hortícolas, tem, durante o ano, uma só ocupação com culturas hortícolas. Com mais de duas ocupações, registaram-se 8% de parcelas, onde se efectua 5% da área de culturas hortícolas.

Gráfico 1.10

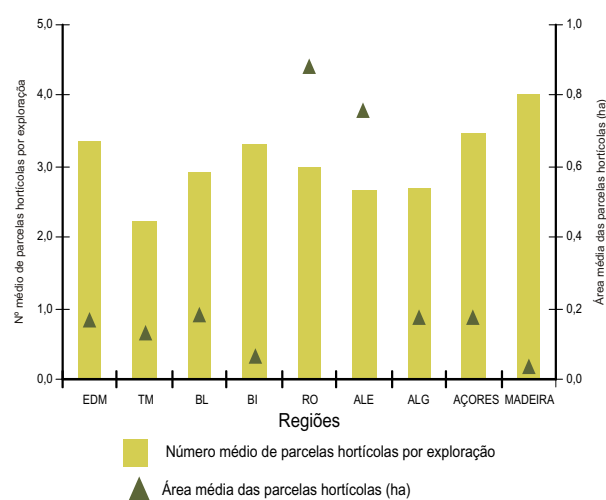
Número médio de ocupações da parcela hortícola durante o ano



Regionalmente, o número médio de parcelas hortícolas por exploração varia entre 2,2 em Trás-os-Montes e 4 na Madeira. Quanto à dimensão média das parcelas, o Ribatejo e Oeste (0,89 ha) e o Alentejo (0,76 ha) registam, destacadamente, os maiores valores, apresentando a Madeira e a Beira Interior as menores dimensões com 0,04 ha e 0,07 ha, respectivamente. Realce para a, já esperada, maior dimensão das parcelas no Ribatejo e Oeste e Alentejo e ainda para as regiões da Beira Interior e Madeira, que registam um número de parcelas superior à média nacional, mas de menores dimensões.

Gráfico 1.11

Número e dimensão média das parcelas hortícolas por região



Estrutura das explorações hortícolas

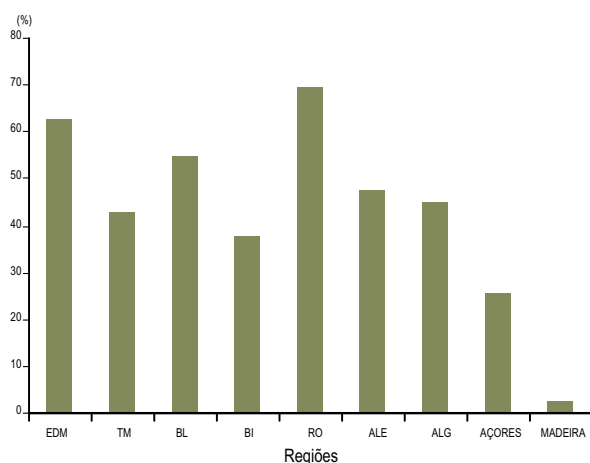
1.2. Máquinas, equipamentos e instalações

1.2.1. Máquinas e equipamentos

Das 25 165 explorações com culturas hortícolas 51% dispõem de tractor; o Ribatejo e Oeste, o Entre-Douro e Minho e a Beira Litoral são as regiões em que a presença de tractor nas explorações é mais expressiva, respectivamente, 70%, 63% e 55% das explorações; nos Açores e na Madeira apenas possuem tractor 25% e 2% das explorações, respectivamente.

Gráfico 1.12

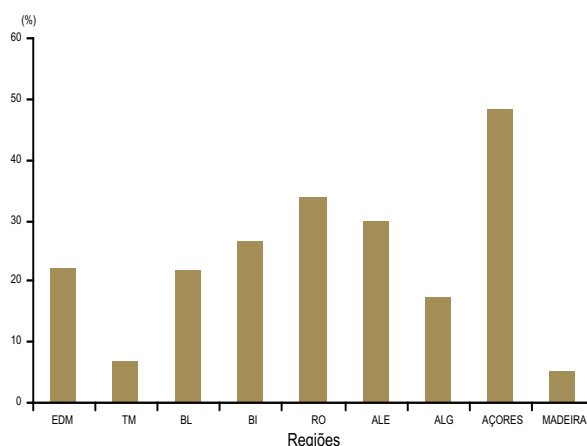
Explorações com tractor por região



Os motocultivadores, existentes em 24% das explorações com culturas hortícolas, são mais frequentes nas explorações dos Açores (48%) e do Ribatejo e Oeste (34%).

Gráfico 1.13

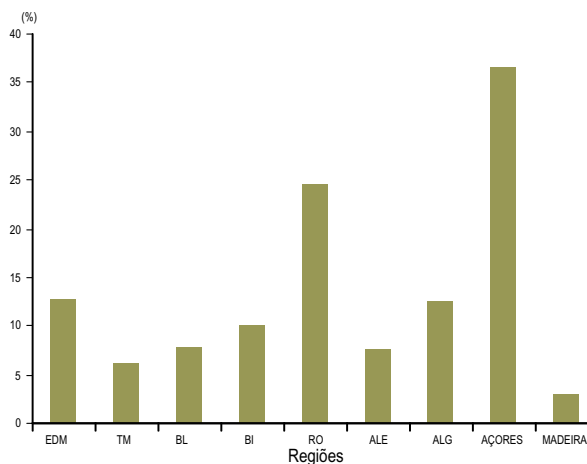
Explorações com motocultivador por região



As motoenxadas/motofresas, presentes em 14% das explorações com culturas hortícolas, são predominantes nas explorações dos Açores (37%) e Ribatejo e Oeste (24%).

Gráfico 1.14

Explorações com motoenxadas/motofresas por região



Quadro 1.2

Tractores, motocultivadores e motoenxadas/motofresas por região

Regiões	Tractores			Motocultivadores			Motoenxadas/motofresas		
	Expl.(nº)	% Expl. com tractor	Maq. (nº)	Expl.(nº)	% Expl. com motocultivador	Maq. (nº)	Expl.(nº)	% Expl. com motoenxadas/motofresas	Maq. (nº)
PORTUGAL	12 711	51	15 375	5 918	24	6 755	3 521	14	3 818
CONTINENTE	12 548	58	15 202	5 593	26	6 409	3 307	15	3 576
EDM	1 952	63	2 166	683	22	744	396	13	412
TM	401	43	441	64	7	66	56	6	68
BL	1 815	55	2 048	718	22	745	264	8	292
BI	264	38	298	186	27	208	70	10	70
RO	5 427	69	7 075	2 628	34	3 291	1 909	24	2 108
ALE	1 135	47	1 437	716	30	750	181	8	182
ALG	1 553	45	1 738	596	17	604	432	12	445
AÇORES	87	25	94	167	48	186	126	37	132
MADEIRA	76	2	79	159	5	161	88	3	110

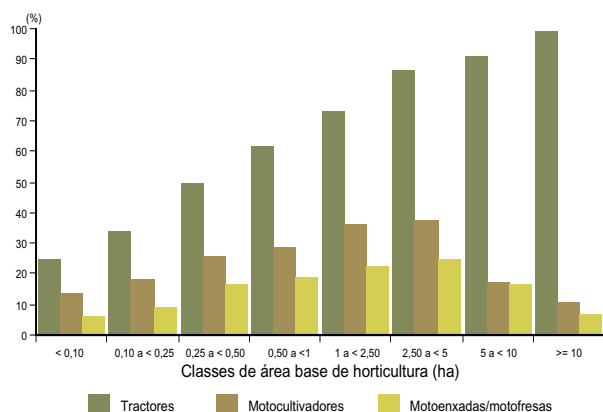
Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

Analisando a percentagem de explorações com tractor, por classes de área base de horticultura, verifica-se que este indicador aumenta com a dimensão das explorações, registando-se valores acima dos 90%, nas classes de área iguais ou superiores a 5 ha. No que respeita à utilização dos motocultivadores e motoenxadas/motofresas, a percentagem de explorações aumenta até à classe de área de 2,5 a < 5 ha, caindo bastante a partir daí.

Gráfico 1.15

Explorações com tractores, motocultivadores e motoenxadas/motofresas por classes de área base de horticultura



Relativamente às restantes máquinas e equipamentos utilizados nas culturas hortícolas, realce para a fraca mecanização registada, quer nos trabalhos de preparação do terreno, plantação/semearia, fertilização e fitossanidade, quer nos trabalhos de pós-colheita.

Quadro 1.3

Outras máquinas e equipamentos utilizados nas culturas hortícolas

Máquinas e Equipamentos	Expl.(nº)	Maq.(nº)	% Expl. com máq.
Distribuidores de plástico	604	617	2,4
Máquina de desinfecção do solo	243	245	1,0
Semeadores	1 676	1 807	6,7
Plantadores/transplantadores	1 647	1 733	6,5
Distribuidores/espalhadores de estrume	878	908	3,5
Distribuidores de adubo	2 733	2 870	10,9
Pulverizadores/polvilhadores	6 790	7 356	27,0
Calibradores	145	149	0,6
Máquina de lavar/limpar hortícolas	413	422	1,6
Máquina de embalar hortícolas	33	33	0,1
Veículos ligeiros de mercadorias	9 387	10 228	37,3
Veículos pesados de mercadorias	1 277	1 421	5,1
Veículos climatizados	103	120	0,4

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

1.2.2. Rega

De acordo com o IH2000, cerca de 91% do total de explorações com culturas hortícolas dispõem de um sistema de rega. A rega por regos/sulcos, a rega por aspersão fixa/móvel e a rega gota-a-gota, constituem os principais tipos de rega utilizados pelas explorações com culturas hortícolas, recorrendo a eles, respectivamente, 54%, 32% e 26% das explorações que regam.

Quadro 1.4

Tipos de rega utilizados nas culturas hortícolas por região

Regiões	Explorações que regam (nº)	Explorações (nº) que dispõem de					Explorações que utilizam fertirrega (nº)
		Regos /sulcos	Gota-a-gota	Micro-aspersão	Aspersão fixa/móvel	Outros	
PORTUGAL	22 909	12 392	5 837	2 688	7 330	1 499	2 899
CONTINENTE	19 874	9 548	5 641	2 601	7 243	1 420	2 845
EDM	2 853	1 291	705	626	1 495	243	229
TM	924	840	95	73	167	16	55
BL	3 240	1 682	316	356	1 966	74	87
BI	629	605	13	14	136	6	2
RO	7 184	1 676	3 009	1 225	3 117	778	1787
ALE	2 331	1 684	729	80	132	43	243
ALG	2 713	1 770	774	227	229	260	442
AÇORES	125	22	84	10	42	12	5
MADEIRA	2 910	2 821	112	77	45	67	49

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

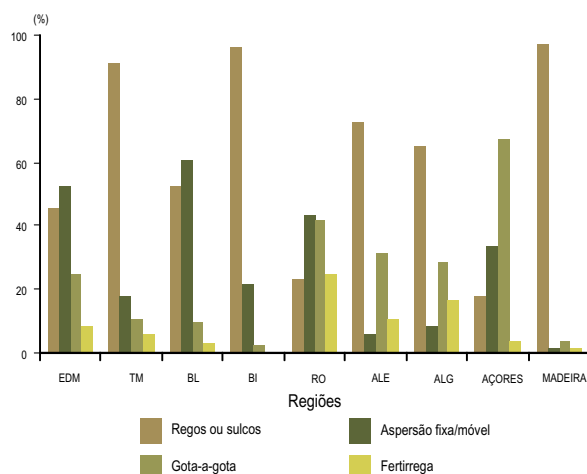
Estrutura das explorações hortícolas

Analisando a importância dos principais tipos de rega nas diferentes regiões agrárias, verifica-se que a rega por regos/sulcos apresenta maior expressão em Trás-os-Montes, Beira Interior e Madeira, sendo nestas regiões utilizada por mais de 90% das explorações que regam; a rega por aspersão fixa/móvel é predominante nas explorações da Beira Litoral (61%), Entre-Douro e Minho (52%) e Ribatejo e Oeste (43%); a rega gota-a-gota é mais frequente nas explorações dos Açores (67%), Ribatejo e Oeste (42%), Alentejo (31%) e Algarve (29%).

Das explorações com culturas hortícolas que regam, somente 13% recorrem à fertirrega, constituindo o Ribatejo e Oeste e o Algarve as regiões onde um maior número de explorações utilizam este sistema, 25% e 16%, respectivamente.

Gráfico 1.16

Utilização dos diferentes tipos de rega e fertirrega nas explorações por região



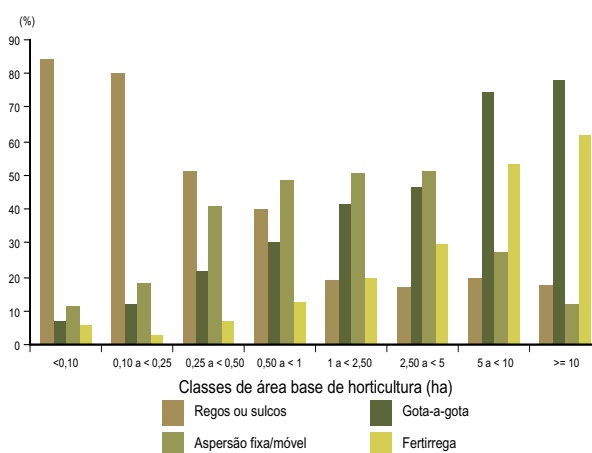
A análise da percentagem de explorações que utilizam os principais tipos de rega, por classes de área base de horticultura, evidencia que a rega por regos/sulcos está associada às explorações de pequenas dimensões, registando-se valores superiores a 80% nas classes de área de horticultura inferiores a 0,25 ha.

A aspersão fixa/móvel é mais frequente nas classes de área de horticultura de 0,5 ha a < 5 ha, onde cerca de 50% das explorações a utilizam. Relativamente à rega gota-a-gota, o número de explorações que a ela recorrem aumenta com a dimensão destas, atingindo valores superiores a 70% nas classes de área iguais ou superiores a 5 ha.

A fertirrega é mais frequente nas explorações com maior dimensão, possuindo este sistema, cerca de 57% das explorações com áreas iguais ou superiores a 5 ha.

Gráfico 1.17

Utilização dos diferentes tipos de rega e fertirrega nas explorações por classes de área base de horticultura



1.2.3. Estufas

O parque de estufas com culturas hortícolas é constituído por 13 026 unidades que estão presentes em 3 295 explorações, ocupando uma área de 1 177 ha. O Algarve e o Ribatejo e Oeste detêm, em conjunto, 74% da área e 42% das explorações. As estufas têm ainda importância no Entre-Douro e Minho e na Beira Litoral com, respectivamente, 34% e 14% das explorações a ocuparem 15% e 7% da área; nas restantes regiões, este tipo de instalações não tem expressão.

Quadro 1.5 Estufas por região

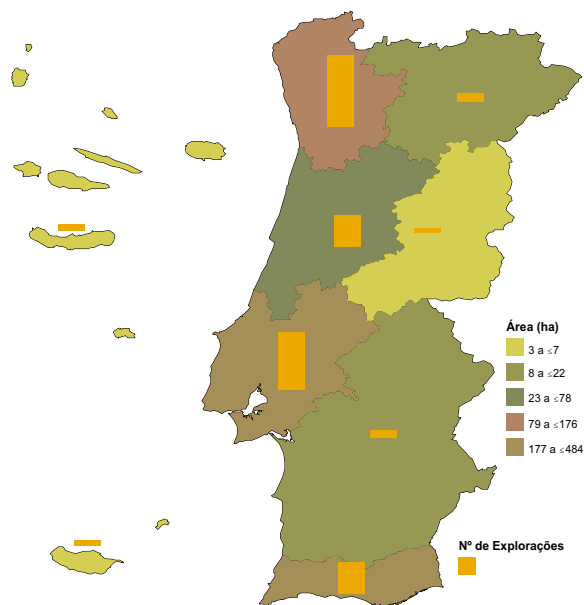
Regiões	Expl.(nº)	Área (ha)	Estufas (nº)	Nº médio de estufas por exploração	Área média de estufas por exploração (ha)	Área média das estufas (ha)
PORTUGAL	3 295	1 177	13 026	4	0,36	0,09
CONTINENTE	3 175	1 162	12 558	4	0,37	0,09
EDM	1 125	176	3 217	3	0,16	0,05
TM	99	14	222	2	0,14	0,06
BL	473	78	1 728	4	0,17	0,05
BI	31	3	68	2	0,10	0,04
RO	895	385	5 430	6	0,43	0,07
ALE	73	22	245	3	0,30	0,09
ALG	478	484	1 648	3	1,01	0,29
AÇORES	72	7	291	4	0,10	0,03
MADEIRA	49	7	177	4	0,14	0,04

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

Cartograma 1.2

Distribuição regional das explorações e área com estufas

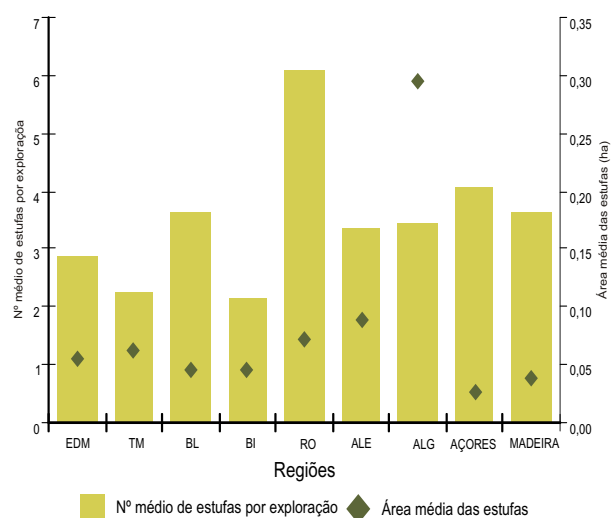


A área média de estufas por exploração é de 0,36 ha, sendo este valor excedido no Algarve e no Ribatejo e Oeste que registam, respectivamente, 1ha e 0,43 ha. Por exploração existem em média 4 estufas, com uma área média de 0,09 ha.

O Ribatejo e Oeste regista o maior número de estufas por exploração, enquanto o Algarve, com apenas 3 estufas por exploração, apresenta em média, a maior dimensão por estufa, com 0,29 ha.

Gráfico 1.18

Número e dimensão média das estufas por região



As estufas em arco/capela são as mais frequentes, representando 77% do número total de estufas e 87% da área; dentro deste tipo, destacam-se as estufas múltiplas e simples que registam, respectivamente,

48% e 26% da área de estufas. As estufas em túnel representam 22% do total de estufas e ocupam 11% da área.

Quadro 1.6

Tipos de estufa

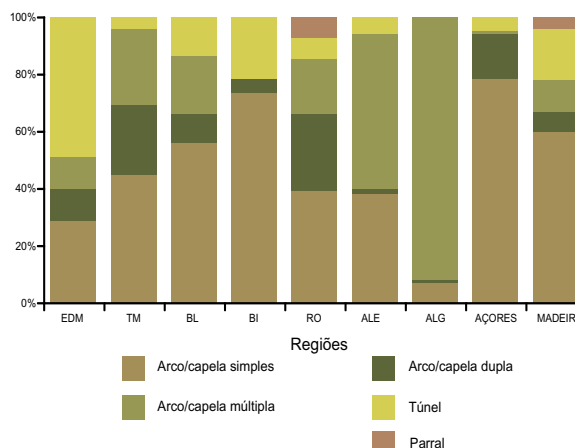
Tipo de Estufa	Estufas (nº)	Área (ha)	Área média das estufas (ha)
Arco/capela simples	6 130	309	0,05
Arco/capela dupla	1 894	140	0,07
Arco/capela múltipla	2 026	569	0,28
Túnel	2 882	130	0,05
Parral	94	29	0,31

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Regionalmente, as estufas em arco/capela ocupam mais de 78% da área, à excepção do Entre-Douro e Minho, onde os túneis representam 49% da área de estufas da região.

Gráfico 1.19

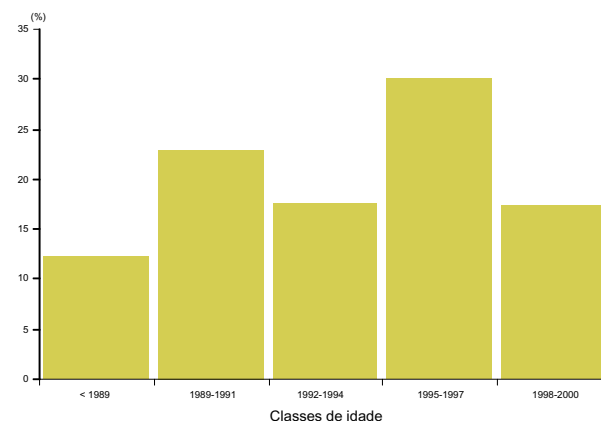
Área de estufas por tipo, por região



O parque de estufas apresenta-se razoavelmente renovado, com 47% da área de estufas com menos de 7 anos; com mais de 12 anos, há 12% da área de estufas.

Gráfico 1.20

Área de estufas por classes de idade

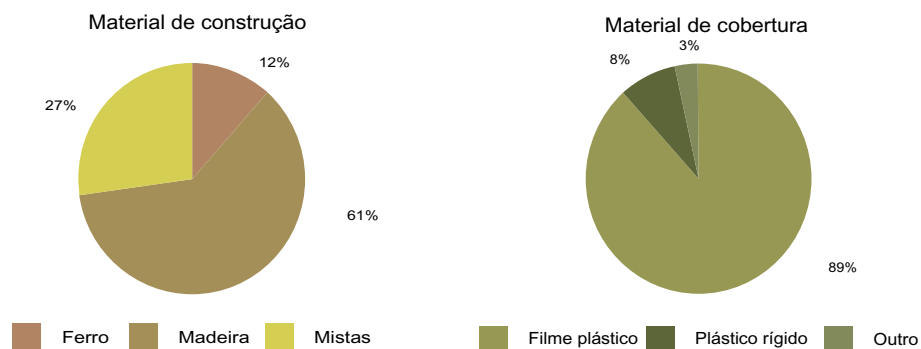


Estrutura das explorações hortícolas

Dos 1 177 ha de estufas, 61% correspondem a estufas construídas em madeira, 12% em ferro e 27% em estruturas mistas. Quanto aos materiais de cobertura, o filme plástico é utilizado em 89% da área de estufas, enquanto o plástico rígido está presente em apenas 8% da área.

Gráfico 1.21

Área de estufas segundo o tipo de material de construção e de cobertura



O condicionamento ambiental nas estufas é praticamente inexistente, à excepção do arejamento utilizado em 98% da área de estufas. Quanto ao tipo de arejamento, cerca de 73% da área possui somente arejamento lateral (janelas) e 12% só arejamento zenital (superior); em 15% da área de estufas, coexistem os dois tipos de arejamento.

Estrutura das explorações hortícolas

1.3. Mão-de-obra na horticultura

Das 25 165 explorações apuradas no IH2000, cerca de 98% recorrem a mão-de-obra familiar, 9% a mão-de-obra assalariada permanente e 39% a mão-de-obra assalariada eventual; a mão-de-obra não contratada directamente pelo produtor e a entreaajuda são utilizadas, respectivamente, em 31% e 23% do total de explorações com culturas hortícolas.

Quadro 1.7

Explorações e indivíduos segundo o tipo de mão-de-obra por região

Regiões	Mão-de-obra									
	Familiar		Assalariada				Não contratada direct. pelo produtor		Entreajuda	
			Permanente		Eventual					
	Expl.(nº)	Indivíduos (nº)	Expl.(nº)	Indivíduos (nº)	Expl.(nº)	Indivíduos (nº)	Expl.(nº)	Dias trabalho (nº)	Expl.(nº)	Dias trabalho (nº)
PORTUGAL	24 670	49 830	2 293	5 951	9 828	33 033	7 719	37 137	5 751	102 920
CONTINENTE	21 267	43 678	1 784	4 813	7 818	27 089	7 464	36 645	5 374	99 222
EDM	3 042	7 128	361	503	826	1 764	898	1 105	783	15 256
TM	925	2 137	61	164	393	1 837	516	511	230	3 185
BL	3 260	6 638	301	812	1 450	4 854	1 714	1 839	1 610	26 750
BI	664	1 075	89	310	108	285	135	140	244	2 094
RO	7 612	16 313	569	1 490	3 872	13 191	2 715	20 373	1 512	31 248
ALE	2 306	4 426	218	964	707	3 734	896	11 486	705	15 670
ALG	3 458	5 961	185	570	462	1 424	590	1 190	290	5 018
AÇORES	318	525	87	158	216	811	218	324	41	1 001
MADEIRA	3 085	5 627	422	980	1 794	5 134	37	168	337	2 698

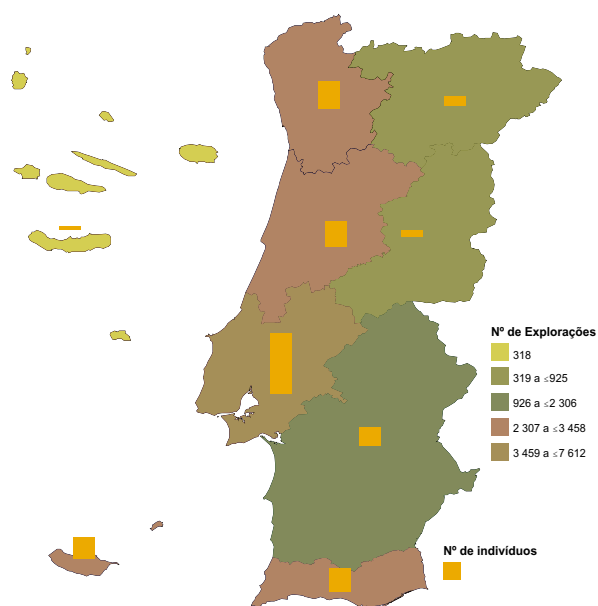
Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

1.3.1. Mão-de-obra familiar

Analisando a distribuição da mão-de-obra familiar ocupada na horticultura pelas regiões, constata-se que no Ribatejo e Oeste estão concentradas 31% das explorações hortícolas do País e 33% do número total de trabalhadores familiares. Seguem-se as regiões do Entre-Douro e Minho, Beira Litoral, Algarve e Madeira que, de forma bastante equitativa, representam em conjunto, 52% do total de explorações e 51% do número total de trabalhadores familiares.

Cartograma 1.3

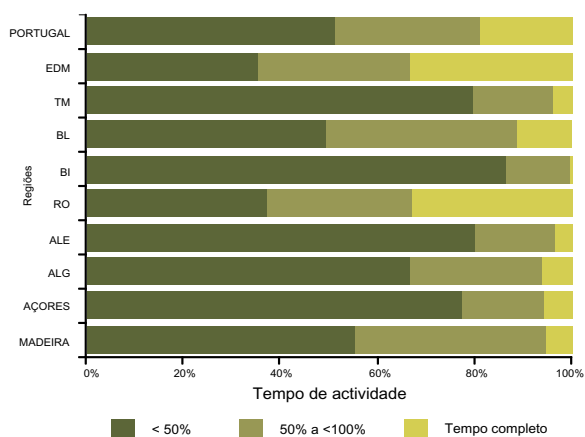
Distribuição regional das explorações e indivíduos afectos à mão-de-obra familiar



No que respeita à ocupação do tempo de trabalho, dos 49 830 trabalhadores familiares 19% declararam trabalhar a tempo completo nas culturas hortícolas. Em termos regionais as assimetrias são evidentes, destacando-se por um lado o Entre-Douro e Minho e o Ribatejo e Oeste, onde 2/3 dos trabalhadores trabalham a tempo completo e por outro o Alentejo e a Beira Interior com, respectivamente, 3% e 1% de trabalhadores a tempo completo. Com uma ocupação nas culturas hortícolas inferior a 50% do tempo completo, encontram-se 51% dos trabalhadores, tendo o Entre-Douro e Minho e o Ribatejo e Oeste os valores mais baixos, próximos de 37%; a Beira Interior, Trás-os-Montes, Alentejo e Açores têm valores superiores a 76%.

Gráfico 1.22

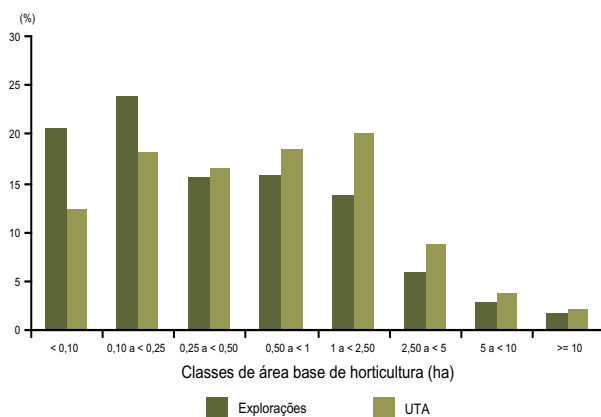
Distribuição dos trabalhadores familiares segundo o tempo de actividade, por região



Relativamente à dimensão das explorações que recorrem a este tipo de mão-de-obra, cerca de 60% registam menos de 0,5 ha de área base de horticultura, totalizando 47% do total de UTA (Unidade de Trabalho Ano) familiares.

Gráfico 1.23

Mão-de-obra familiar por classes de área base de horticultura

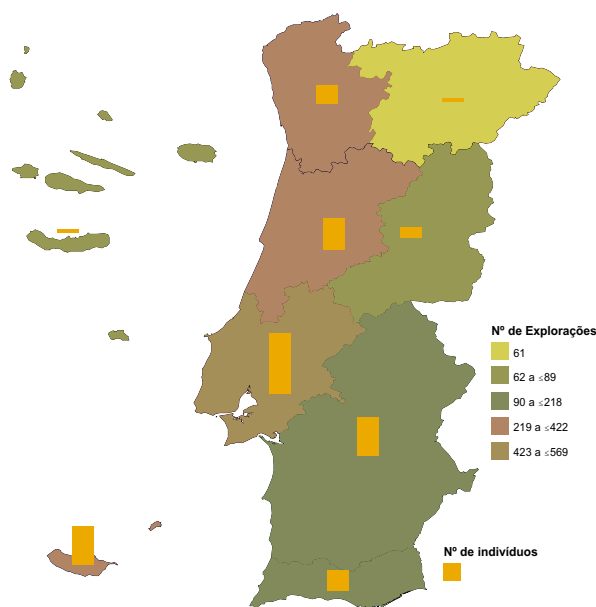


1.3.2. Mão-de-obra assalariada permanente

Cerca de 25% do número total de explorações com culturas hortícolas que declararam utilizar mão-de-obra assalariada permanente na horticultura, estão situadas no Ribatejo e Oeste, representando 25% do número total de trabalhadores assalariados permanentes do País; a Beira Litoral, Alentejo e Madeira, representam, em conjunto, 41% do total de explorações e 46% do total de trabalhadores.

Cartograma 1.4

Distribuição regional das explorações e indivíduos afectos à mão-de-obra assalariada permanente

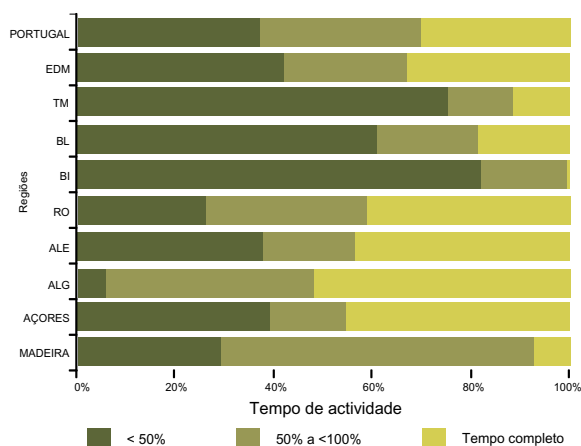


Estrutura das explorações hortícolas

Na ocupação do tempo de trabalho, 31% dos 2 293 trabalhadores assalariados permanentes, trabalham a tempo completo nas culturas hortícolas da exploração e cerca de 37% menos de 50% do tempo de trabalho. O Algarve, que tem a maior área de hortícolas em estufa, é a região onde a percentagem de trabalhadores a tempo completo é maior (52%), apresentando somente 6% de trabalhadores com menos de 50% do tempo de trabalho.

Gráfico 1.24

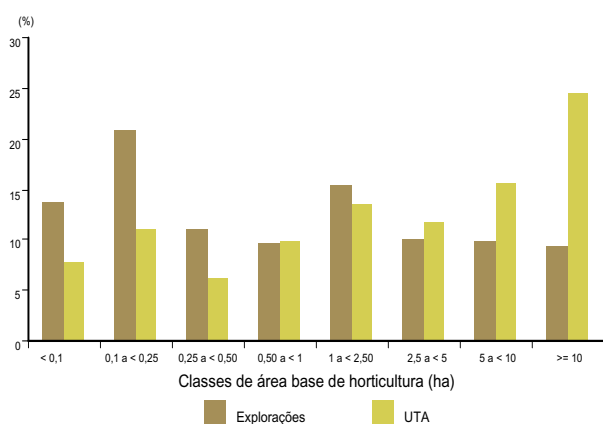
Distribuição dos trabalhadores assalariados permanentes segundo o tempo de actividade por região



Analisando a percentagem de explorações que recorrem à mão-de-obra assalariada permanente por classes de área base de horticultura, verifica-se que 55% registam áreas inferiores a 1 ha, sendo responsáveis por 35% do total de UTA deste tipo de mão-de-obra.

Gráfico 1.25

Mão-de-obra assalariada permanente por classes de área base de horticultura

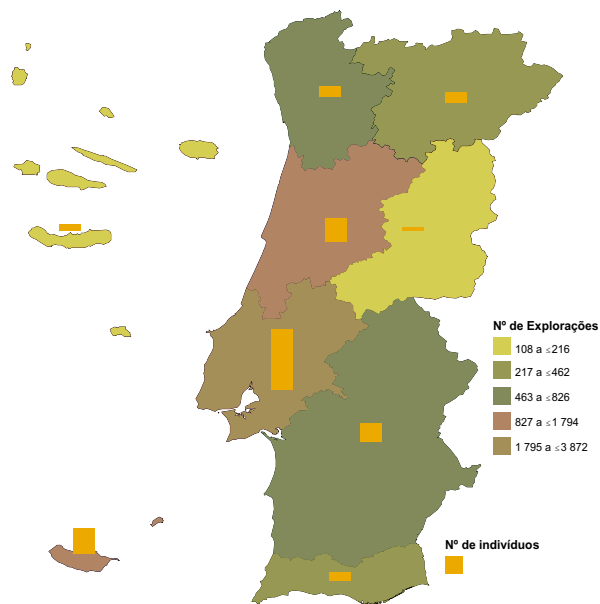


1.3.3. Mão-de-obra assalariada eventual

Na distribuição da mão-de-obra eventual por região, verifica-se que no Ribatejo e Oeste estão concentrados cerca de 40% do total de explorações e trabalhadores do País. A Beira Litoral, o Alentejo e a Madeira representam, em conjunto, 40% do total de explorações e 42% do total de trabalhadores eventuais.

Cartograma 1.5

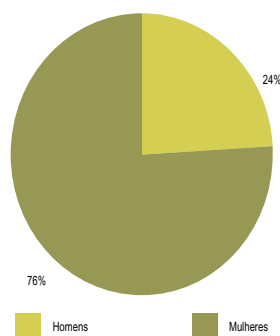
Distribuição regional das explorações e indivíduos afectos à mão-de-obra assalariada eventual



A mão-de-obra assalariada eventual afecta às culturas hortícolas é predominantemente feminina. De acordo com a informação apurada, cerca de 68% dos trabalhadores eventuais são mulheres, que perfazem 76% do número total de dias contratados.

Gráfico 1.26

Dias de trabalho eventual por sexo

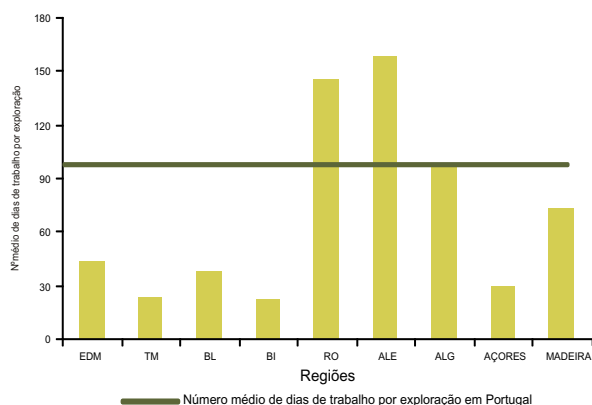


Estrutura das explorações hortícolas

O número médio de dias de trabalho eventual por exploração é de 98, ultrapassando o Alentejo e o Ribatejo e Oeste a média nacional com, respectivamente, 158 e 145 dias. A Beira Interior e Trás-os-Montes, com 23 e 24 dias de trabalho eventual por exploração, registam os valores mais baixos.

Gráfico 1.27

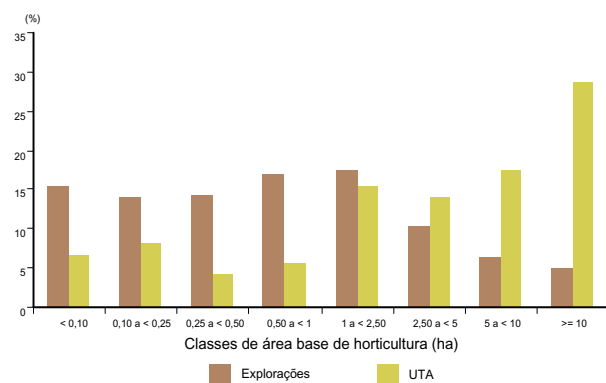
Número médio de dias de trabalho eventual por exploração, por região



Relativamente à dimensão das explorações que recorrem a este tipo de mão-de-obra, cerca de 61% das explorações registam menos de 1 ha de área base de horticultura, totalizando 25% do total de UTA assalariadas eventuais.

Gráfico 1.28

Mão-de-obra assalariada eventual por classes de área base de horticultura



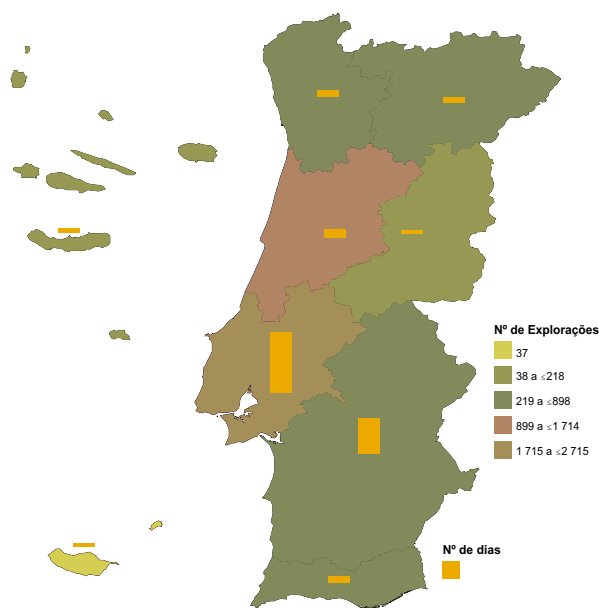
1.3.4. Mão-de-obra não contratada directamente pelo produtor

As explorações que recorrem à mão-de-obra não contratada directamente pelo produtor, 7 719, estão

concentradas no Ribatejo e Oeste (35%), Beira Litoral (22%), Entre-Douro e Minho (12%) e Alentejo (12%); em termos de dias de trabalho o Ribatejo e Oeste e o Alentejo representam 86% do total.

Cartograma 1.6

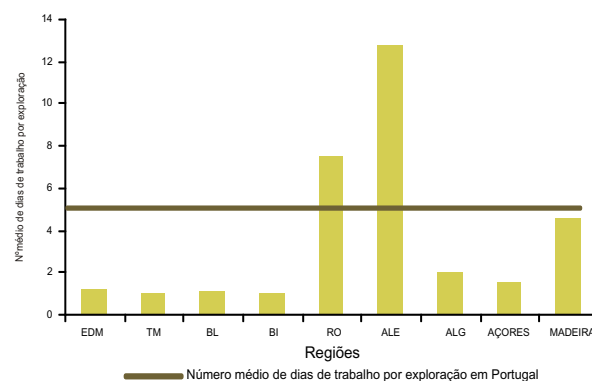
Distribuição regional das explorações e dias de trabalho afectos à mão-de-obra não contratada directamente pelo produtor



A mão-de-obra não contratada directamente pelo produtor é, em média, de 5 dias de trabalho por exploração, com um máximo de 13 dias no Alentejo e um mínimo inferior a 1 dia em Trás-os-Montes.

Gráfico 1.29

Número médio de dias de trabalho não contratada directamente pelo produtor por exploração, por região

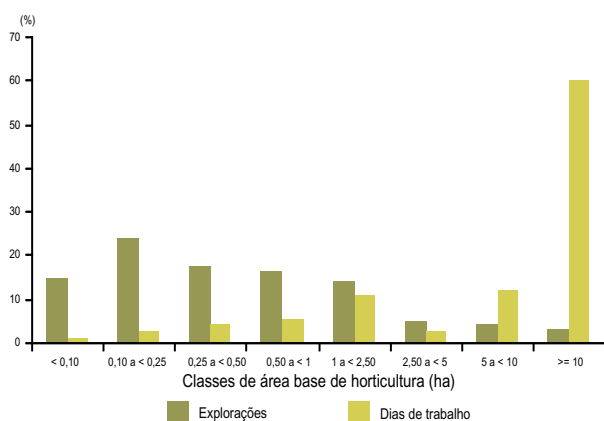


Estrutura das explorações hortícolas

Cerca de 73% das explorações que recorrem a este tipo de mão-de-obra têm uma área base de horticultura inferior a 1 ha, registando 14% do total de dias de trabalho contratados.

Gráfico 1.30

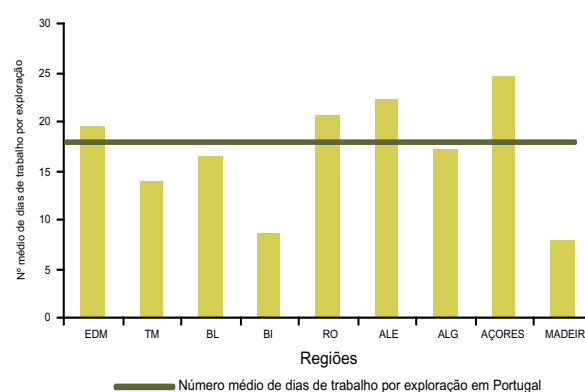
Mão-de-obra não contratada directamente pelo produtor por classes de área base de horticultura



A entreajuda representa em média 18 dias de trabalho por exploração, com um máximo de 25 dias nos Açores e um mínimo de 8 dias na Madeira.

Gráfico 1.31

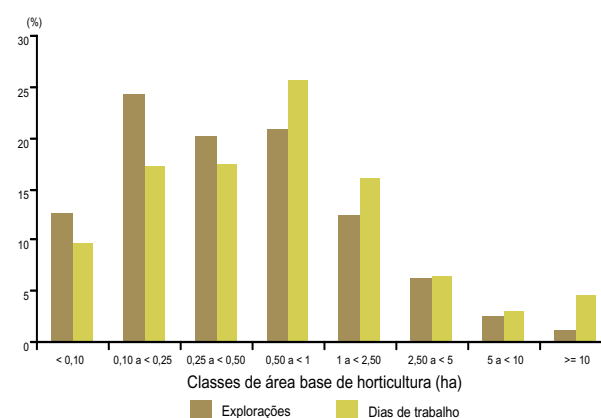
Número médio de dias de trabalho em entreajuda por exploração, por região



O recurso à entreajuda está mais generalizado nas explorações de menores dimensões. Com efeito, cerca de 78% das explorações que recorrem a este tipo de mão-de-obra, têm menos de 1 ha de área base de horticultura, sendo responsáveis por 70% do total de dias de trabalho.

Gráfico 1.32

Mão-de-obra em entreajuda por classes de área base de horticultura

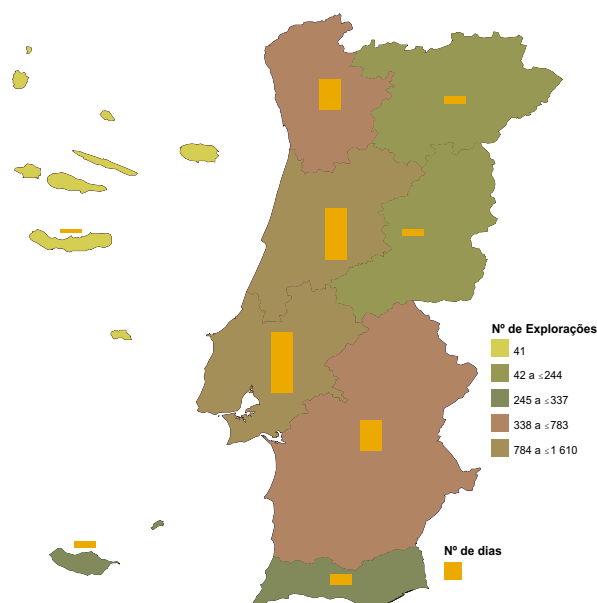


1.3.5. Entreajuda

Em Portugal 5 751 explorações recorrem à entreajuda, perfazendo um total de 102 920 dias de trabalho. Estas explorações estão concentradas na Beira Litoral (28%), Ribatejo e Oeste (26%), Entre-Douro e Minho (14%) e Alentejo (12%), sendo estas regiões, em conjunto, responsáveis por 86% do total de dias de trabalho do País.

Cartograma 1.7

Distribuição regional das explorações e dias de trabalho em entreajuda



Estrutura das explorações hortícolas

1.3.6. Volume de mão-de-obra

O volume de mão-de-obra hortícola é de 34 350 UTA, sendo o Ribatejo e Oeste a região que, destacadamente, mais mão-de-obra utiliza, com 41% do total de UTA do País.

Quadro 1.8

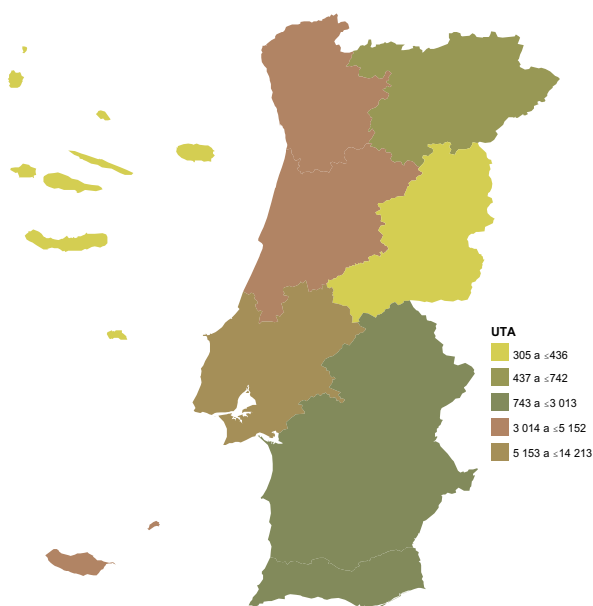
Volume de mão-de-obra hortícola

Regiões	Mão-de-obra (UTA)							Entre-ajuda	Não contr. direct. pelo produtor
	Total	Familiar	Assalariada						
			Total	Perma-nente	Eventual				
					Total	Homens	Mulheres		
PORTUGAL	34 350	26 013	7 754	3 758	3 995	971	3 025	429	155
CONTINENTE	30 151	23 117	6 468	3 045	3 423	473	2 950	413	153
EDM	5 152	4 634	450	301	149	25	124	64	5
TM	742	633	93	54	39	8	31	13	2
BL	4 079	3 342	618	392	226	33	193	111	8
BI	436	300	127	117	10	8	3	9	1
RO	14 213	10 593	3 405	1 063	2 343	264	2 078	130	85
ALE	2 516	1 313	1 089	623	467	79	388	65	48
ALG	3 013	2 302	685	496	189	56	133	21	5
AÇORES	305	168	131	105	26	24	3	4	1
MADEIRA	3 894	2 728	1 155	608	546	474	72	11	1

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Cartograma 1.8

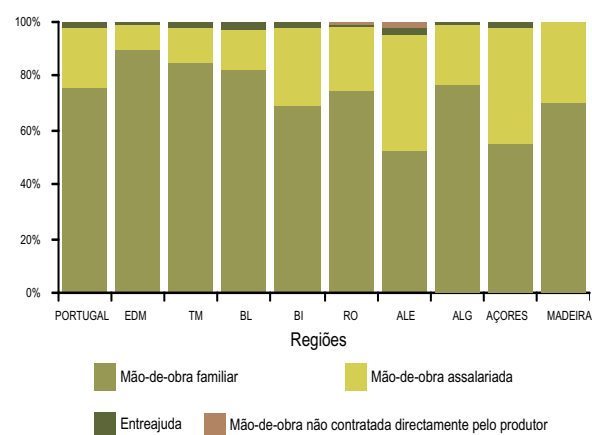
Distribuição regional do volume de mão-de-obra



A mão-de-obra assalariada regista 23% do total de UTA, apresentando-se, de entre as regiões com maior volume (Ribatejo e Oeste, Alentejo e Madeira), o Alentejo como a região que mais utiliza este tipo de mão-de-obra (43% do total de UTA da região).

Gráfico 1.33

UTA segundo o tipo de mão-de-obra por região



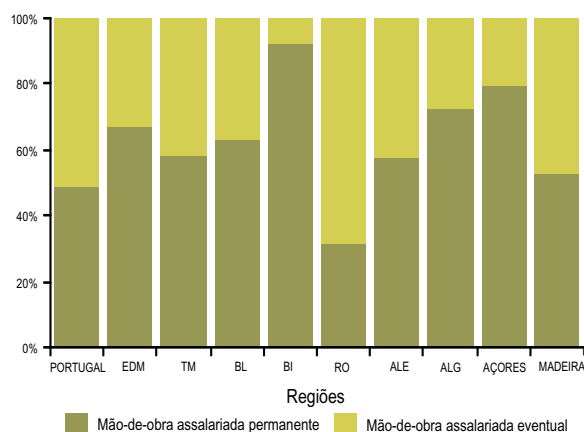
A mão-de-obra afecta às culturas hortícolas é predominantemente familiar (76% do total de UTA), utilizando o Ribatejo e Oeste e o Entre-Douro e Minho os maiores volumes deste tipo de mão-de-obra. Em termos de importância nas regiões e não obstante a mão-de-obra familiar registar, em todas elas, mais de metade do total de UTA, destaque para o Entre-Douro e Minho, onde este tipo de mão-de-obra atinge o seu máximo com 90% do total de UTA da região.

Estrutura das explorações hortícolas

A mão-de-obra assalariada permanente e eventual, em volume, reparte-se equitativamente no total nacional; regionalmente, a permanente predomina sobre a eventual, à excepção do Ribatejo e Oeste onde o volume de mão de obra eventual utilizado regista o seu máximo, com 69% do total de UTA assalariadas.

Gráfico 1.34

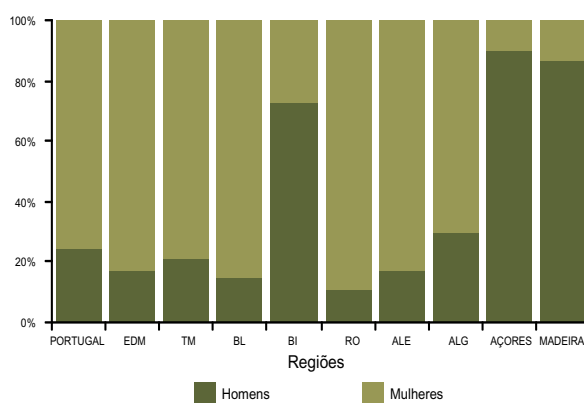
UTA assalariado permanente e eventual por região



A mão-de-obra eventual assenta essencialmente na feminização do trabalho, que representa 76% do total de UTA eventuais; no Ribatejo e Oeste, destacadamente a região mais consumidora de mão-de-obra eventual, 89% do total de UTA eventuais correspondem a trabalho feminino.

Gráfico 1.35

UTA assalariado eventual segundo o sexo por região

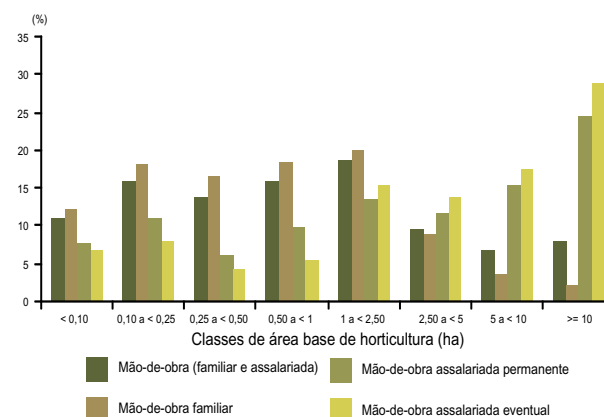


Analisando o volume de UTA por classes de área base de horticultura, verifica-se que 57% do total de UTA é utilizado pelas explorações com menos de 1 ha. O trabalho familiar está associado às explorações de menores dimensões, sendo 47% do total de UTA familiares gerado nas explorações com menos de 0,5 ha. O volume de trabalho assalariado permanente e eventual, está concentrado nas explorações de

maiores dimensões, com 40% e 46%, respectivamente, do total de UTA permanente e eventual, a verificar-se nas explorações com 5 ou mais hectares.

Gráfico 1.36

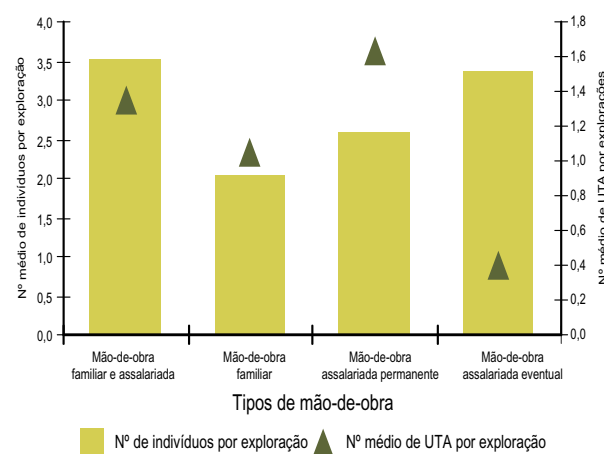
UTA por classes de área base de horticultura



O número médio de trabalhadores por exploração é de 3,5. Relativamente ao tipo de mão-de-obra, os grupos de trabalho familiar apresentam uma dimensão média de 2 indivíduos por exploração, os assalariados permanentes 2,6 indivíduos e os eventuais 3,4 indivíduos. Analisando os mesmos tipos de trabalho, em relação ao volume de mão-de-obra fornecido pelos indivíduos que os constituem, verifica-se que os 2 indivíduos por exploração apurados na mão-de-obra familiar (produtor e cônjuge, normalmente), geram apenas 1,1 UTA por exploração, o que significa que não dedicam todo o seu tempo de trabalho à horticultura. O mesmo se passa na mão-de-obra assalariada permanente em que, por exploração, 2,6 indivíduos geram em média 1,6 UTA. O trabalho eventual, embora registe os maiores grupos de trabalho em termos de indivíduos, é o que menos UTA por exploração gera (0,4), o que vem confirmar o seu carácter eventual face ao trabalho permanente.

Gráfico 1.37

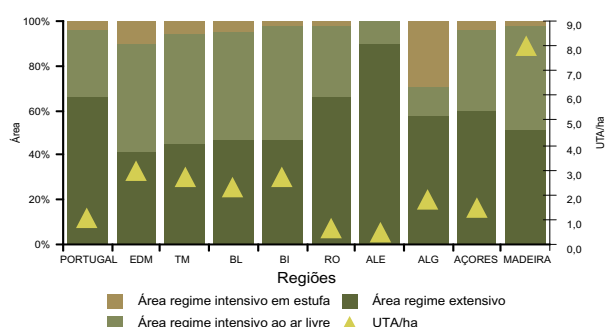
Dimensão média dos grupos de trabalho por exploração segundo o tipo de mão-de-obra



O volume de trabalho utilizado por unidade de superfície (UTA/ha de área base com culturas hortícolas) é de 1,1 UTA/ha para o País, sendo o Ribatejo e Oeste (0,7 UTA/ha) e o Alentejo (0,5 UTA/ha) as regiões onde este indicador é menor, dado o predomínio das culturas hortícolas extensivas, menos exigentes em mão-de-obra e mais passíveis de mecanização. A Madeira regista o maior volume de trabalho por unidade de superfície, com 8 UTA/ha.

Gráfico 1.38

Volume de trabalho por unidade de superfície, por região

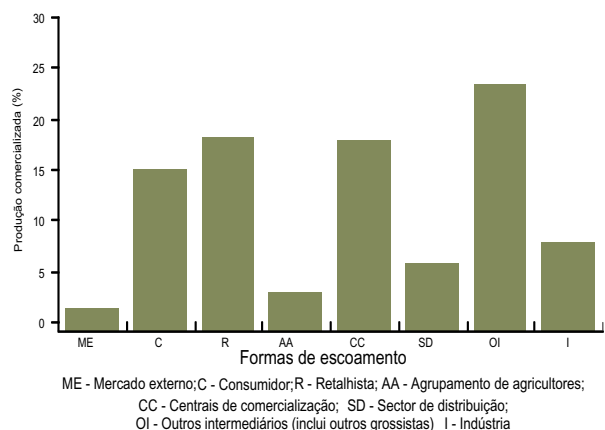


1.4. Comercialização e associativismo

A comercialização da produção hortícola em Portugal é efectuada através de múltiplas formas, não se destacando uma forma preferencial de escoamento. Assim, a produção hortícola comercializada é predominantemente escoada através da venda a outros intermediários (inclui outros grossistas), retalhistas, centrais de comercialização e directamente ao consumidor que, em conjunto, representam cerca de 78% do total do País. A indústria, o sector de distribuição e os agrupamentos de agricultores, são responsáveis, respectivamente, pelo escoamento de 9%, 7% e 4%, da produção; directamente para o mercado externo são escoados cerca de 2% da produção hortícola.

Gráfico 1.39

Formas de escoamento da produção hortícola comercializada

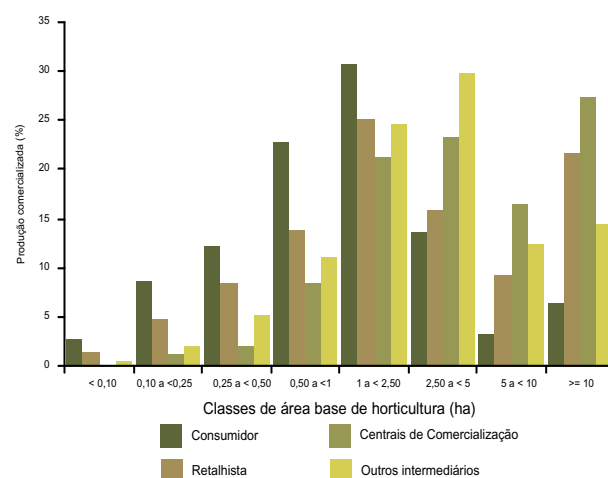


A leitura das principais formas de escoamento da produção, por classes de área base de horticultura, permite verificar que a produção vendida directamente ao consumidor aumenta com a dimensão das explorações até aos 2,5 ha, sendo 46% da produção escoada por esta forma, oriunda de explorações com menos de 1 ha. Da produção vendida a retalhistas e a outros intermediários (inclui outros grossistas) 41% e 55%, respectivamente, provem de explorações com áreas de horticultura de 1 a <5 ha e cerca de 22% e 15% de explorações com áreas iguais ou superiores a 10 ha. Cerca de 67% da produção vendida através das centrais de comercialização é proveniente de explorações com áreas de horticultura iguais ou superiores a 2,5 ha.

Relativamente às restantes formas de escoamento, 88% da produção escoada via mercado externo é oriunda das explorações com áreas base de horticultura iguais ou superiores a 10 ha e 55%, 67% e 72% da produção escoada, respectivamente, pelos agrupamentos de agricultores, sector de distribuição e indústria, são oriundos das explorações com áreas de horticultura iguais ou superiores a 5 ha.

Gráfico 1.40

Principais formas de escoamento da produção hortícola comercializada por classes de área base de horticultura

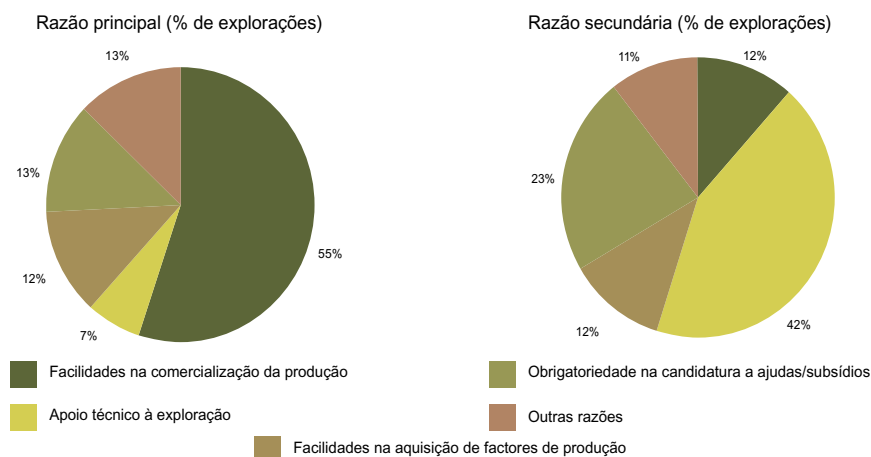


Estrutura das explorações hortícolas

Das 25 165 explorações com culturas hortícolas, apenas 11% são associadas de agrupamentos de agricultores ligados ao sector hortícola, tendo a facilidade na comercialização da produção sido apontada como a principal razão por 55% das explorações associadas; das explorações que apontaram uma razão secundária, 42% declararam estar associadas, devido ao apoio técnico prestado à exploração, por esses agrupamentos de agricultores.

Gráfico 1.41

Principais razões apontadas pelas explorações associadas de agrupamentos de agricultores



Estrutura das explorações hortícolas

1.5. Principais resultados do IH2000

QUADRO 1 - EXPLORAÇÕES E ÁREA BASE COM CULTURAS HORTÍCOLAS, POR CLASSES DE ÁREA BASE DE HORTICULTURA

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA		Total	Classes de área base de horticultura (ha)							
			< 0,10	0,10 a < 0,25	0,25 a < 0,50	0,50 a < 1	1 a < 2,50	2,50 a < 5	5 a < 10	>= 10
			2	3	4	5	6	7	8	9
1		2	3	4	5	6	7	8	9	10
PORTUGAL										
Culturas hortícolas	Expl.	25 165	5 116	5 951	3 879	3 929	3 471	1 488	789	542
	Área	31 763	270	911	1 340	2 622	5 012	5 010	5 247	11 351
Culturas hortícolas extensivas	Expl.	18 072	4 255	3 945	2 410	2 797	2 441	1 076	623	525
	Área	21 116	180	432	508	1 331	2 515	2 739	3 749	9 664
Culturas hortícolas intensivas ao ar livre	Expl.	13 563	1 778	3 361	2 666	2 260	2 182	892	295	129
	Área	9 470	76	420	704	1 101	2 143	2 062	1 373	1 592
Culturas hortícolas intensivas em estufa	Expl.	3 295	363	625	639	637	747	195	69	20
	Área	1 177	15	59	128	190	354	210	126	95
Continente										
Culturas hortícolas	Expl.	21 725	3 472	4 879	3 465	3 705	3 392	1 482	787	542
	Área	31 070	183	746	1 196	2 476	4 893	4 991	5 235	11 351
Culturas hortícolas extensivas	Expl.	15 316	2 812	3 173	2 104	2 624	2 385	1 070	621	525
	Área	20 741	106	346	435	1 258	2 463	2 726	3 742	9 664
Culturas hortícolas intensivas ao ar livre	Expl.	11 990	1 365	2 692	2 399	2 105	2 117	889	294	129
	Área	9 167	63	343	637	1 033	2 077	2 056	1 367	1 592
Culturas hortícolas intensivas em estufa	Expl.	3 175	339	592	614	619	731	193	67	20
	Área	1 162	14	56	125	185	352	210	125	95
Norte										
Culturas hortícolas	Expl.	4 038	769	1 081	836	844	449	43	14	2
	Área	1 990	43	173	297	598	609	153	...	...
Culturas hortícolas extensivas	Expl.	2 837	611	606	585	638	356	32	8	2
	Área	837	20	63	112	272	243	70	...	...
Culturas hortícolas intensivas ao ar livre	Expl.	2 555	372	611	554	581	392	33	10	1
	Área	963	15	79	147	269	319	77	...	...
Culturas hortícolas intensivas em estufa	Expl.	1 224	177	280	247	302	188	20	10	1
	Área	190	7	31	37	57	47	6	...	...
Entre-Douro e Minho										
Culturas hortícolas	Expl.	3 101	353	846	698	763	391	38	10	2
	Área	1 720	22	136	251	547	539	135	...	...
Culturas hortícolas extensivas	Expl.	2 154	251	494	491	567	316	29	4	2
	Área	717	11	52	97	245	219	65	...	...
Culturas hortícolas intensivas ao ar livre	Expl.	1 855	92	437	436	517	336	28	8	1
	Área	827	5	59	119	246	275	65	...	...
Culturas hortícolas intensivas em estufa	Expl.	1 125	159	238	225	297	180	19	6	1
	Área	176	6	25	34	55	45	5	...	...
Trás-os-Montes										
Culturas hortícolas	Expl.	936	416	235	138	81	58	5	4	-
	Área	271	20	36	46	51	70	18	30	-
Culturas hortícolas extensivas	Expl.	683	359	112	94	71	40	3	4	-
	Área	120	9	11	15	27	24	5	29	-
Culturas hortícolas intensivas ao ar livre	Expl.	700	280	174	118	64	57	5	2	-
	Área	136	10	20	28	22	44	...	...	-
Culturas hortícolas intensivas em estufa	Expl.	99	18	42	22	4	8	1	4	-
	Área	14	1	6	3	2	2	...	...	-

(continua)

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 1 - EXPLORAÇÕES E ÁREA BASE COM CULTURAS HORTÍCOLAS, POR CLASSES DE ÁREA BASE DE HORTICULTURA (continuação)

Unidades: Expl - nº; Área - ha

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA		Total	Classes de área base de horticultura (ha)							
			< 0,10	0,10 a < 0,25	0,25 a < 0,50	0,50 a < 1	1 a < 2,50	2,50 a < 5	5 a < 10	>= 10
1		2	3	4	5	6	7	8	9	10
Centro										
Culturas hortícolas	Expl.	4 013	1 105	1 067	853	631	261	55	32	9
	Área	1 897	55	167	304	434	355	185	214	182
Culturas hortícolas extensivas	Expl.	2 747	779	753	509	439	181	47	31	9
	Área	889	21	64	92	180	153	110	119	149
Culturas hortícolas intensivas ao ar livre	Expl.	2 998	640	825	755	492	221	33	28	5
	Área	926	31	95	200	241	183	57	86	31
Culturas hortícolas intensivas em estufa	Expl.	504	90	102	105	82	93	17	11	4
	Área	81	3	8	12	12	19	18	9	1
Beira Litoral										
Culturas hortícolas	Expl.	3 314	695	942	783	567	236	52	31	9
	Área	1 738	37	147	278	386	325	175	209	182
Culturas hortícolas extensivas	Expl.	2 198	492	640	442	381	160	44	30	9
	Área	815	15	56	85	158	136	99	117	149
Culturas hortícolas intensivas ao ar livre	Expl.	2 519	409	721	690	438	197	33	27	5
	Área	844	20	83	182	217	170	57	83	31
Culturas hortícolas intensivas em estufa	Expl.	473	84	99	100	71	88	16	10	4
	Área	78	3	8	11	11	18	18	9	1
Beira Interior										
Culturas hortícolas	Expl.	699	410	125	70	64	25	3	1	-
	Área	159	18	20	26	48	31	...	...	-
Culturas hortícolas extensivas	Expl.	549	288	113	66	57	21	3	1	-
	Área	74	7	8	8	23	17	...	...	-
Culturas hortícolas intensivas ao ar livre	Expl.	478	231	103	65	54	24	-	1	-
	Área	82	11	12	17	24	...	-	...	-
Culturas hortícolas intensivas em estufa	Expl.	31	6	3	5	10	5	1	1	-
	Área	3	0	0	1	1	0	...	...	-
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)										
Culturas hortícolas	Expl.	7 812	283	778	1 022	1 506	2 107	1 154	529	433
	Área	20 672	18	136	340	998	3 111	3 840	3 523	8 705
Culturas hortícolas extensivas	Expl.	4 952	135	366	495	996	1 361	791	385	422
	Área	13 701	5	54	95	547	1 460	1 916	2 340	7 284
Culturas hortícolas intensivas ao ar livre	Expl.	4 537	135	462	752	659	1 399	777	237	116
	Área	6 587	11	74	205	401	1 500	1 845	1 148	1 403
Culturas hortícolas intensivas em estufa	Expl.	895	35	136	136	115	319	114	29	11
	Área	385	2	8	40	50	151	80	35	18
Alentejo										
Culturas hortícolas	Expl.	2 394	186	771	418	363	232	145	188	90
	Área	4 841	10	112	134	212	315	535	1 246	2 278
Culturas hortícolas extensivas	Expl.	1 703	183	353	264	259	230	144	181	88
	Área	4 350	8	30	56	114	290	508	1 179	2 166
Culturas hortícolas intensivas ao ar livre	Expl.	1 338	55	638	305	273	32	21	10	4
	Área	469	2	81	76	97	23	25	65	101
Culturas hortícolas intensivas em estufa	Expl.	73	5	17	13	15	14	6	1	-
	Área	22	...	2	2	2	2	2	...	-

(continua)

Estrutura das explorações hortícolas

**QUADRO 1 - EXPLORAÇÕES E ÁREA BASE COM CULTURAS HORTÍCOLAS,
POR CLASSES DE ÁREA BASE DE HORTICULTURA (continuação)**

Unidades: Expl - nº; Área - ha

Unidades: Expl - nº, Área - ha

NUTS I	NUTS II	REGIÃO AGRÁRIA	Total	Classes de área base de horticultura (ha)							
				< 0,10	0,10 a < 0,25	0,25 a < 0,50	0,50 a < 1	1 a < 2,50	2,50 a < 5	5 a < 10	>= 10
1			2	3	4	5	6	7	8	9	10
Algarve											
Culturas hortícolas	Expl.	3 469	1 130	1 181	336	361	343	86	24	8	-
	Área	1 670	57	158	122	234	502	277	159	161	-
Culturas hortícolas extensivas	Expl.	3 076	1 104	1 094	252	293	258	56	16	4	-
	Área	963	51	136	79	146	317	121	64	49	-
Culturas hortícolas intensivas ao ar livre	Expl.	562	164	155	34	100	73	25	8	3	-
	Área	222	4	14	9	25	51	52	21	47	-
Culturas hortícolas intensivas em estufa	Expl.	478	32	57	113	105	116	36	16	3	-
	Área	484	2	8	34	63	133	104	75	65	-
Açores											
Culturas hortícolas	Expl.	344	44	63	102	80	47	5	2	-	-
	Área	208	3	11	39	52	75	...	...	-	-
Culturas hortícolas extensivas	Expl.	260	22	38	85	64	44	5	2	-	-
	Área	125	1	5	27	30	44	...	...	-	-
Culturas hortícolas intensivas ao ar livre	Expl.	218	28	34	54	63	34	4	1	-	-
	Área	76	1	5	11	19	29	...	...	-	-
Culturas hortícolas intensivas em estufa	Expl.	72	18	14	12	10	14	2	2	-	-
	Área	7	0	1	1	3	1	...	...	-	-
Madeira											
Culturas hortícolas	Expl.	3 097	1 600	1 009	311	145	31	1	-	-	-
	Área	484	84	154	105	94	...	...	-	-	-
Culturas hortícolas extensivas	Expl.	2 496	1 421	734	220	109	12	1	-	-	-
	Área	250	72	80	46	42	...	...	-	-	-
Culturas hortícolas intensivas ao ar livre	Expl.	1 356	385	635	213	92	30	-	-	-	-
	Área	227	12	72	57	50	37	-	-	-	-
Culturas hortícolas intensivas em estufa	Expl.	49	6	19	14	8	2	-	-	-	-
	Área	7	...	2	2	2	...	-	-	-	-

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 2 - EXPLORAÇÕES E ÁREA BASE COM CULTURAS HORTÍCOLAS, SEGUNDO O NÚMERO DE PARCELAS COM CULTURAS HORTÍCOLAS

Unidades: Expl - nº; Área - ha

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA		Total	Classes do nº de parcelas com culturas hortícolas				
			1-4	5-8	9-12	13-20	> 20
1		2	3	4	5	6	7
PORTUGAL	Expl.	25 165	20 612	3 372	719	335	127
	Área	31 763	24 333	4 832	1 055	911	632
Continente	Expl.	21 725	18 191	2 605	566	292	71
	Área	31 070	23 922	4 647	1 000	871	630
Norte	Expl.	4 038	3 264	616	122	30	5
	Área	1 990	1 254	484	173	62	17
Entre-Douro e Minho	Expl.	3 101	2 393	564	110	29	5
	Área	1 720	1 040	455	147	60	17
Trás-os-Montes	Expl.	936	871	52	12	1	-
	Área	271	214	29	...	...	-
Centro	Expl.	4 013	3 414	475	59	44	21
	Área	1 897	1 154	385	120	131	107
Beira Litoral	Expl.	3 314	2 846	358	50	41	21
	Área	1 738	1 055	340	110	124	107
Beira Interior	Expl.	699	569	117	10	3	-
	Área	159	99	45	10	6	-
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)	Expl.	7 812	6 446	988	206	135	36
	Área	20 672	16 345	3 004	523	491	309
Alentejo	Expl.	2 394	2 139	123	62	67	2
	Área	4 841	4 119	409	...	139	...
Algarve	Expl.	3 469	2 928	401	117	16	7
	Área	1 670	1 050	365	134	47	73
Açores	Expl.	344	268	56	11	9	1
	Área	208	128	43	14	...	...
Madeira	Expl.	3 097	2 153	712	142	35	55
	Área	484	282	142	42	17	2

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 3 - PARCELAS E ÁREA BASE COM CULTURAS HORTÍCOLAS, SEGUNDO O NÚMERO DE OCUPAÇÕES DAS PARCELAS

QUADRO 3 - PARCELAS E ÁREA BASE COM CULTURAS HORTÍCOLAS, SEGUNDO O NÚMERO DE OCUPAÇÕES DAS PARCELAS

Unidades: Parcelas - nº; Área - ha

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA		Total	Classes do nº de ocupações das parcelas com culturas hortícolas			
			1 ocupação	2 ocupações	3 ocupações	> 3 ocupações
1		2	3	4	5	6
PORTUGAL	Parcelas	77 290	44 402	26 802	4 541	1 546
	Área	31 763	21 512	8 625	1 248	378
Continente	Parcelas	63 629	34 792	23 153	4 157	1 526
	Área	31 070	21 135	8 345	1 214	376
Norte	Parcelas	12 546	5 979	5 353	840	374
	Área	1 990	877	953	108	53
Entre-Douro e Minho	Parcelas	10 456	4 837	4 465	789	365
	Área	1 720	740	825	104	50
Trás-os-Montes	Parcelas	2 090	1 143	888	51	9
	Área	271	137	127	4	3
Centro	Parcelas	12 032	5 631	4 682	1 306	413
	Área	1 897	900	730	224	44
Beira Litoral	Parcelas	9 714	4 267	3 854	1 191	402
	Área	1 738	825	655	214	43
Beira Interior	Parcelas	2 318	1 364	829	115	11
	Área	159	75	74	10	0
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)	Parcelas	23 319	10 931	9 966	1 815	607
	Área	20 672	13 614	6 002	818	239
Alentejo	Parcelas	6 363	4 081	2 058	114	110
	Área	4 841	4 392	381	35	34
Algarve	Parcelas	9 370	8 170	1 094	83	23
	Área	1 670	1 354	279	29	7
Açores	Parcelas	1 187	536	531	102	18
	Área	208	122	73	12	1
Madeira	Parcelas	12 473	9 073	3 117	282	2
	Área	484	255	207	...	...

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 4 - MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PERTENCENTES À EXPLORAÇÃO, UTILIZADOS NAS CULTURAS HORTÍCOLAS, POR CLASSES DE ÁREA BASE DE HORTICULTURA

Unidade: nº

PORTUGAL	Classes de área base de horticultura (ha)																	
	Total		< 0,10		0,10 a < 0,25		0,25 a < 0,50		0,50 a < 1		1 a < 2,50		2,50 a < 5		5 a < 10		>= 10	
	Expl.	Máq.	Expl.	Máq.	Expl.	Máq.	Expl.	Máq.	Expl.	Máq.	Expl.	Máq.	Expl.	Máq.	Expl.	Máq.	Expl.	Máq.
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
Tractores	12 711	15 375	1 259	1 300	2 023	2 124	1 938	2 012	2 409	2 689	2 542	3 025	1 287	1 680	715	1 291	538	1 255
Motocultivadores	5 918	6 755	685	782	1 092	1 151	994	1 096	1 126	1 249	1 266	1 560	561	683	138	162	56	72
Motoenxadas/motofresas	3 521	3 818	304	314	525	528	645	724	732	790	783	853	366	426	130	138	36	46
Semeadores	1 676	1 807	136	136	108	108	94	94	155	167	488	515	299	323	209	232	187	233
Plantadores/transplantadores	1 647	1 733	68	68	8	8	118	118	189	194	286	290	323	333	312	323	343	399
Distribuidores de plástico	604	617	-	-	-	-	18	18	10	13	117	117	204	205	149	149	107	116
Máquina de desinfecção do solo	243	245	-	-	31	31	1	...	4	...	42	42	43	44	35	35	87	88
Distribuidores/espalhadores de estrume	878	908	32	33	39	39	72	72	130	130	164	166	185	198	139	141	117	128
Distribuidores de adubo	2 733	2 870	107	114	151	154	171	174	193	198	711	714	553	563	446	474	401	480
Pulverizadores/polvilhadores dorso	14 548	18 229	2 659	3 008	3 148	3 591	2 628	3 281	2 760	3 455	2 257	3 234	750	1 097	251	381	96	182
Pulverizadores/polvilhadores	6 790	7 356	419	426	712	731	927	932	1 110	1 175	1 662	1 768	925	1 041	574	687	461	596
Calibradores	145	149	-	-	-	-	4	4	20	20	46	46	32	32	28	29	15	18
Máquina de lavar/limpar hortícolas	413	422	61	61	16	16	13	13	71	74	152	152	48	48	18	19	34	39
Veículos ligeiros de mercadorias	9 387	10 228	683	693	1 410	1 435	1 436	1 463	1 730	1 797	2 105	2 270	1 071	1 244	563	693	390	633
Veículos pesados de mercadorias	1 277	1 421	1	...	77	77	40	...	242	260	321	337	210	213	193	216	193	278

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 5 - REGA

Unidade: Expl. - nº

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA	Explorações que regam	Tipos de rega utilizados					Explorações que utilizam fertirrega
		Regos ou sulcos	Gota-a- gota	Micro- aspersão	Aspersão fixa/móvel	Outros	
1	2	3	4	5	6	7	8
PORTUGAL	22 909	12 392	5 837	2 688	7 330	1 499	2 899
Continente	19 874	9 548	5 641	2 601	7 243	1 420	2 845
Norte	3 776	2 131	800	699	1 662	259	284
Entre-Douro e Minho	2 853	1 291	705	626	1 495	243	229
Trás-os-Montes	924	840	95	73	167	16	55
Centro	3 868	2 287	329	370	2 102	80	89
Beira Litoral	3 240	1 682	316	356	1 966	74	87
Beira Interior	629	605	13	14	136	6	2
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)	7 184	1 676	3 009	1 225	3 117	778	1 787
Alentejo	2 331	1 684	729	80	132	43	243
Algarve	2 713	1 770	774	227	229	260	442
Açores	125	22	84	10	42	12	5
Madeira	2 910	2 821	112	77	45	67	49

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 6 - EXPLORAÇÕES E ÁREA BASE SEGUNDO O ANO DE CONSTRUÇÃO DAS ESTUFAS

Unidades: Expl - nº; Área - ha

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA		Total	Ano de construção das estufas				
			< 1989	1989 a 1991	1992 a 1994	1995 a 1997	1998 a 2000
1		2	3	4	5	6	7
PORTUGAL	Expl.	3 295	351	812	747	1 394	982
	Área	1 177	144	269	206	353	204
Continente	Expl.	3 175	345	795	729	1 334	943
	Área	1 162	142	268	205	347	201
Norte	Expl.	1 224	76	215	307	575	448
	Área	190	9	22	37	67	55
Entre-Douro e Minho	Expl.	1 125	70	211	276	534	406
	Área	176	9	22	34	61	50
Trás-os-Montes	Expl.	99	6	4	31	41	42
	Área	14	0	1	3	6	5
Centro	Expl.	504	54	134	121	243	123
	Área	81	11	16	13	26	16
Beira Litoral	Expl.	473	51	132	119	231	105
	Área	78	10	16	13	25	15
Beira Interior	Expl.	31	3	2	2	12	17
	Área	3	0	...	...	1	2
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)	Expl.	895	112	309	197	349	200
	Área	385	44	105	83	112	42
Alentejo	Expl.	73	14	8	7	17	39
	Área	22	1	0	1	3	16
Algarve	Expl.	478	88	130	97	150	133
	Área	484	78	125	71	140	71
Açores	Expl.	72	6	13	5	39	22
	Área	7	1	1	1	4	2
Madeira	Expl.	49	1	4	13	21	18
	Área	7	...	...	1	3	1

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 7 - EXPLORAÇÕES E ÁREA BASE SEGUNDO O TIPO DE ESTUFAS

Unidades: Expl. - nº; Área - ha; Estufas - nº

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA		Total	Tipo de estufas				
			Simples	Dupla	Múltipla	Túnel	Parral
1		2	3	4	5	6	7
PORTUGAL	Expl.	3 295	1 754	635	703	896	39
	Área	1 177	309	140	569	130	29
	Estufas	13026	6130	1894	2026	2882	94
Continente	Expl.	3 175	1 663	618	697	873	37
	Área	1 162	299	138	568	129	29
	Estufas	12 558	5 780	1 861	2 008	2 818	91
Norte	Expl.	1 224	513	176	127	635	-
	Área	190	57	23	23	87	-
	Estufas	3 439	1 254	245	151	1 789	-
Entre-Douro e Minho	Expl.	1 125	439	137	111	630	-
	Área	176	50	20	20	86	-
	Estufas	3 217	1 104	202	126	1 785	-
Trás-os-Montes	Expl.	99	74	38	16	4	-
	Área	14	6	3	4	1	-
	Estufas	222	150	43	25	4	-
Centro	Expl.	504	383	66	28	107	1
	Área	81	46	8	...	11	...
	Estufas	1 796	1 208	121	...	339	...
Beira Litoral	Expl.	473	359	65	28	99	1
	Área	78	44	8	...	10	...
	Estufas	1 728	1 162	120	...	318	...
Beira Interior	Expl.	31	24	1	-	8	-
	Área	3	2	...	-	...	-
	Estufas	68	46	...	-	...	-
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)	Expl.	895	615	356	150	104	36
	Área	385	152	104	72	28	29
	Estufas	5 430	2 814	1 462	462	602	90
Alentejo	Expl.	73	61	2	5	9	-
	Área	22	8	...	...	1	-
	Estufas	245	162	...	...	41	-
Algarve	Expl.	478	91	18	387	18	-
	Área	484	36	2	445	2	-
	Estufas	1 648	342	26	1 233	47	-
Açores	Expl.	72	65	11	1	7	-
	Área	7	6	1	...	...	-
	Estufas	291	254	20	...	...	-
Madeira	Expl.	49	25	6	5	16	2
	Área	7	4	...	1	1	...
	Estufas	177	96	...	17	48	...

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 8 - EXPLORAÇÕES E ÁREA BASE, SEGUNDO O MATERIAL DE CONSTRUÇÃO DAS ESTUFAS

Unidades: Expl - nº; Área - ha

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA		Total	Material de construção das estufas						
			Aço e/ou alumínio	Ferro e aço	Ferro	Madeira	Mista	Tubo PVC	Outro
1		2	3	4	5	6	7	8	9
PORTUGAL	Expl.	3 295	535	528	755	1 215	456	22	33
	Área	1 177	86	90	135	717	129	8	10
Continente	Expl.	3 175	521	502	704	1 197	452	20	20
	Área	1 162	86	86	130	715	128	8	9
Norte	Expl.	1 224	345	401	398	89	30	-	1
	Área	190	52	64	65	8	...	-	...
Entre-Douro e Minho	Expl.	1 125	327	358	359	87	30	-	1
	Área	176	50	57	61	7	...	-	...
Trás-os-Montes	Expl.	99	18	42	38	2	-	-	-
	Área	14	...	7	4	...	-	-	-
Centro	Expl.	504	23	50	219	152	59	8	19
	Área	81	6	8	34	16	5	3	9
Beira Litoral	Expl.	473	11	47	212	146	53	8	19
	Área	78	4	8	34	16	4	3	9
Beira Interior	Expl.	31	12	3	7	6	6	-	-
	Área	3	1	1	0	0	1	-	-
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)	Expl.	895	111	45	51	501	329	12	-
	Área	385	20	12	20	210	119	5	-
Alentejo	Expl.	73	8	-	13	28	28	-	-
	Área	22	1	-	4	15	3	-	-
Algarve	Expl.	478	34	6	24	428	5	-	-
	Área	484	7	2	8	467	1	-	-
Açores	Expl.	72	12	17	22	12	3	1	12
	Área	7	1	2	2	1	...	...	2
Madeira	Expl.	49	2	10	29	6	1	1	2
	Área	7	...	2	3	1	...	...	...

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 9 - EXPLORAÇÕES E ÁREA BASE, SEGUNDO O MATERIAL DE COBERTURA DAS ESTUFAS

Unidades: Expl - nº; Área - ha

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA		Total	Material de cobertura das estufas				
			Filme plástico	Plástico rígido	Misto (Filme plástico e plástico rígido)	Vidro	Outro
1		2	3	4	5	6	7
PORTUGAL	Expl.	3 295	2 719	527	47	3	9
	Área	1 177	1 040	98	35	2	2
Continente	Expl.	3 175	2 669	465	38	3	7
	Área	1 162	1 036	90	34	2	1
Norte	Expl.	1 224	970	224	31	-	-
	Área	190	149	34	6	-	-
Entre-Douro e Minho	Expl.	1 125	909	185	31	-	-
	Área	176	141	28	6	-	-
Trás-os-Montes	Expl.	99	61	38	-	-	-
	Área	14	8	6	-	-	-
Centro	Expl.	504	389	108	2	2	5
	Área	81	59	19	...	...	0
Beira Litoral	Expl.	473	362	104	2	1	5
	Área	78	57	19	...	...	0
Beira Interior	Expl.	31	27	4	-	1	-
	Área	3	2	...	-	...	-
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)	Expl.	895	813	80	4	1	1
	Área	385	354	26	4	...	...
Alentejo	Expl.	73	40	34	-	-	-
	Área	22	17	5	-	-	-
Algarve	Expl.	478	457	21	1		1
	Área	484	457	5	...		...
Açores	Expl.	72	38	34	-	-	-
	Área	7	2	5	-	-	-
Madeira	Expl.	49	12	27	10	-	2
	Área	7	2	3	...	-	...

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 10 - ÁREA DE ESTUFAS COM SISTEMAS DE CONDICIONAMENTO AMBIENTAL

Unidade: Área - ha

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA	Total	Sistema de aquecimento	Sistema de arrefecimento/ humidificação	Sistema anti-geada	Arejamento			
					Total	Só lateral	Só zenital	Lateral e zenital
1	2	3	4	5	6	7	8	9
PORTUGAL	1 177	13	23	122	1 152	842	139	171
Continente	1 162	13	23	122	1 139	834	138	167
Norte	190	3	4	19	183	42	115	26
Entre-Douro e Minho	176	0	3	18	169	34	112	23
Trás-os-Montes	14	3	1	1	14	8	3	3
Centro	81	0	0	3	80	49	6	25
Beira Litoral	78	-	0	3	77	47	6	24
Beira Interior	3	0	0	-	3	2	-	1
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)	385	0	3	5	385	325	16	44
Alentejo	22	-	-	0	18	7	-	11
Algarve	484	9	16	94	473	411	1	61
Açores	7	-	0	0	7	5	1	1
Madeira	7	-	-	-	6	3	-	3

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

**QUADRO 11 - CONSTRUÇÕES DE APOIO AFECTAS ÀS CULTURAS,
POR CLASSES DE ÁREA BASE DE HORTICULTURA**

Unidades: Expl - nº; Área - m²; Volume - m³

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA		Total	Classes de área base de horticultura (ha)							
			< 0,10	0,10 a < 0,25	0,25 a < 0,50	0,50 a < 1	1 a < 2,50	2,50 a < 5	5 a < 10	>= 10
1		2	3	4	5	6	7	8	9	10
PORTUGAL										
Armazéns	Expl.	9 653	1 205	1 564	1 716	1 667	1 806	943	437	316
	Área	983 507	48 328	116 588	114 194	152 298	214 179	123 714	96 769	117 437
Câmaras frigoríficas	Expl.	399	12	134	37	32	102	27	27	28
	Volume	46 348	852	14 687	1 735	3 026	8 535	1 827	4 757	10 929
Continente										
Armazéns	Expl.	9 047	985	1 452	1 592	1 577	1 752	939	435	316
	Área	958 796	46 650	114 021	108 262	146 732	208 174	123 113	94 409	117 437
Câmaras frigoríficas	Expl.	386	11	133	34	31	96	27	26	28
	Volume	46 017	846	14 663	1 615	3 002	8 439	1 827	4 695	10 929
Norte										
Armazéns	Expl.	982	67	182	248	271	173	30	10	2
	Área	108 035	5 319	20 230	17 868	31 787	24 249	5 302	...	...
Câmaras frigoríficas	Expl.	36	2	14	5	6	4	2	1	1
	Volume	1 623	...	627	94	...	159	...	...	...
Entre-Douro e Minho										
Armazéns	Expl.	636	23	71	157	215	137	25	6	2
	Área	67 572	1 094	6 335	9 948	26 163	17 541	3 772	...	...
Câmaras frigoríficas	Expl.	22	-	14	-	4	2	-	1	1
	Volume	1 220	-	627	-	334	...	-	...	...
Trás-os-Montes										
Armazéns	Expl.	347	44	112	91	55	36	5	4	-
	Área	40 463	4 225	13 895	7 920	5 624	6 709	1 530	560	-
Câmaras frigoríficas	Expl.	14	2	-	5	2	2	2	-	-
	Volume	403	...	-	94	...	...	...	-	-
Centro										
Armazéns	Expl.	2 084	485	542	434	377	169	41	30	6
	Área	184 535	22 029	37 034	37 528	40 261	27 392	7 126	10 091	3 075
Câmaras frigoríficas	Expl.	146	6	97	1	17	11	8	5	2
	Volume	17 620	630	11 136	...	1 683	3 374	314	314	...
Beira Litoral										
Armazéns	Expl.	1 885	431	483	384	350	161	40	29	6
	Área	167 631	20 842	35 373	35 549	30 471	25 450	7 078	9 791	3 075
Câmaras frigoríficas	Expl.	145	6	96	1	17	11	8	5	2
	Volume	17 605	630	11 121	...	1 683	3 374	314	314	...
Beira Interior										
Armazéns	Expl.	199	54	59	50	27	8	1	1	-
	Área	16 904	1 187	1 660	1 978	9 789	1 942	...	...	-
Câmaras frigoríficas	Expl.	1	-	1	-	-	-	-	-	-
	Volume	...	-	...	-	-	-	-	-	-

(continua)

Estrutura das explorações hortícolas

**QUADRO 11 - CONSTRUÇÕES DE APOIO AFECTAS ÀS CULTURAS,
POR CLASSES DE ÁREA BASE DE HORTICULTURA (continuação)**

Unidades: Expl - nº; Área - m²; Volume - m³

Unidades: Expl. - m², Área - m², Volume - m³

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA		Total	Classes de área base de horticultura (ha)							
			< 0,10	0,10 a < 0,25	0,25 a < 0,50	0,50 a < 1	1 a < 2,50	2,50 a < 5	5 a < 10	>= 10
1		2	3	4	5	6	7	8	9	10
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)										
Armazéns	Expl.	4 535	101	426	791	723	1 175	764	291	264
	Área	532 589	6 312	35 098	44 295	62 415	127 324	99 378	64 002	93 766
Câmaras frigoríficas	Expl.	175	1	21	28	5	79	12	15	15
	Volume	18 585	...	2 880	1 461	...	4 783	994	3 079	4 570
Alentejo										
Armazéns	Expl.	510	65	62	46	55	88	68	89	37
	Área	62 354	3 869	5 857	3 785	2 256	9 987	5 448	15 005	16 146
Câmaras frigoríficas	Expl.	13	1	1	-	-	1	-	2	7
	Volume	6 656	...	...	-	-	...	-	...	5 789
Algarve										
Armazéns	Expl.	936	268	239	74	151	147	35	15	7
	Área	71 282	9 120	15 802	4 787	10 013	19 221	5 859	3 280	3 200
Câmaras frigoríficas	Expl.	15	-	-	-	3	1	5	3	3
	Volume	1 532	-	-	-	...	...	389	429	310
Açores										
Armazéns	Expl.	185	3	21	75	42	39	4	2	-
	Área	17 374	...	1 021	4 713	3 428	5 140	601	...	-
Câmaras frigoríficas	Expl.	12	1	1	2	1	6	-	1	-
	Volume	307	...	...	...	...	96	-	...	-
Madeira										
Armazéns	Expl.	421	217	92	50	47	15	-	-	-
	Área	7 336	1 568	1 547	1 219	2 139	865	-	-	-
Câmaras frigoríficas	Expl.	1	-	-	1	-	-	-	-	-
	Volume	...	-	-	...	-	-	-	-	-

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 12 - MÃO-DE-OBRA FAMILIAR AFECTA ÀS CULTURAS HORTÍCOLAS, SEGUNDO O TEMPO DE ACTIVIDADE

Unidade: nº

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA		Total	Tempo de actividade				
			< 25%	25 a < 50%	50 a < 75%	75 a < 100%	Tempo completo
1		2	3	4	5	6	7
PORTUGAL	Expl.	24 670	10 123	9 476	8 246	6 055	11 313
	Indivíduos	49 830	14 795	10 755	9 187	5 635	9 458
Continente	Expl.	21 267	9 139	7 943	6 993	5 424	10 966
	Indivíduos	43 678	13 153	8 897	7 718	4 776	9 134
Norte	Expl.	3 967	1 586	1 521	1 140	1 007	2 536
	Indivíduos	9 265	2 597	1 633	1 542	1 021	2 474
Entre-Douro e Minho	Expl.	3 042	874	1 127	823	667	2 268
	Indivíduos	7 128	1 242	1 286	1 307	909	2 385
Trás-os-Montes	Expl.	925	713	395	316	340	268
	Indivíduos	2 137	1 354	347	235	112	89
Centro	Expl.	3 923	2 100	1 652	1 769	1 357	1 915
	Indivíduos	7 713	2 683	1 531	1 695	1 048	756
Beira Litoral	Expl.	3 260	1 576	1 242	1 592	1 275	1 756
	Indivíduos	6 638	2 070	1 214	1 598	1 005	750
Beira Interior	Expl.	664	524	410	177	82	160
	Indivíduos	1 075	612	317	98	43	6
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)	Expl.	7 612	1 805	2 844	2 270	1 811	5 439
	Indivíduos	16 313	2 344	3 745	2 883	1 975	5 366
Alentejo	Expl.	2 306	1 705	668	436	236	582
	Indivíduos	4 426	2 701	841	528	204	152
Algarve	Expl.	3 458	1 943	1 257	1 378	1 013	493
	Indivíduos	5 961	2 829	1 147	1 069	528	387
Açores	Expl.	318	205	103	79	35	93
	Indivíduos	525	309	96	60	28	31
Madeira	Expl.	3 085	779	1 430	1 174	596	254
	Indivíduos	5 627	1 333	1 762	1 410	830	293

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 13 - MÃO-DE-OBRA ASSALARIADA PERMANENTE AFECTA ÀS CULTURAS HORTÍCOLAS, SEGUNDO O TEMPO DE ACTIVIDADE

Unidade: nº

Unidade: 1

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA		Total	Tempo de actividade				Tempo completo
			< 25%	25 a < 50%	50 a < 75%	75 a < 100%	
1		2	3	4	5	6	7
PORTUGAL	Expl.	2 293	698	487	534	385	1 161
	Indivíduos	5 951	1 247	966	1 030	887	1 819
Continente	Expl.	1 784	594	389	362	274	1 067
	Indivíduos	4 813	1 086	782	680	591	1 674
Norte	Expl.	423	110	141	86	58	297
	Indivíduos	667	262	72	77	71	185
Entre-Douro e Minho	Expl.	361	68	137	79	33	248
	Indivíduos	503	151	60	68	59	166
Trás-os-Montes	Expl.	61	42	4	7	25	49
	Indivíduos	164	111	12	9	12	19
Centro	Expl.	390	241	110	92	34	93
	Indivíduos	1 122	289	459	186	36	152
Beira Litoral	Expl.	301	196	50	56	18	68
	Indivíduos	812	223	269	141	28	150
Beira Interior	Expl.	89	45	60	35	15	25
	Indivíduos	310	65	189	46	8	2
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)	Expl.	569	106	107	128	102	411
	Indivíduos	1 490	224	165	273	208	620
Alentejo	Expl.	218	91	29	40	16	176
	Indivíduos	964	281	84	81	98	420
Algarve	Expl.	185	46	2	16	65	90
	Indivíduos	570	31	...	...	178	297
Açores	Expl.	87	23	18	10	13	60
	Indivíduos	158	36	26	9	15	72
Madeira	Expl.	422	81	81	162	98	34
	Indivíduos	980	125	159	342	281	74

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 14 - MÃO-DE-OBRA ASSALARIADA EVENTUAL AFECTA ÀS CULTURAS HORTÍCOLAS, SEGUNDO O SEXO

Unidade: n.º

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA		Total	Homens	Mulheres
1		2	3	4
PORTUGAL	Expl.	9 828	4 896	7 179
	Indivíduos	33 033	10 466	22 567
	Dias	958 898	232 992	725 906
Continente	Expl.	7 818	2 999	6 633
	Indivíduos	27 089	5 598	21 491
	Dias	821 504	113 465	708 040
Norte	Expl.	1 220	407	1 123
	Indivíduos	3 601	1 104	2 497
	Dias	45 191	8 020	37 171
Entre-Douro e Minho	Expl.	826	98	785
	Indivíduos	1 764	153	1 611
	Dias	35 758	6 065	29 693
Trás-os-Montes	Expl.	393	309	337
	Indivíduos	1 837	951	886
	Dias	9 433	1 955	7 478
Centro	Expl.	1 558	482	1 366
	Indivíduos	5 139	1 314	3 825
	Dias	56 799	9 703	47 096
Beira Litoral	Expl.	1 450	393	1 337
	Indivíduos	4 854	1 137	3 718
	Dias	54 314	7 893	46 421
Beira Interior	Expl.	108	89	29
	Indivíduos	285	178	107
	Dias	2 485	1 810	675
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)	Expl.	3 872	1 461	3 379
	Indivíduos	13 191	2 133	11 058
	Dias	562 215	63 392	498 823
Alentejo	Expl.	707	342	502
	Indivíduos	3 734	610	3 123
	Dias	111 974	18 871	93 103
Algarve	Expl.	462	307	262
	Indivíduos	1 424	437	988
	Dias	45 326	13 478	31 847
Açores	Expl.	216	184	47
	Indivíduos	811	649	162
	Dias	6 325	5 664	661
Madeira	Expl.	1 794	1 714	499
	Indivíduos	5 134	4 219	914
	Dias	131 069	113 864	17 205

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 15 - ENTREAJUDA (RECEBIDA) AFECTA ÀS CULTURAS HORTÍCOLAS

Unidade: nº

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA	Exploração	Dias
1	2	3
PORTUGAL	5 751	102 920
Continente	5 372	99 222
Norte	1 012	18 441
Entre-Douro e Minho	783	15 256
Trás-os-Montes	230	3 185
Centro	1 853	28 844
Beira Litoral	1 610	26 750
Beira Interior	244	2 094
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)	1 512	31 248
Alentejo	705	15 670
Algarve	290	5 018
Açores	41	1 001
Madeira	337	2 698

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 16 - MÃO-DE-OBRA NÃO CONTRATADA DIRECTAMENTE PELO PRODUTOR, AFECTA ÀS CULTURAS HORTÍCOLAS

Unidade: nº

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA	Exploração	Dias
1	2	3
PORTUGAL	7 719	37 137
Continente	7 464	36 645
Norte	1 414	1 617
Entre-Douro e Minho	898	1 105
Trás-os-Montes	516	511
Centro	1 849	1 979
Beira Litoral	1 714	1 839
Beira Interior	135	140
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)	2 715	20 373
Alentejo	896	11 486
Algarve	590	1 190
Açores	218	324
Madeira	37	168

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 17 - VOLUME DE MÃO-DE-OBRA AFECTA ÀS CULTURAS HORTÍCOLAS (UTA)

Unidade: nº

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA	Total	Mão de obra familiar	Assalariada					Entre-ajuda	Mão-de-obra não contr. direct. pelo produtor
			Total	Permanente	Eventual				
					Total	Homens	Mulheres		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
PORTUGAL	34 350	26 013	7 754	3 758	3 995	971	3 025	429	155
Continente	30 151	23 117	6 468	3 045	3 423	473	2 950	413	153
Norte	5 894	5 267	543	355	188	33	155	77	7
Entre-Douro e Minho	5 152	4 634	450	301	149	25	124	64	5
Trás-os-Montes	742	633	93	54	39	8	31	13	2
Centro	4 515	3 642	745	508	237	40	196	120	8
Beira Litoral	4 079	3 342	618	392	226	33	193	111	8
Beira Interior	436	300	127	117	10	8	3	9	1
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)	14 213	10 593	3 405	1 063	2 343	264	2 078	130	85
Alentejo	2 516	1 313	1 089	623	467	79	388	65	48
Algarve	3 013	2 302	685	496	189	56	133	21	5
Açores	305	168	131	105	26	24	3	4	1
Madeira	3 894	2 728	1 155	608	546	474	72	11	1

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

QUADRO 18 - MÃO-DE-OBRA AFECTA ÀS CULTURAS, SEGUNDO AS CLASSES DE ÁREA BASE DE HORTICULTURA

Unidade: nº

PORTUGAL	Total	Classes de área base de horticultura (ha)							
		< 0,10	0,10 a < 0,25	0,25 a < 0,50	0,50 a < 1	1 a < 2,50	2,50 a < 5	5 a < 10	>= 10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Mão-de-obra familiar	Expl. 24 670	5 072	5 878	3 854	3 894	3 395	1 443	710	425
	UTA 26 013	3 182	4 704	4 287	4 777	5 229	2 284	973	577
Mão-de-obra assalariada permanente	Expl. 2 293	314	480	251	219	351	233	228	216
	UTA 3 758	292	412	234	370	512	435	582	922
Mão-de-obra assalariada eventual	Expl. 9 828	1 504	1 393	1 402	1 661	1 726	1 027	626	488
	UTA 3 995	266	325	167	222	610	557	701	1 148
Entreajuda	Expl. 5 751	726	1 397	1 156	1 194	713	352	148	63
	UTA 429	42	74	74	110	68	28	13	20
Mão-de-obra não contratada directamente pelo produtor	Expl. 7 719	1 140	1 859	1 356	1 286	1 118	387	340	234
	UTA 155	2	5	7	9	17	4	19	93

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 19 - FORMAS DE ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO COMERCIALIZADA

Unidade: %

NUTS I NUTS II REGIÃO AGRÁRIA	Formas de escoamento								
	Total	Directamente p/ mercado externo	Directamente ao consu- midor	Reta- lhista	Agrupa- mentos de agricultores	Central de comercia- lização	Sector de distri- buição	Outros interme- diários	Indús- tria
1		2	3	4	5	6	7	8	9
PORTUGAL	100,0	2,4	16,1	19,1	3,9	18,8	6,7	24,3	8,7
Continente	100,0	2,5	15,8	18,3	3,9	19,3	6,6	24,6	8,9
Norte	100,0	1,4	26,6	22,9	9,2	30,1	5,6	3,3	0,9
Entre-Douro e Minho	100,0	1,5	26,2	23,3	10,2	32,8	3,6	1,6	0,7
Trás-os-Montes	100,0	-	30,9	19,2	-	4,1	24,5	19,4	1,9
Centro	100,0	0,9	32,0	32,7	1,3	10,5	3,7	11,6	7,4
Beira Litoral	100,0	0,9	29,8	33,9	0,8	11,1	3,9	11,8	7,9
Beira Interior	100,0	0,3	65,7	14,2	9,1	-	1,7	8,7	0,4
Lisboa Vale Tejo (Ribatejo e Oeste)	100,0	2,3	10,5	15,5	3,5	21,1	7,0	28,3	11,9
Alentejo	100,0	6,9	24,7	10,2	1,5	21,4	6,1	21,9	7,3
Algarve	100,0	1,5	15,7	27,0	7,4	4,2	7,7	36,5	0,1
Açores	100,0	0,5	38,7	38,6	1,7	0,2	13,9	1,6	4,6
Madeira	100,0	0,2	16,8	52,6	0,5	0,2	10,8	18,7	-

Nota: exclui tomate para a indústria

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

Estrutura das explorações hortícolas

QUADRO 20 - FORMAS DE ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO COMERCIALIZADA, POR CLASSES DE ÁREA BASE DE HORTICULTURA

Unidade: %

PORTUGAL	Classes de área base de horticultura (ha)								
	Total	< 0,10	0,10 a < 0,25	0,25 a < 0,50	0,50 a < 1	1 a < 2,50	2,50 a < 5	5 a < 10	>= 10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Directamente para Mercado externo	100,0	0,0	1,3	0,2	3,6	5,1	1,7	0,2	87,8
Directamente ao consumidor	100,0	2,7	8,6	12,3	22,8	30,6	13,5	3,3	6,3
Retalhista	100,0	1,4	4,8	8,3	13,8	25,1	15,8	9,3	21,6
Agrupamentos de agricultores	100,0	0,0	0,8	2,8	7,9	18,5	15,0	26,4	28,6
Central de comercialização	100,0	0,1	1,1	2,1	8,3	21,2	23,2	16,6	27,4
Sector de distribuição	100,0	0,1	0,8	2,2	4,4	13,8	11,3	27,4	40,0
Outros intermediários	100,0	0,5	2,0	5,2	11,0	24,7	29,8	12,5	14,5
Indústria	100,0	-	0,1	0,2	2,6	12,6	12,3	25,7	46,6
Todas	100,0	0,8	3,1	5,5	11,4	22,6	19,2	13,5	23,8

Nota: exclui tomate para a indústria
Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

QUADRO 21 - EXPLORAÇÕES ASSOCIADAS A AGRUPAMENTOS DE AGRICULTORES

PORTUGAL	Número
1	2
Explorações Associadas	2 822
Razão Principal	2 822
Facilidades na comercialização de produtos	1 554
Apoio técnico à exploração	187
Facilidades na aquisição de factores de produção	349
Obrigatoriedade na candidatura a ajudas/subsídios	371
Outras razões	360
Razão Secundária	2 226
Facilidades na comercialização de produtos	260
Apoio técnico à exploração	957
Facilidades na aquisição de factores de produção	264
Obrigatoriedade na candidatura a ajudas/subsídios	508
Outras razões	237

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000



CAPÍTULO 2

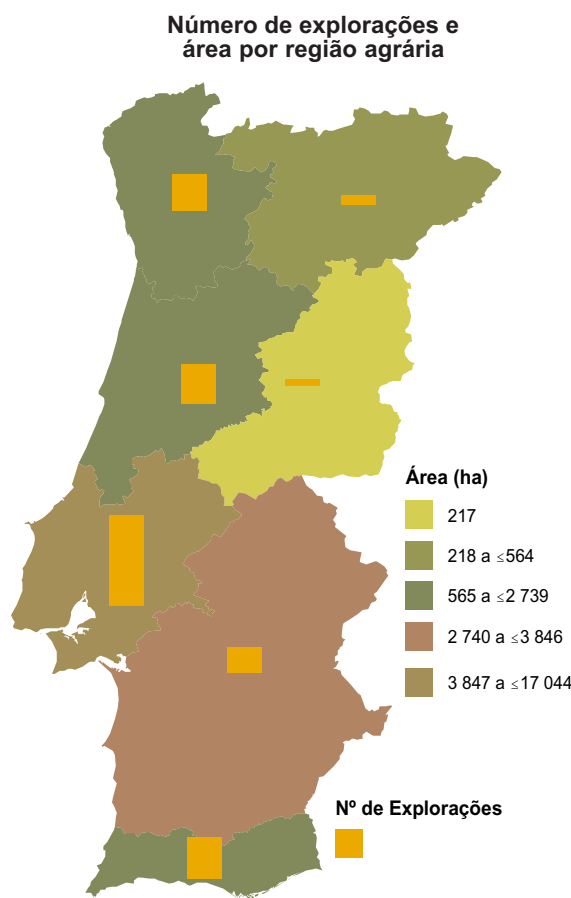
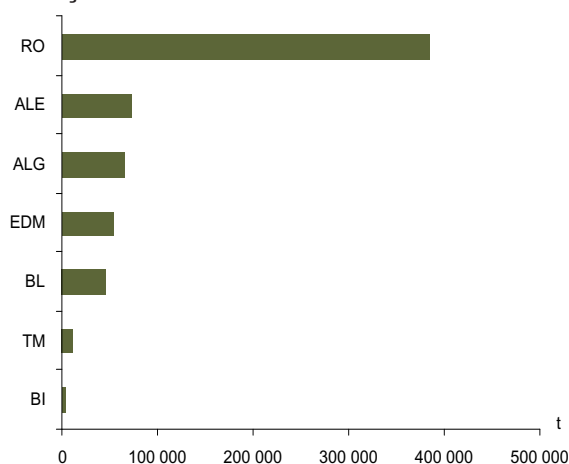
Produção hortícola (1995-2001)

Total de hortícolas

A área total de culturas hortícolas foi, em 2001, de 29 028 ha, à qual correspondeu uma produção de 635 507 t. O volume de produção alcançado ficou ligeiramente acima do verificado em 2000, sendo, comparativamente ao período 1995-2000, o melhor ano de produção.

Geograficamente, é no Ribatejo e Oeste que se regista a maior produção de hortícolas, com 60% do volume total produzido, seguindo-se, por ordem de importância, o Alentejo, com cerca de 11%, o Algarve com 10%, o Entre-Douro e Minho com 9% e a Beira Litoral com 7%.

Produção de hortícolas em 2001



É igualmente no Ribatejo e Oeste que se concentra a maioria dos horticultores, cerca de 35%, seguindo-se o Algarve, a Beira Litoral e o Entre-Douro e Minho com, respectivamente 17%, 16% e 15%.

Formas de escoamento da produção comercializada



A venda a outros intermediários (inclui outros grossistas), às centrais de comercialização, aos retalhistas e directamente ao consumidor, constituem as principais formas de escoamento da produção hortícola com, respectivamente, 24,6%, 19,3%, 18,3% e 15,9% do total comercializado. A indústria, o sector de distribuição e os agrupamentos de agricultores, são responsáveis, respectivamente, pelo escoamento de 8,9%, 6,6% e 3,9% da produção; directamente para o mercado externo são comercializados 2,5% da produção hortícola.

Área e produção de hortícolas 1995-2001

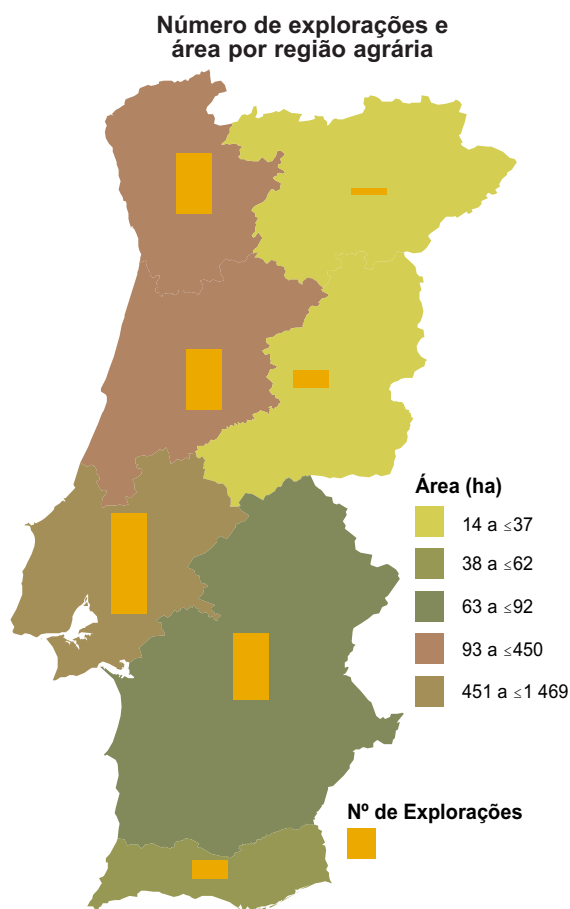
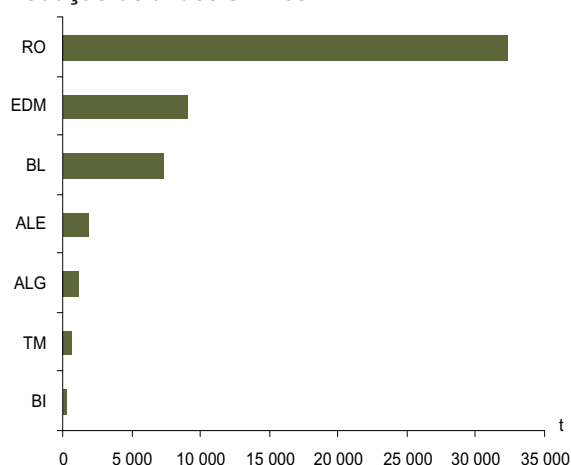
Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	22 768	501 293	24 226	539 495	23 987	495 991	25 161	545 163	26 143	578 110	28 188	624 601	29 028	635 507
EDM	2 055	40 945	2 114	42 079	2 090	39 592	2 242	43 150	2 344	46 598	2 689	53 481	2 739	54 185
TM	494	9 616	502	9 724	502	9 127	497	9 273	488	9 482	538	10 476	564	11 153
BL	2 117	38 573	2 164	40 832	2 216	38 443	2 247	41 480	2 261	42 665	2 575	48 703	2 300	45 203
BI	170	2 916	176	3 021	174	2 761	180	2 920	183	3 042	206	3 413	217	3 629
RO	13 175	306 088	14 201	334 186	13 962	302 997	14 922	337 579	15 596	358 800	16 909	389 076	17 044	384 046
ALE	2 696	48 508	2 967	53 166	2 870	48 702	3 001	53 654	3 171	56 692	3 043	56 171	3 846	72 677
ALG	2 061	54 647	2 102	56 487	2 173	54 369	2 072	57 107	2 099	60 831	2 228	63 281	2 318	64 614

Nota: A área e produção do total de hortícolas não inclui o tomate para a indústria

A alface é uma das principais culturas hortícolas praticadas no nosso país, quer pelo elevado valor comercial, quer pela diversidade de variedades que possibilitam a sua produção nos mais variados climas. Pelo facto de ser predominantemente uma cultura de ar livre, as condições climatéricas adversas, originam frequentes oscilações, em termos de área e produção. Em 2001, a produção foi de 52 689 t, para uma área cultivada de 2 418 ha.

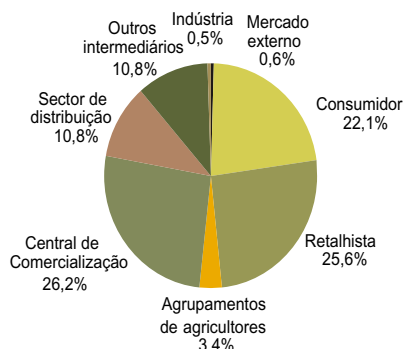
Regionalmente, a produção de alface está concentrada no Ribatejo e Oeste, com cerca de 61% do total, seguindo-se o Entre-Douro e Minho com 17% e a Beira Litoral com 14%.

Produção de alface em 2001



Cerca de 29% das explorações que produzem alface estão localizadas no Ribatejo e Oeste, detendo o Entre-Douro e Minho, a Beira Litoral e o Alentejo, em conjunto, 56% do total de explorações do Continente.

Formas de escoamento da produção comercializada



As centrais de comercialização, a venda aos retalhistas e a venda directa ao consumidor, constituem as principais formas de escoamento da alface, sendo, em conjunto, responsáveis por 73,9% da produção comercializada. Realce ainda, para a venda directa ao sector de distribuição, que representa 10,8% do total da produção comercializada.

Área e produção de alface 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	1 151	25 648	1 151	26 171	1 279	28 760	1 827	39 944	1 827	39 944	2 284	49 930	2 418	52 689
EDM	227	4 623	227	4 717	252	5 184	360	7 200	360	7 200	450	9 000	450	9 000
TM	15	298	15	304	16	334	23	464	23	464	29	580	37	672
BL	185	4 715	185	4 811	206	5 287	294	7 342	294	7 342	367	9 178	294	7 342
BI	7	108	7	110	8	121	11	168	11	168	14	210	14	210
RO	644	14 431	644	14 726	715	16 182	1 021	22 475	1 021	22 475	1 277	28 094	1 469	32 308
ALE	43	836	43	853	48	938	68	1 302	68	1 302	85	1 628	92	1 917
ALG	31	637	31	650	35	714	50	992	50	992	62	1 240	62	1 240

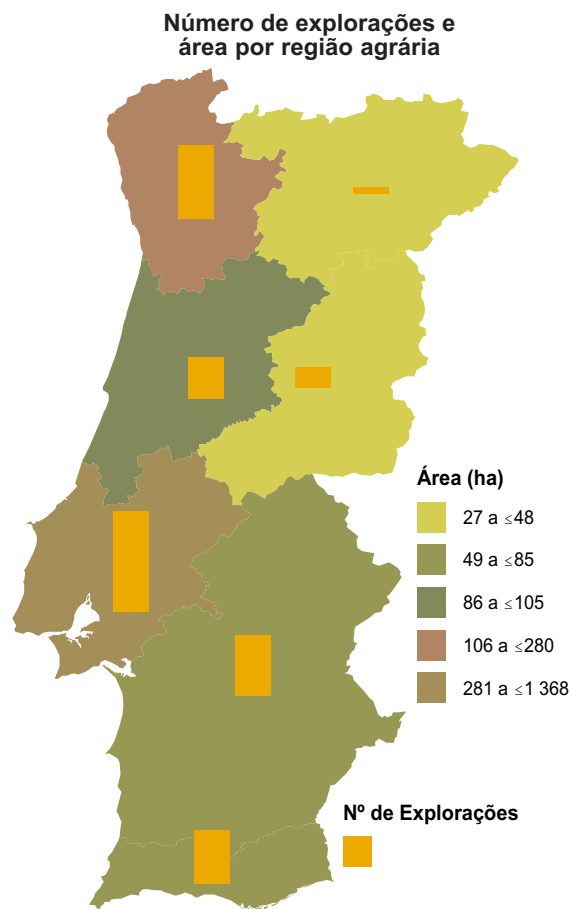
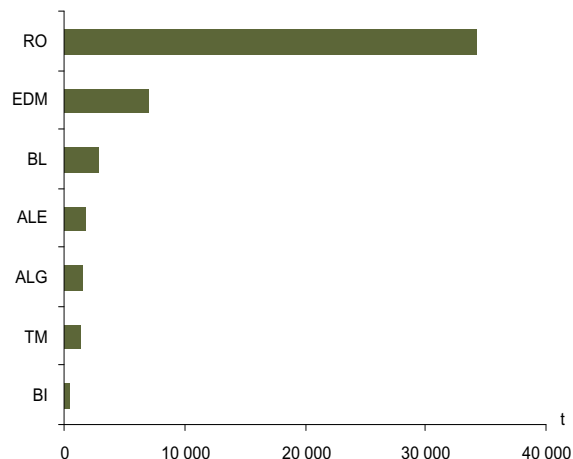
Produção hortícola (1995-2001)

Brassica oleracea, L. var. capitata

Couve repolho

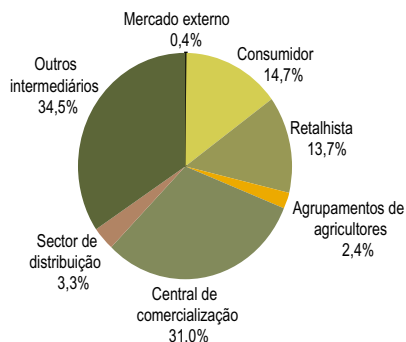
A couve repolho é actualmente, de entre as brássicas e a par do lombardo, a couve mais produzida no Continente. Em 2001 a produção de repolho foi de 49 284 t, para uma superfície cultivada de 1 983 ha. É na região do Ribatejo e Oeste que se localiza a maior parte da produção, cerca de 70%, registando o Entre-Douro e Minho e a Beira Litoral, em conjunto, 20% da produção total.

Produção de couve repolho em 2001



Cerca de 28% das explorações que produzem repolho situam-se no Ribatejo e Oeste e, aproximadamente, 32% no Entre-Douro Minho e Beira Litoral.

Formas de escoamento da produção comercializada



A venda a outros intermediários (inclui outros grossistas) e às centrais de comercialização representam, respectivamente, 34,5% e 31,0% da produção comercializada. Cerca de 28,4% da produção é escoada através da venda a retalhistas e da venda directa ao consumidor.

Área e produção de couve repolho 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	1 366	39 630	1 469	43 550	1 386	36 596	1 557	38 932	1 711	42 783	2 087	52 174	1 983	49 284
EDM	167	4 842	179	5 321	169	4 472	190	4 757	209	5 228	255	6 375	280	7 000
TM	29	1 025	32	1 127	30	947	34	1 007	37	1 107	45	1 350	48	1 329
BL	81	2 598	87	2 855	82	2 399	92	2 552	101	2 804	123	3 420	105	2 907
BI	16	365	17	401	16	337	18	358	20	394	24	480	27	500
RO	988	28 655	1 062	31 489	1 002	26 461	1 126	28 150	1 237	30 935	1 509	37 725	1 368	34 203
ALE	40	975	43	1 072	41	901	46	958	50	1 053	61	1 284	85	1 805
ALG	46	1 170	49	1 285	46	1 080	52	1 149	57	1 263	70	1 540	70	1 540

Produção hortícola (1995-2001)

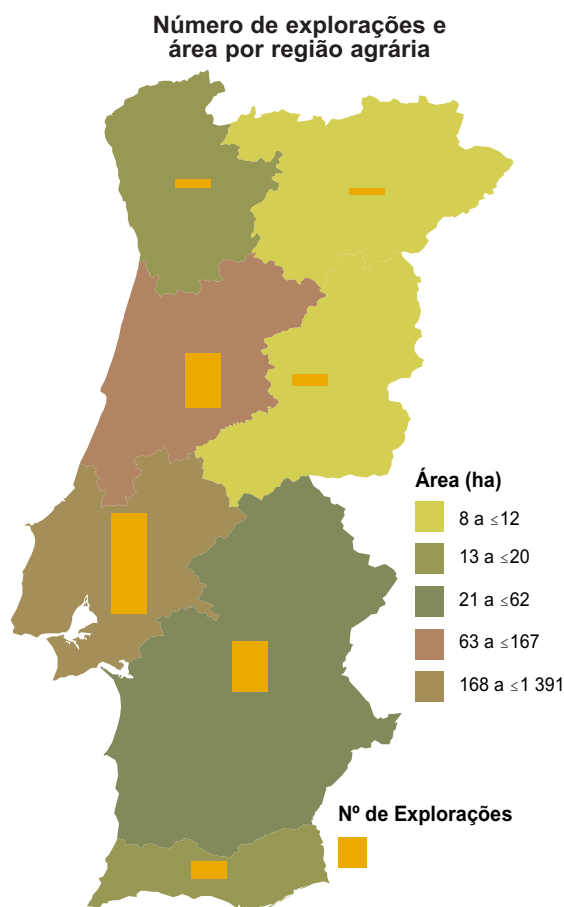
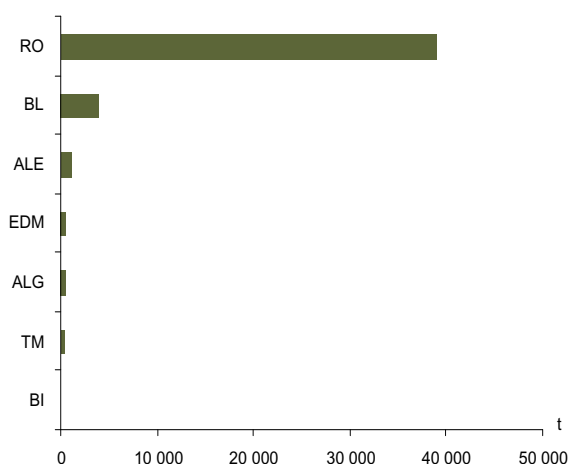
Couve lombardo

Brassica oleracea, L. var. sabauda

Em 2001 produziram-se 45 478 t de couve lombardo, sendo a área cultivada de 1 680 ha.

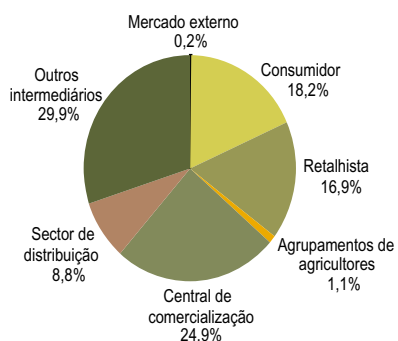
Entre 1995 e 2001 verificou-se alguma estabilidade da produção, a qual se localiza maioritariamente na região do Ribatejo e Oeste, com cerca de 86% do total. A Beira Litoral é a segunda região mais importante, assegurando 9% da produção.

Produção de couve lombardo em 2001



É igualmente no Ribatejo e Oeste que se concentra a grande maioria das explorações produtoras de couve lombardo, 44%, registando a Beira Litoral cerca de 23% do total de explorações do Continente.

Formas de escoamento da produção comercializada



As principais formas de comercialização da produção são os outros intermediários (inclui outros grossistas) e as centrais de comercialização, com 29,9% e 24,9% do total da produção comercializada. Seguem-se a venda directa ao consumidor, com 18,2% e a retalhistas com 16,9%. O sector da distribuição, que inclui as médias e grandes superfícies, é responsável pelo escoamento de 8,8% da produção de couve lombardo.

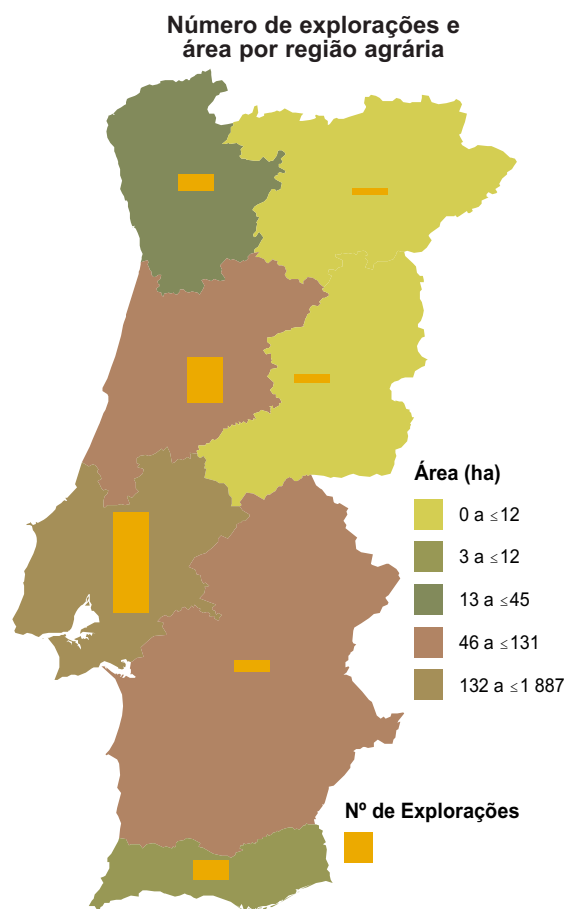
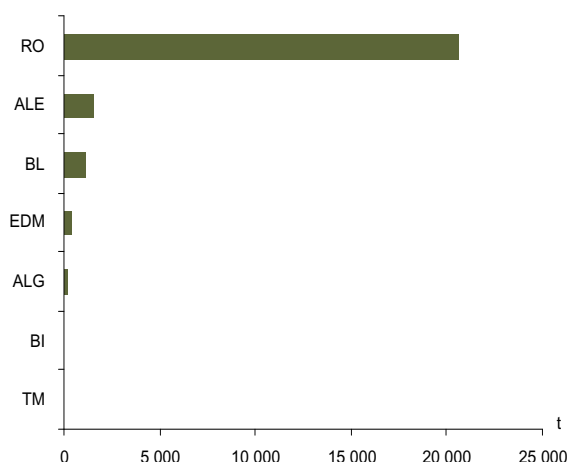
Área e produção de couve lombardo 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	1 477	44 753	1 572	47 609	1 455	40 008	1 673	45 464	1 838	49 960	1 838	49 960	1 680	45 478
EDM	12	376	13	400	12	336	14	382	15	420	15	420	20	560
TM	7	234	8	249	7	209	8	238	9	261	9	261	12	297
BL	158	4 150	168	4 415	155	3 710	178	4 216	196	4 633	196	4 633	167	3 938
BI	5	129	5	137	5	115	5	131	6	144	6	144	8	170
RO	1 238	38 626	1 317	41 091	1 219	34 531	1 402	39 240	1 540	43 120	1 540	43 120	1 391	38 933
ALE	42	808	44	860	41	722	47	821	52	902	52	902	62	1 100
ALG	16	430	17	457	16	384	18	437	20	480	20	480	20	480

A produção de couve brócolo foi em 2001 de 23 769 t, sendo a área cultivada de 2 180 ha. Nos últimos anos, tem vindo a registar-se um interesse crescente da indústria transformadora por esta cultura, reflectido no aumento das áreas cultivadas.

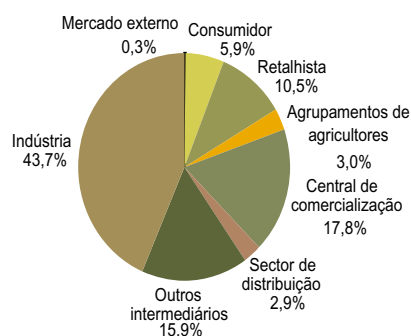
A principal região de produção é o Ribatejo e Oeste, com 87% da produção do Continente. O Alentejo e a Beira Litoral, com muito menor importância, são responsáveis por, respectivamente, 6% e 5% do total da produção.

Produção da couve brócolo em 2001



Mais de metade das explorações que se dedicam à cultura da couve brócolo localizam-se na região do Ribatejo e Oeste e cerca de 23% na Beira Litoral.

Formas de escoamento da produção comercializada



O destino da produção é fundamentalmente a indústria, que representa 43,7% do total comercializado. As centrais de comercialização constituem a 2ª forma mais importante de escoamento deste produto, com 17,8%, seguindo-se a venda a outros intermediários (inclui outros grossistas) e a venda aos retalhistas com, respectivamente, 15,9% e 10,5% do total da produção comercializada.

Área e produção da couve brócolo 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	938	7 103	1 340	13 660	1 411	14 083	1 622	19 291	1 782	21 199	1 916	22 795	2 180	23 769
EDM	22	110	31	211	32	217	37	298	41	327	44	352	45	360
TM	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BL	24	169	35	325	37	335	42	460	47	505	50	543	103	1 113
BI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	25
RO	840	6 413	1 199	12 333	1 263	12 715	1 452	17 416	1 595	19 139	1 715	20 580	1 887	20 580
ALE	47	355	66	683	70	704	80	965	88	1 060	95	1 140	131	1 511
ALG	6	56	8	108	9	111	10	152	11	167	12	180	12	180

Produção hortícola (1995-2001)

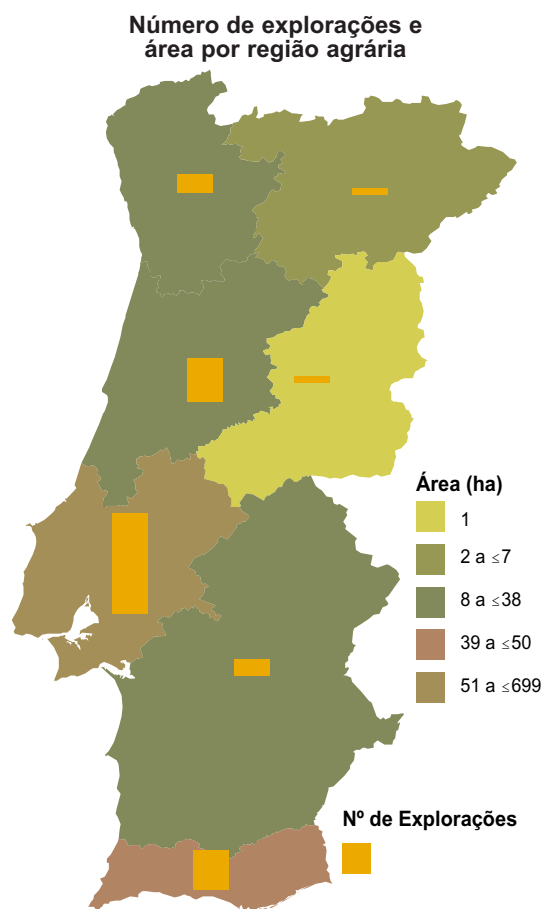
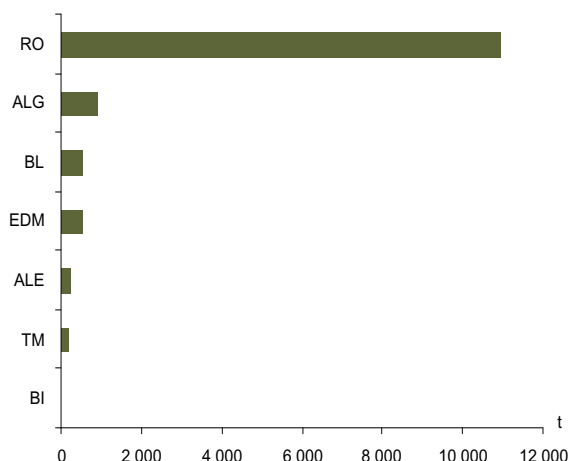
Couve flor

Brassica oleracea, L.var. botrytis

Em 2001 produziram-se 13 318 t de couve flor, sendo a área cultivada de 825 ha.

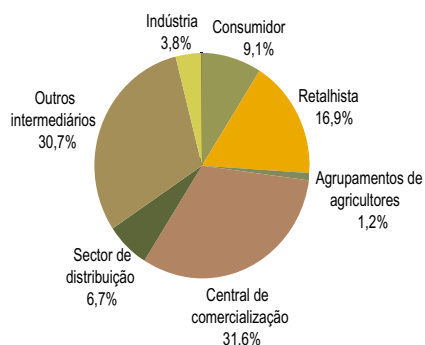
A produção localiza-se essencialmente na região do Ribatejo e Oeste, com cerca de 82% do total. O Algarve, a Beira Litoral e o Entre-Douro e Minho registam, em conjunto, 15% da produção do Continente.

Produção de couve flor em 2001



Cerca de 47% das explorações com couve flor, situam-se no Ribatejo e Oeste, seguido da Beira Litoral e Algarve com, respectivamente, 20% e 18% do total de explorações.

Formas de escoamento da produção comercializada



A venda às centrais de comercialização e aos outros intermediários (inclui outros grossistas) representam, respectivamente, 31,6% e 30,7% da produção comercializada. Cerca de 16,9% da produção é escoada através dos retalhistas e 9,1% através da venda directa ao consumidor.

Área e produção de couve flor 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	469	8 833	473	8 923	459	8 339	522	9 164	573	10 070	755	13 250	825	13 318
EDM	25	398	25	402	24	376	28	413	30	454	40	597	35	525
TM	2	72	3	73	2	68	3	75	3	82	4	108	7	189
BL	30	448	30	453	29	423	33	465	36	511	48	672	38	538
BI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	15
RO	377	7 284	380	7 358	369	6 876	420	7 557	461	8 304	607	10 926	669	10 940
ALE	4	31	4	32	4	30	4	33	5	36	6	47	25	211
ALG	31	600	31	606	30	566	35	622	38	684	50	900	50	900

Produção hortícola (1995-2001)

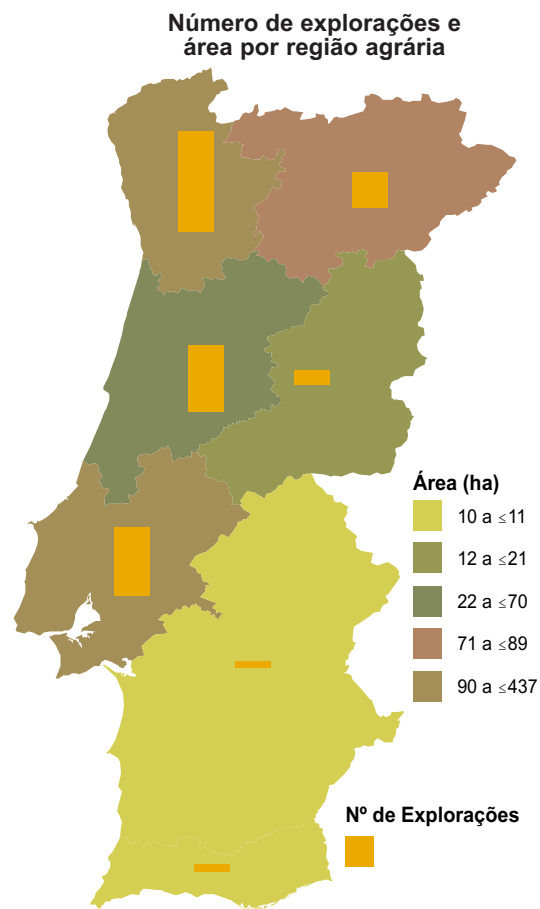
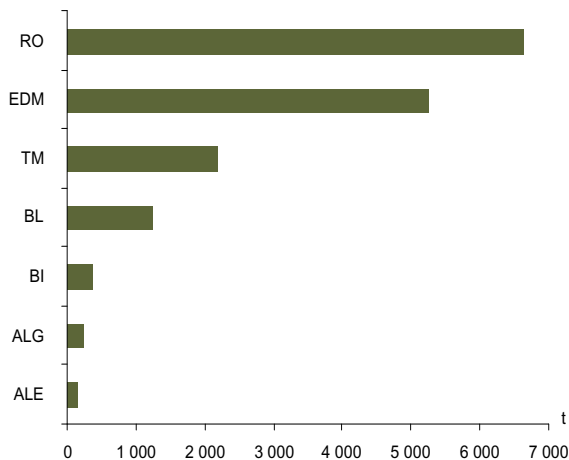
Brassica oleracea, L. var. tronchuda

Couve tronchuda

A produção de couve tronchuda, também conhecida por penca ou portuguesa, foi de 16 076 t em 2001; a área dedicada a esta cultura, para o mesmo ano, ultrapassou ligeiramente os 1 000 ha.

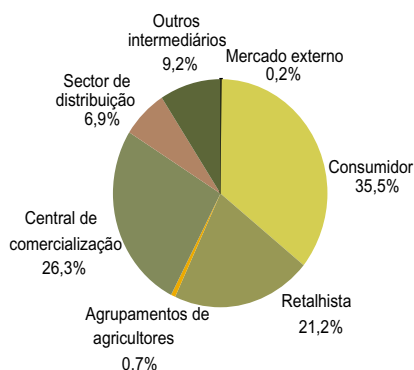
As principais zonas de produção localizam-se nas regiões do Ribatejo e Oeste e Entre-Douro e Minho, com, respectivamente, 41% e 33% do total da produção. De assinalar ainda a região de Trás-os-Montes, responsável por cerca de 14% da produção, na qual se produz a famosa penca de Chaves, tão apreciada, sobretudo durante a quadra natalícia.

Produção de couve tronchuda em 2001



Cerca de 1/3 das explorações que produzem couve tronchuda encontram-se localizadas na região de Entre-Douro e Minho; o Ribatejo e Oeste e a Beira Litoral registam, em conjunto, 46% do total de explorações do Continente.

Formas de escoamento da produção comercializada



A principal forma de escoamento da produção é a venda directa ao consumidor, 35,5%, seguindo-se a comercialização através de centrais de comercialização com 26,3%. A venda a retalhistas representa 21,2% da produção comercializada, cabendo aos outros intermediários (inclui outros grossistas) e ao sector de distribuição, 9,2% e 6,9%, respectivamente.

Área e produção de couve tronchuda 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	956	15 507	966	15 056	929	14 617	929	14 617	929	14 617	1 044	16 424	1 027	16 076
EDM	400	4 870	404	4 728	389	4 591	389	4 591	389	4 591	437	5 158	437	5 244
TM	92	2 360	93	2 292	89	2 225	89	2 225	89	2 225	100	2 500	89	2 201
BL	75	1 365	76	1 326	73	1 287	73	1 287	73	1 287	82	1 446	70	1 229
BI	14	272	14	264	13	256	13	256	13	256	15	288	21	370
RO	356	6 248	360	6 066	346	5 889	346	5 889	346	5 889	389	6 617	389	6 617
ALE	10	156	10	151	10	147	10	147	10	147	11	165	11	165
ALG	9	236	9	229	9	222	9	222	9	222	10	250	10	250

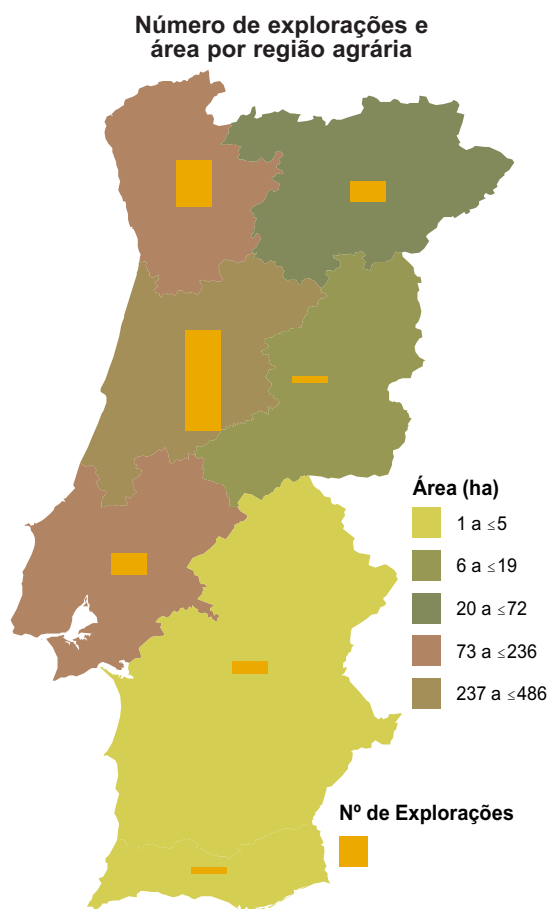
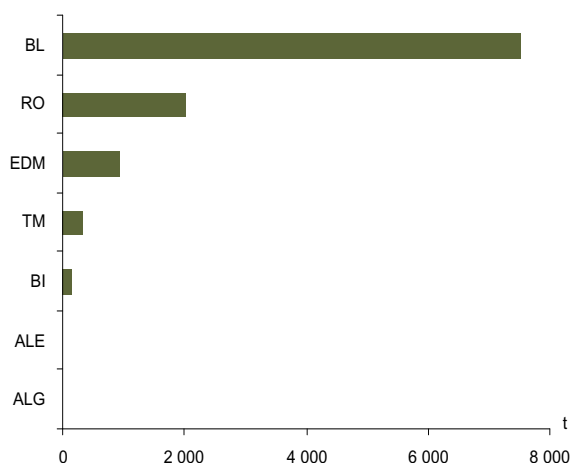
Produção hortícola (1995-2001)

Grelos

A produção de grelos, de nabo e couve, tem bastante expressão no nosso país. Em 2001 a área da cultura foi de 981 ha, à qual correspondeu uma produção de 11 028 t.

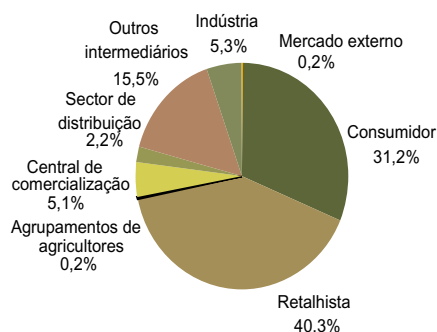
Com quase 70% da produção, a Beira Litoral é a principal região produtora de grelos; o Ribatejo e Oeste e o Entre-Douro e Minho registam, respectivamente, 19% e 9% do total da produção do Continente.

Produção de grelos em 2001



Em termos do número de explorações, a Beira Litoral aparece igualmente destacada, com cerca de 53% das explorações que produzem grelos, seguida do Entre-Douro e Minho com 23% e do Ribatejo e Oeste com 10%.

Formas de escoamento da produção comercializada



Dadas as características da produção, não é pois de estranhar que a venda junto de retalhistas e do consumidor final, sejam preponderantes, representando, respectivamente, 40,3% e 31,2% da produção comercializada.

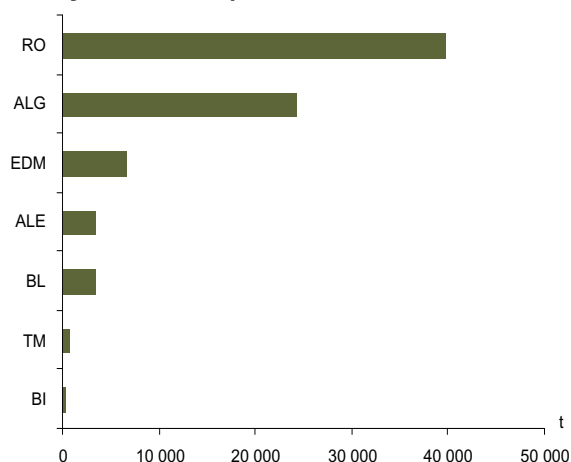
Área e produção de grelos 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	797	9 338	839	9 829	856	10 030	856	10 030	856	10 030	973	11 398	981	11 028
EDM	193	1 158	203	1 219	208	1 244	208	1 244	208	1 244	236	1 414	236	944
TM	57	229	60	241	62	246	62	246	62	246	70	280	72	343
BL	398	6 167	419	6 492	428	6 624	428	6 624	428	6 624	486	7 528	486	7 528
BI	12	98	13	103	13	106	13	106	13	106	15	120	19	137
RO	133	1 667	140	1 755	143	1 791	143	1 791	143	1 791	162	2 035	162	2 035
ALE	3	17	3	18	4	18	4	18	4	18	4	21	5	29
ALG	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	12

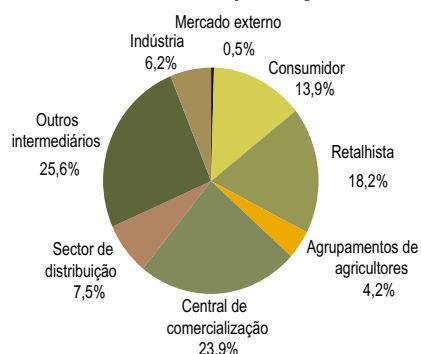
A cultura do tomate para consumo em fresco é uma das mais vulgarizadas no Continente sendo, a par da alface, uma das espécies com maior valor comercial. Em termos de área efectuada, o cultivo em estufa predomina sobre o cultivo ao ar livre. A produção de tomate para consumo em fresco, foi em 2001 de 78 792 t, para uma área cultivada de 1 439 ha. Nos últimos anos tem vindo a observar-se um crescimento gradual das áreas cultivadas, sendo a produtividade, em média, próxima das 56 t/ha.

É no Sul do país que se produz a maioria do tomate em fresco, assumindo maior importância, as regiões do Ribatejo e Oeste e Algarve com, respectivamente, 51% e 31% do total da produção do Continente. De referir que o Entre-Douro e Minho, embora com muito menor expressão, produz cerca de 9% do total.

Produção de tomate para consumo em fresco em 2001



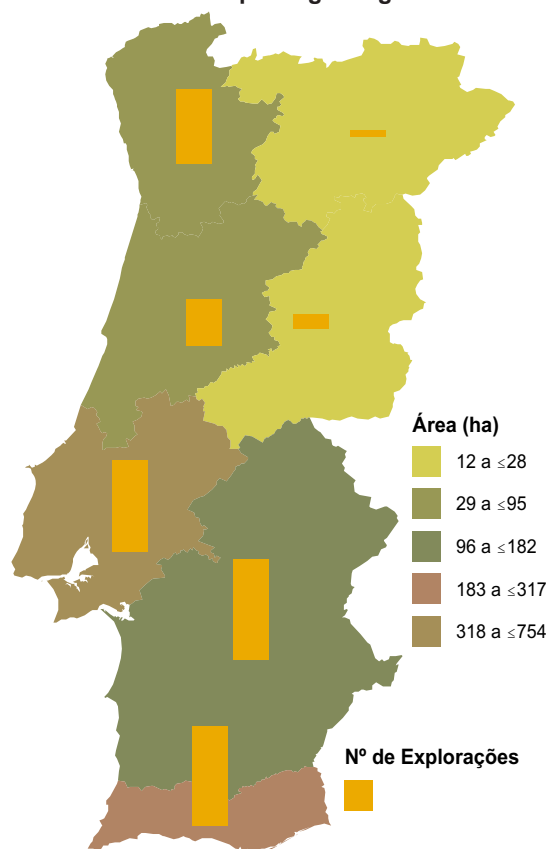
Formas de escoamento da produção comercializada



Área e produção de tomate para consumo em fresco 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	900	49 316	865	48 349	874	49 844	950	53 596	1 145	64 574	1 301	73 379	1 439	78 792
EDM	64	4 375	62	4 289	62	4 422	68	4 755	82	5 729	93	6 510	95	6 650
TM	16	448	15	439	15	453	17	487	20	587	23	667	28	770
BL	35	2 321	34	2 275	34	2 346	37	2 522	45	3 039	51	3 453	51	3 453
BI	7	202	7	198	7	204	7	219	9	264	10	300	12	360
RO	474	24 252	455	23 776	460	24 511	500	26 356	603	31 755	685	36 085	754	39 694
ALE	86	1 680	83	1 647	84	1 698	91	1 826	110	2 200	125	2 500	182	3 456
ALG	217	16 038	209	15 724	211	16 210	229	17 430	276	21 000	314	23 864	317	24 409

Número de explorações e área por região agrícola



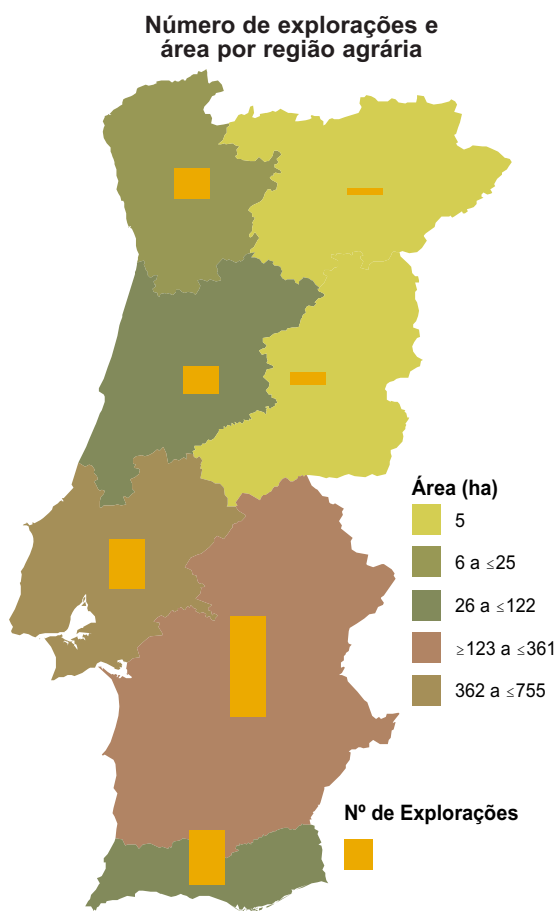
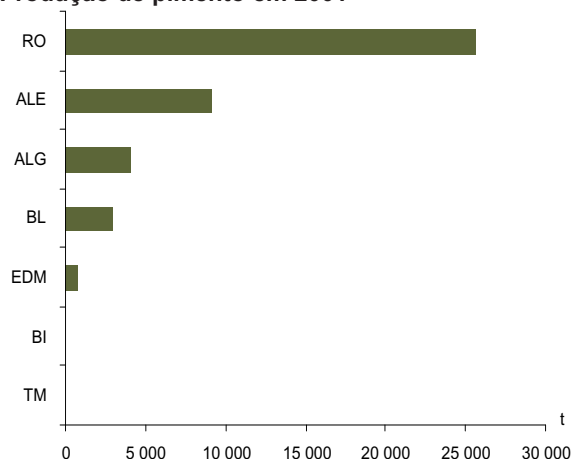
Cerca de 42% das explorações que produzem tomate estão localizadas no Ribatejo e Oeste e no Algarve, registando o Entre-Douro e Minho 17% do total de explorações.

Os outros intermediários (inclui outros grossistas) e as centrais de comercialização são responsáveis, em conjunto, pelo escoamento de cerca de metade da produção comercializada. Seguem-se a venda a retalhistas com 18,2% e a venda directa ao consumidor com 13,9%. O sector de distribuição, no qual se incluem as grandes e médias superfícies, é responsável pelo escoamento de 7,5% da produção.

Em 2001 a área de pimento foi de 1 365 ha, o que correspondeu a uma produção de 42 861 t. Nos últimos anos, e à semelhança da couve brócolo, tem vindo a notar-se um interesse crescente pela cultura do pimento, motivado em parte, pela possibilidade de escoamento da produção para a indústria.

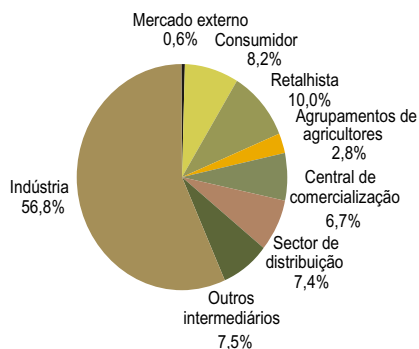
A Região do Ribatejo e Oeste concentra quase 60% da produção, seguindo-se, com menor expressão, o Alentejo com 21% e o Algarve com cerca de 10%.

Produção de pimento em 2001



As explorações produtoras de pimento estão concentradas no sul do País, registando o Ribatejo e Oeste, o Alentejo e o Algarve, em conjunto, 71% do total de explorações do Continente.

Formas de escoamento da produção comercializada



As formas de escoamento colocam em grande evidência a indústria, que absorve 56,8% da produção comercializada. A venda a retalhistas, a venda directa aos consumidores e a outros intermediários (inclui outros grossistas) representam, em conjunto, 25,7% da produção comercializada.

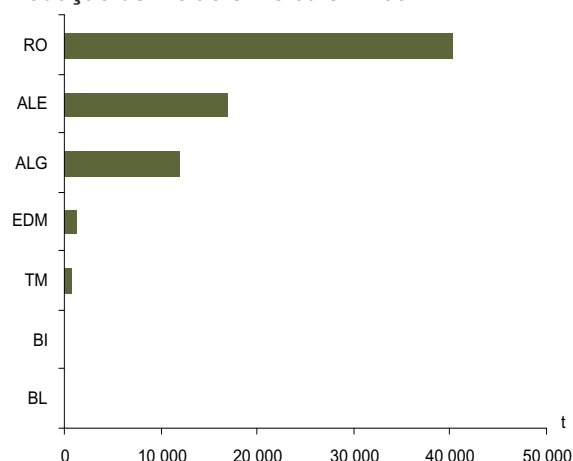
Área e produção de pimento 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	809	27 076	851	29 430	979	27 764	1 030	33 451	1 030	33 451	1 120	36 360	1 365	42 861
EDM	15	525	16	571	18	538	19	649	19	649	21	705	25	850
TM	2	22	2	24	3	23	3	28	3	28	3	30	5	61
BL	37	1 218	39	1 323	45	1 248	47	1 504	47	1 504	51	1 635	92	2 943
BI	4	86	4	93	4	88	5	106	5	106	5	115	5	115
RO	545	19 116	574	20 777	660	19 601	694	23 616	694	23 616	755	25 670	755	25 670
ALE	119	3 072	125	3 339	144	3 150	152	3 795	152	3 795	165	4 125	361	9 074
ALG	87	3 038	91	3 302	105	3 115	110	3 754	110	3 754	120	4 080	122	4 148

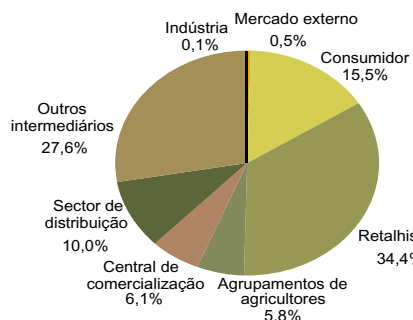
Em 2001 a produção de melão, incluindo melloa, foi de 71 590 t, sendo a área cultivada de 3 454 ha. Relativamente a anos anteriores, 2001 foi um ano médio, embora a produção tenha sido cerca de 11% superior à verificada em 2000.

A sul do Tejo concentra-se a maior parte da produção de melão, com destaque para a região do Ribatejo e Oeste com mais de metade da produção de melão do Continente. O Alentejo e o Algarve, embora com menor importância, contribuem com uma parte significativa, respectivamente, 24% e 17% do total da produção. De referir que o Entre-Douro e Minho produz uma variedade de melão de características únicas, o melão casca de carvalho, não tendo contudo volume de produção significativo que lhe possibilite a colocação em grandes centros de consumo.

Produção de melão e melloa em 2001



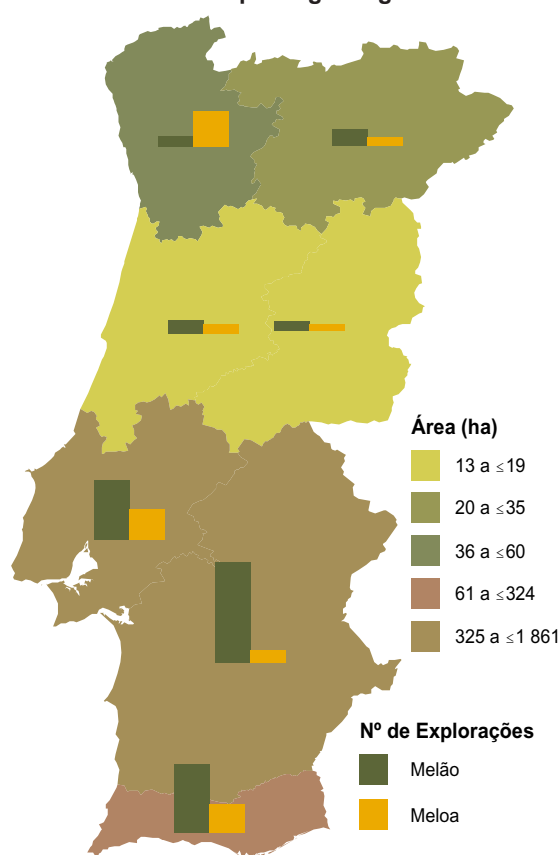
Formas de escoamento da produção comercializada



Área e produção de melão e melloa 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	3 270	67 782	3 803	72 109	3 588	70 009	3 737	76 096	4 107	83 623	3 159	64 325	3 454	71 590
EDM	72	1 549	84	1 648	80	1 600	83	1 739	91	1 911	70	1 470	60	1 260
TM	31	569	36	605	34	588	35	639	39	702	30	540	35	702
BL	39	601	46	639	43	620	45	674	49	741	38	570	19	200
BI	10	169	12	179	11	174	12	189	13	208	10	160	13	208
RO	1 605	35 315	1 867	37 570	1 762	36 475	1 835	39 647	2 016	43 568	1 551	33 514	1 861	40 217
ALE	1 180	17 103	1 372	18 195	1 295	17 665	1 349	19 201	1 482	21 100	1 140	16 231	1 142	17 015
ALG	331	12 476	385	13 273	363	12 886	379	14 007	416	15 392	320	11 840	324	11 988

Número de explorações e área por região agrícola



As explorações que produzem melão, situam-se maioritariamente no Sul do país, representando o Ribatejo e Oeste, o Alentejo e o Algarve, em conjunto, 88% do total de explorações. No que respeita à melloa, cerca de 33% do total de explorações estão situadas no Entre-Douro e Minho, 27% no Ribatejo e Oeste e 24% no Algarve.

A comercialização de melão/melloa, faz-se predominantemente através dos retalhistas e dos outros intermediários (inclui outros grossistas), que escoam, respectivamente, 34,4% e 27,68% da produção comercializada. Seguem-se a venda directa ao consumidor e o sector de distribuição, responsáveis, respectivamente por 15,5% e 10,0% da produção comercializada.

Produção hortícola (1995-2001)

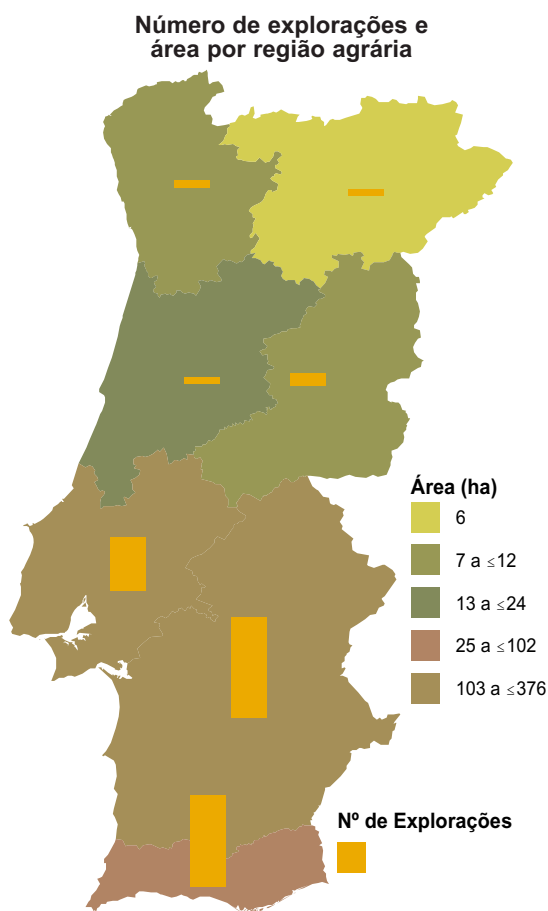
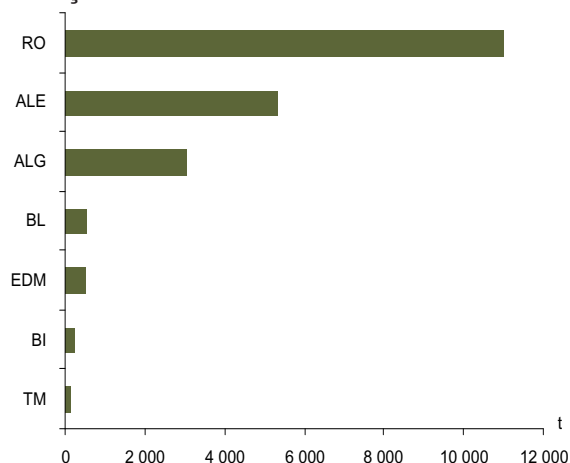
Melancia

Cucurbita citrullus, L.

A produção de melancia em 2001 foi de 20 766 t, sendo a área cultivada de 821 ha. Relativamente a anos anteriores, 2001 foi um bom ano para esta cultura registando-se quer o aumento da superfície quer da produção.

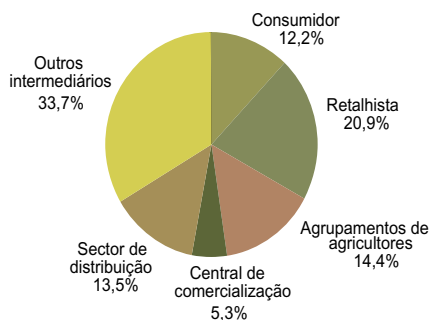
À semelhança do melão/meloa, é no Sul do país que se encontram as grandes zonas de produção de melancia, sendo o Ribatejo e Oeste a principal região produtora, seguida do Alentejo com cerca de 26% da produção e do Algarve com aproximadamente 15%.

Produção de melancia em 2001



As explorações que produzem melancia, estão concentradas no Ribatejo e Oeste, Alentejo e Algarve que registam, em conjunto, 93% do total de explorações do Continente.

Formas de escoamento da produção comercializada



A venda a outros intermediários (inclui outros grossistas) e aos retalhistas, assumem preponderância, com 33,7% e 20,9%, respectivamente, do total da produção comercializada. O sector de distribuição, os agrupamentos de agricultores e a venda directa ao consumidor, muito equitativos, escoam em conjunto, 40,1% da produção.

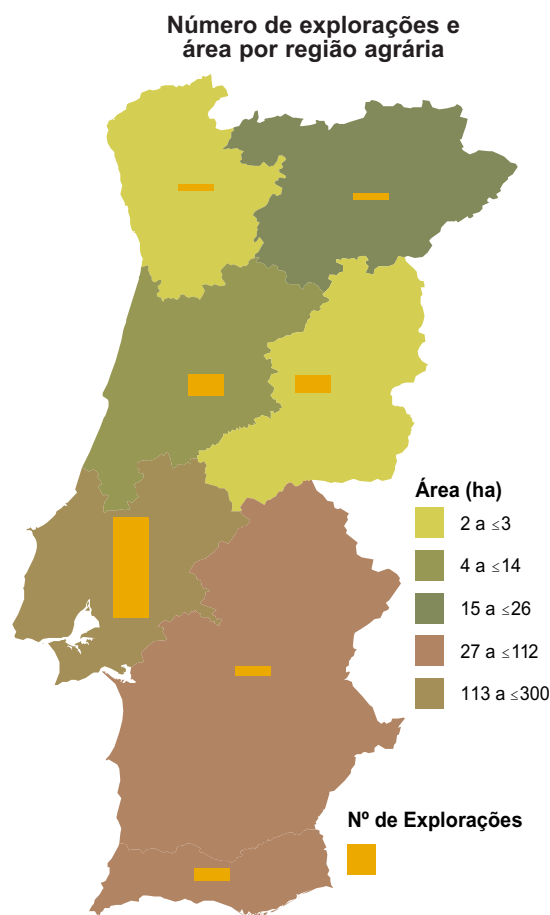
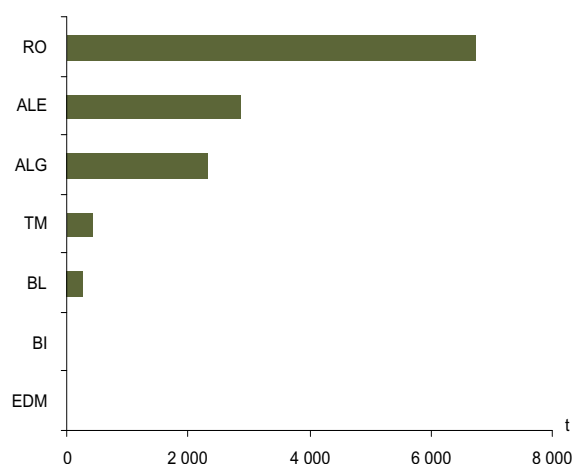
Área e produção de melancia 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	570	15 520	553	16 167	559	14 969	559	15 593	559	15 593	665	18 563	821	20 766
EDM	9	343	8	357	8	331	8	344	8	344	10	410	12	492
TM	4	105	4	109	4	101	4	105	4	105	5	125	6	154
BL	21	441	20	460	20	426	20	444	20	444	24	528	24	528
BI	9	150	8	157	8	145	8	151	8	151	10	180	10	208
RO	291	9 624	283	10 025	286	9 282	286	9 669	286	9 669	340	11 511	376	10 985
ALE	151	2 349	146	2 446	148	2 265	148	2 360	148	2 360	176	2 809	291	5 339
ALG	86	2 508	83	2 613	84	2 419	84	2 520	84	2 520	100	3 000	102	3 060

Em 2001 a área de morango efectuada foi de 546 ha a que correspondeu uma produção de 12 678 t. Nos últimos anos tem vindo a notar-se uma diminuição das áreas dedicadas a esta cultura, motivada fundamentalmente pela dificuldade de escoamento da produção.

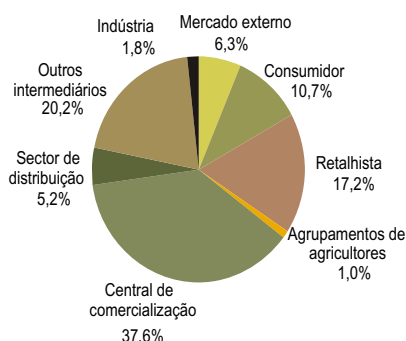
As principais manchas de produção localizam-se no Sul do País, registando o Ribatejo e Oeste 53% da produção, o Alentejo 23% e o Algarve 19%.

Produção de morango em 2001



Em termos de explorações que produzem morango, o Ribatejo e Oeste destaca-se, com mais de metade dos produtores do Continente.

Formas de escoamento da produção comercializada



O morango é maioritariamente escoado através das centrais de comercialização (37,6%), seguindo-se os outros intermediários (inclui outros grossistas) e a venda a retalhistas que, em conjunto, registam 37,4% da produção comercializada. Directamente ao consumidor são vendidos 10,7% da produção de morango.

Área e produção de morango 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	785	17 807	892	21 199	892	20 384	892	20 384	624	14 255	562	12 842	546	12 678
EDM	4	42	5	50	5	48	5	48	3	33	3	30	3	30
TM	56	943	63	1 123	63	1 079	63	1 079	44	755	40	680	26	418
BL	20	388	22	462	22	444	22	444	16	311	14	280	14	280
BI	3	58	3	69	3	67	3	67	2	47	2	42	2	34
RO	467	10 394	530	12 374	530	11 898	530	11 898	371	8 321	334	7 496	300	6 746
ALE	112	2 773	127	3 302	127	3 175	127	3 175	89	2 220	80	2 000	112	2 856
ALG	124	3 209	141	3 820	141	3 673	141	3 673	99	2 569	89	2 314	89	2 314

Produção hortícola (1995-2001)

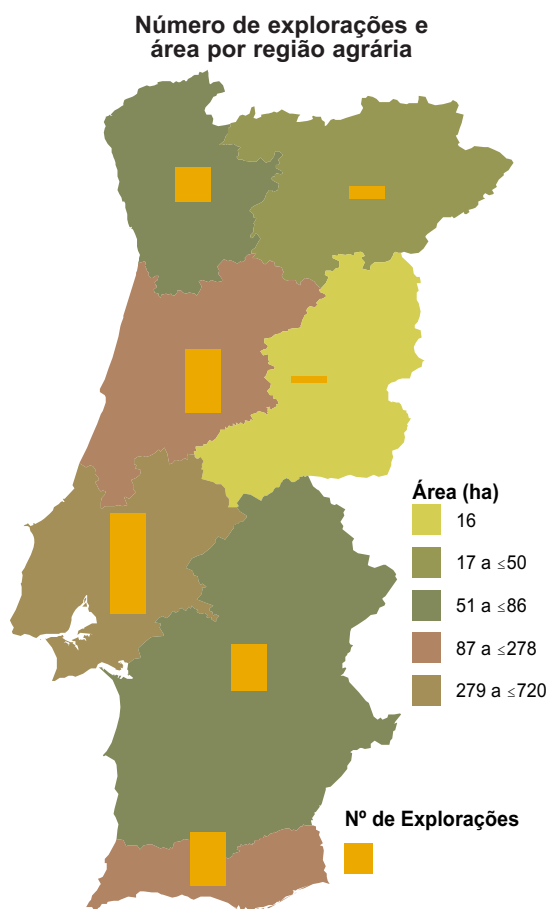
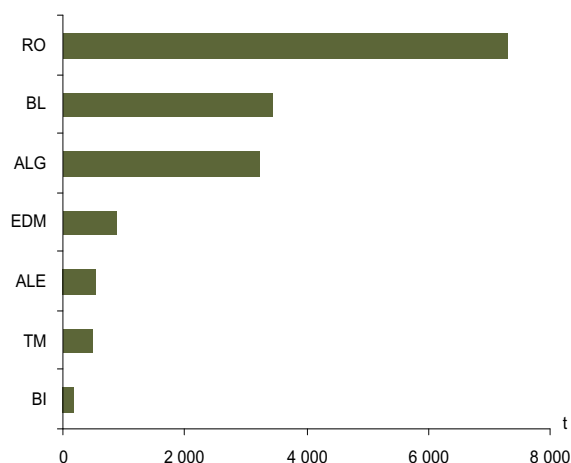
Feijão verde

Phaseolus vulgaris, L.

O feijão verde, produzido predominantemente em estufa, atingiu em 2001 uma produção de 16 106 t, a que correspondeu uma área de 1 410 ha.

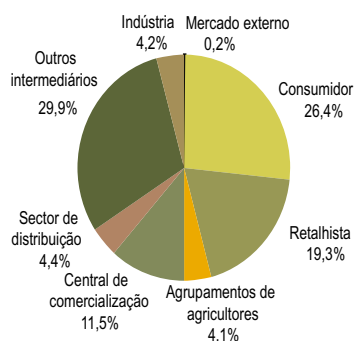
Geograficamente é no Ribatejo e Oeste que se localiza a maior mancha de produção, com 45% do total do Continente, seguindo-se, com valores muito idênticos (cerca de 20%) a Beira Litoral e o Algarve.

Produção de feijão verde em 2001



É igualmente no Ribatejo e Oeste, que se localiza a maior percentagem de explorações com esta cultura, cerca de 28%, registando o Entre-Douro e Minho, a Beira Litoral e o Algarve, em conjunto, 47% do total de explorações.

Formas de escoamento da produção comercializada



A venda a outros intermediários (inclui outros grossistas), a venda directa ao consumidor e a venda aos retalhistas, assumem-se como as principais formas de escoamento do feijão verde, registando, respectivamente, 29,9%, 26,4% e 19,3%. As centrais de comercialização representam 11,5% da produção escoada.

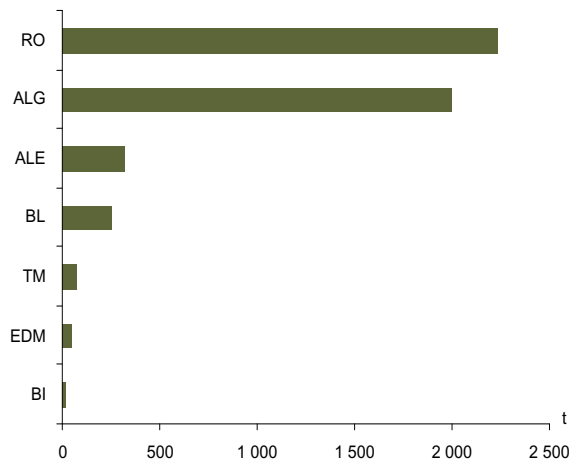
Área e produção de feijão verde 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	1 780	27 352	1 590	23 784	1 728	19 657	1 350	15 238	1 080	12 190	1 317	14 866	1 410	16 106
EDM	100	1 455	89	1 266	97	1 046	76	811	61	649	74	791	80	880
TM	92	1 001	82	870	89	719	70	558	56	446	68	544	50	497
BL	261	4 403	233	3 829	253	3 164	198	2 453	158	1 962	193	2 393	278	3 446
BI	22	311	19	270	21	223	16	173	13	139	16	169	16	182
RO	973	13 444	869	11 691	945	9 662	738	7 490	590	5 992	720	7 307	720	7 307
ALE	89	776	80	675	87	558	68	433	54	346	66	422	86	554
ALG	243	5 961	217	5 184	236	4 284	185	3 321	148	2 657	180	3 240	180	3 240

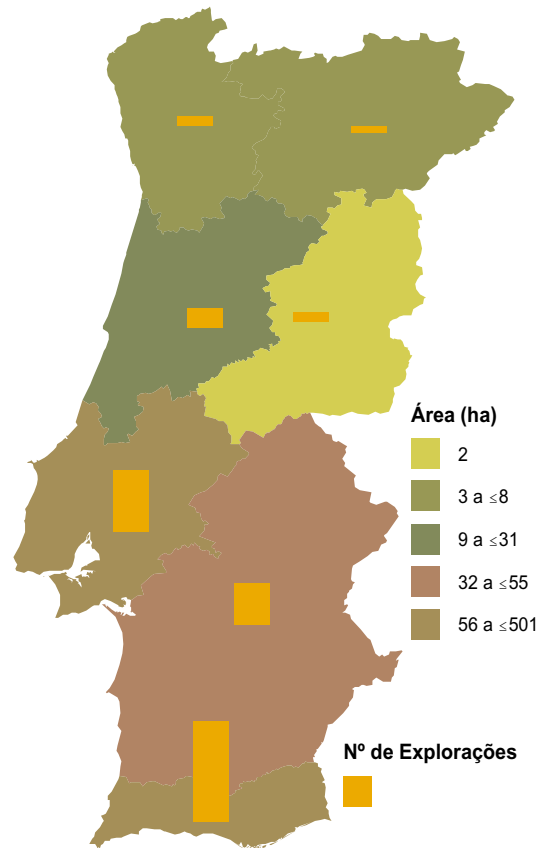
A produção de fava em 2001 foi de 4 953 t para uma área semeada de 920 ha. As condições climáticas verificadas na altura das sementeiras, que tiveram implicações na sua concretização, originaram um mau ano de produção para esta cultura, tendo-se registado, face a 2000, uma redução da área e da produção de, respectivamente, 35% e 43%.

A produção de fava está tradicionalmente concentrada no Ribatejo e Oeste, Beira Litoral e Algarve. O mau ano agrícola de 2001 reflectiu-se severamente na Beira Litoral, tendo esta região registado somente 5% da produção do Continente. O Ribatejo e Oeste e o Algarve produziram em 2001, respectivamente, 45% e 40% do total de fava.

Produção de fava em 2001

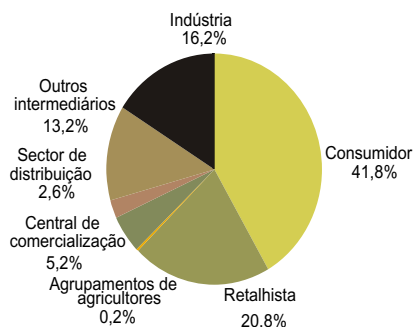


Número de explorações e área por região agrícola



Cerca de 45% das explorações com fava situam-se no Algarve, registando o Ribatejo e Oeste aproximadamente 1/4 das explorações do Continente.

Formas de escoamento da produção comercializada



A venda directa ao consumidor constitui, destacadamente, a principal forma de escoamento da fava, representando 41,8% da produção comercializada. Seguem-se a venda a retalhistas, a venda à indústria e a venda a outros intermediários (inclui outros grossistas) com, respectivamente, 20,8%, 16,2% e 13,2% da produção escoada.

Área e produção de fava 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	1 492	6 079	1 435	8 684	1 630	9 239	1 254	7 699	1 254	7 699	1 409	8 651	920	4 953
EDM	11	44	10	62	12	66	9	55	9	55	10	62	8	48
TM	3	30	3	42	3	45	3	37	3	37	3	42	6	78
BL	330	1 755	318	2 507	361	2 667	278	2 222	278	2 222	312	2 497	31	250
BI	2	13	2	18	2	19	2	16	2	16	2	18	2	18
RO	560	2 620	539	3 742	612	3 981	471	3 318	471	3 318	529	3 728	317	2 237
ALE	56	214	54	305	61	325	47	271	47	271	53	304	55	318
ALG	529	1 405	509	2 008	578	2 136	445	1 780	445	1 780	500	2 000	501	2 004

Produção hortícola (1995-2001)

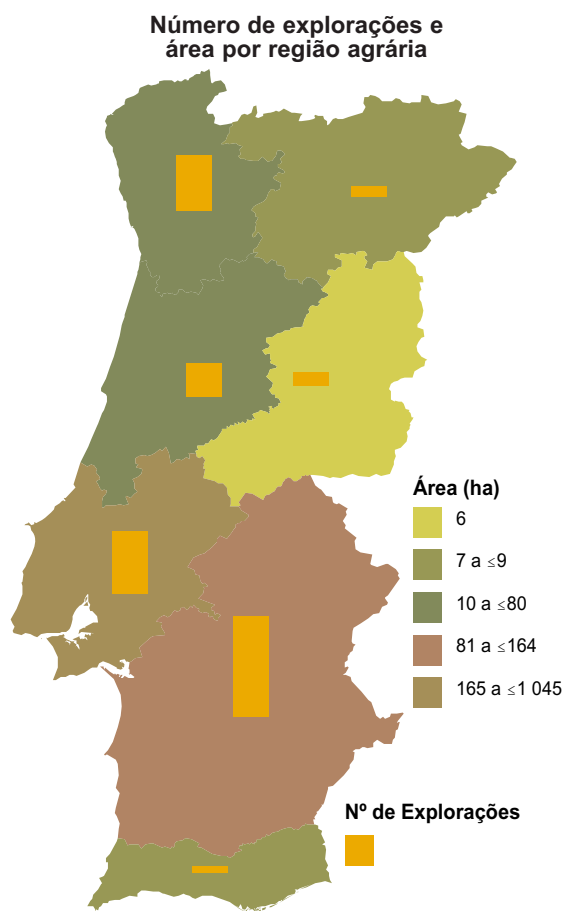
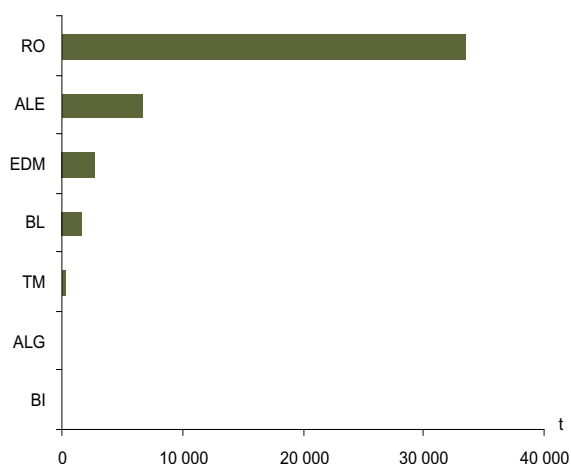
Cenoura

Daucus carota, L.

Em 2001 a produção de cenoura foi de 45 398 t, à qual correspondeu uma área cultivada de 1 363 ha.

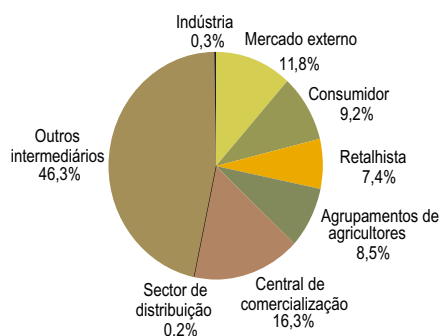
Cerca de 74% da produção está concentrada na região do Ribatejo e Oeste, sendo o Alentejo com 15% da produção, a segunda região mais importante.

Produção de cenoura em 2001



As explorações com cenoura estão maioritariamente localizadas no Ribatejo e Oeste e Alentejo, apresentando o Entre-Douro e Minho e a Beira Litoral, respectivamente, 20% e 12% do total de explorações do Continente.

Formas de escoamento da produção comercializada



A cenoura é escoada primordialmente através dos outros intermediários (inclui outros grossistas), registando as centrais de comercialização e o mercado externo, respectivamente, 16,3% e 11,8% da produção comercializada.

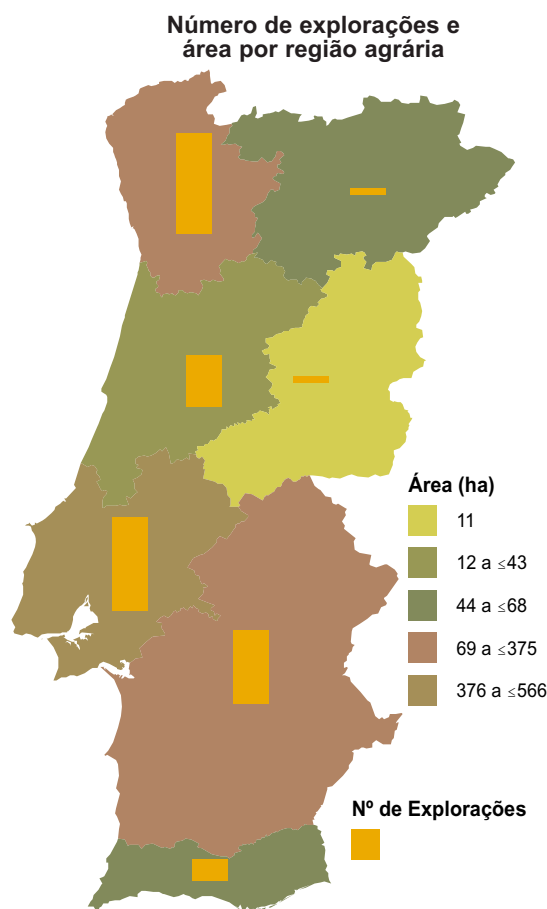
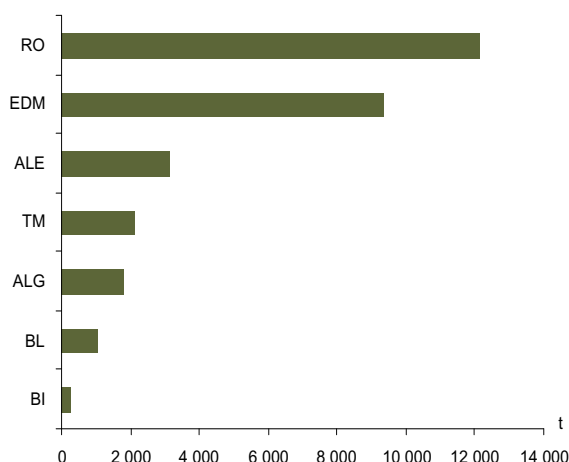
Área e produção de cenoura 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	895	32 015	1 119	43 263	788	29 232	1 010	36 540	1 217	44 024	1 383	50 027	1 363	45 398
EDM	55	1 904	69	2 573	48	1 738	62	2 173	75	2 618	85	2 975	80	2 800
TM	5	112	6	151	4	102	5	128	6	154	7	175	9	244
BL	38	1 313	48	1 774	34	1 198	43	1 498	52	1 805	59	2 051	50	1 743
BI	4	96	5	130	3	88	4	110	5	132	6	150	6	165
RO	677	23 830	846	32 202	595	21 758	763	27 198	920	32 768	1 045	37 236	1 045	33 512
ALE	111	4 617	139	6 240	98	4 216	126	5 270	151	6 349	172	7 215	164	6 709
ALG	6	144	7	195	5	131	7	164	8	198	9	225	9	225

A produção de cebola, em 2001, foi de 29 960 t, sendo a área cultivada de 1 344 ha. Entre 1995 e 2001 verificou-se uma certa estabilidade das áreas destinadas a esta cultura, cuja produtividade média, para o mesmo período, registou 23 t/ha.

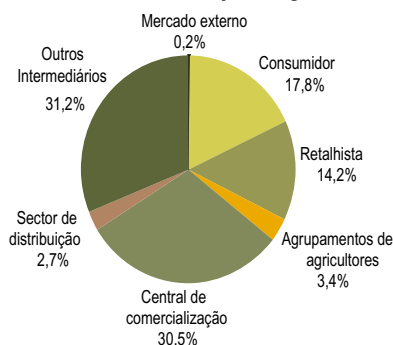
Em 2001 cerca de 72% da produção teve origem nas regiões do Ribatejo e Oeste (41%) e Entre-Douro e Minho (31%). O Alentejo, Trás-os-Montes e Algarve produziram, respectivamente, 11%, 7% e 6% do total do Continente.

Produção de cebola em 2001



As explorações que produzem cebola, estão maioritariamente localizadas no Entre-Douro e Minho e Ribatejo e Oeste. O Alentejo e a Beira Litoral registam, respectivamente, 18% e 14% do total de explorações do Continente.

Formas de escoamento da produção comercializada



A comercialização da cebola é feita preferencialmente através de centrais de comercialização e dos outros intermediários (inclui outros grossistas) que, em conjunto, representam 61,7% do total da produção comercializada. Seguem-se a venda directa ao consumidor e aos retalhistas com, respectivamente, 17,8% e 14,2% do total da produção.

Área e produção de cebola 1995-2001

Regiões	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
CONTINENTE	1 175	27 831	1 119	26 010	1 108	25 253	1 066	24 281	1 284	29 255	1 459	33 244	1 344	29 960
EDM	313	8 142	298	7 609	295	7 387	284	7 103	342	8 558	389	9 725	375	9 375
TM	60	1 821	58	1 702	57	1 652	55	1 589	66	1 914	75	2 175	68	2 147
BL	35	886	33	828	33	804	31	773	38	931	43	1 058	43	1 058
BI	9	239	8	224	8	217	8	209	10	252	11	286	11	290
RO	570	12 708	542	11 877	537	11 531	517	11 087	622	13 359	707	15 180	566	12 144
ALE	140	2 528	133	2 363	132	2 294	127	2 206	153	2 658	174	3 020	221	3 146
ALG	48	1 507	46	1 408	46	1 367	44	1 315	53	1 584	60	1 800	60	1 800



CAPÍTULO 3

3. Metodologia e conceitos

3.1. Introdução

A necessidade de dispor de informação regular e fiável no domínio do sector da horticultura, levou a que o INE, logo após a realização do último Recenseamento Geral da Agricultura, RGA 99, realizasse o Inquérito à Horticultura 2000.

Este inquérito, cuja concepção e desenvolvimento foi amplamente participado através da recolha de contributos junto dos principais utilizadores, teve como principal objectivo a caracterização estrutural do sector. Permitiu, igualmente, a recolha de informação sobre áreas e produções das principais espécies hortícolas, constituindo um referencial para a actualização anual desta informação, apresentada no capítulo 2 desta publicação.

3.2. Âmbito geográfico e período de recolha, tipo e método de recolha, unidade estatística

A recolha da informação foi efectuada em todo o país, por entrevista directa junto dos agricultores, tendo decorrido entre 1 de Março e 26 de Abril de 2001.

O inquérito realizou-se por amostragem, a partir do universo de explorações agrícolas que declararam possuir área de culturas hortícolas no RGA 99.

A unidade estatística inquirida foi a exploração agrícola com área base de culturas hortícolas superior a 1 are (100 m²); na Região Autónoma da Madeira, foram inquiridas todas as explorações com culturas hortícolas. O período de referência do inquérito foi o ano civil de 2000.

3.3. Plano de amostragem

A dimensão da amostra foi de 5 411 explorações agrícolas com culturas hortícolas, o que correspondeu a uma taxa de amostragem de 11%.

As explorações foram estratificadas, em cada região, de acordo com as respectivas classes de área de culturas hortícolas, extensivas, intensivas ao ar livre e intensivas em estufa. Em todas as regiões foi, pelo menos, inquirido exaustivamente um estrato.

O quadro abaixo, ilustra a distribuição da amostra por região, bem como os coeficientes de variação *a priori* para cada uma das variáveis de estrato.

Região	Número de explorações		Coeficientes de variação <i>a priori</i>			
	Universo	Amostra	Culturas hortícolas extensivas	Culturas hortícolas intensivas ao ar livre	Culturas hortícolas intensivas em estufa	Culturas hortícolas
EDM	7541	781	2,57	2,57	2,27	2,05
TM	1547	336	2,98	2,96	2,86	2,04
BL	8848	816	1,68	2,43	1,94	1,68
BI	1699	330	2,67	2,29	0,00	1,73
RO	12885	1264	1,83	2,70	2,31	1,52
ALE	3761	436	2,10	2,08	2,22	1,71
ALG	4042	621	2,50	2,49	1,40	1,35
AÇORES	1857	330	2,98	2,89	2,51	2,01
MADEIRA	5629	497	2,73	2,80	2,20	2,14

Fonte: Inquérito à Horticultura 2000

3.4. Quadros de apuramento

Como referimos no ponto anterior, o dimensionamento da amostra foi efectuada com base em informação *a priori* sobre três variáveis: área de culturas hortícolas extensivas, área de culturas intensivas ao ar livre e área de culturas hortícolas em estufa.

Devido à diferente repartição das variáveis referidas em cada uma das regiões agrárias e regiões autónomas, a desagregação dos resultados do inquérito nos quadros de apuramento poderá conduzir a que as estimativas disponibilizadas em algumas das células dos quadros se reportem a factores de muito fraca ocorrência na amostra, que correspondem a uma das seguintes situações:

- Informação proveniente exclusivamente de explorações pertencentes a estratos observados exaustivamente e portanto de total fiabilidade
- Informação respeitante a explorações de estratos não exaustivos, cuja fiabilidade poderá ser pequena.

Chama-se, por isso, a atenção do leitor, para o facto de algumas estimativas apresentadas, referentes a um reduzido número de ocorrências, poderem ter uma estimativa de erro relativamente elevada. Embora a situação não seja geral, atendendo à possibilidade de a informação respeitar a explorações de estratos observados exaustivamente, deverá, contudo, o leitor, utilizar com precaução os resultados que digam respeito a menos de 30 explorações.

A decisão de publicar os resultados deste inquérito com detalhe, por região agrária e para as regiões autónomas, prende-se com o facto de existir uma grande falta de informação estatística sobre a horticultura, com a qual temos vindo a ser repetidamente confrontados pelos utilizadores.

3.5. Organização e meios

No Continente, a execução do Inquérito à Horticultura 2000, contou com a colaboração das Direcções Regionais de Agricultura, no quadro da delegação de competências do INE. Nas Regiões Autónomas, o Serviço Regional de Estatística dos Açores e a Direcção Regional de Estatística da Madeira, asseguraram a execução do inquérito.

A recolha de informação foi efectuada por entrevistadores locais que receberam formação adequada para o efeito.

O acompanhamento e controlo do trabalho de campo, bem como a verificação dos questionários, foi assegurado pelas estruturas de coordenação regionais, por forma a garantir a melhor qualidade na recolha da informação. O registo e validação dos questionários foi descentralizado em cada uma das regiões e realizado em simultâneo com a recolha dos dados.

3.6. Conceitos

Área base (superfície base) com culturas hortícolas - superfície base na qual se efectuaram as culturas hortícolas, no período de referência.

Parcela hortícola - extensão com culturas hortícolas sujeita a um único modo de instalação, a um único regime de exploração, com limites físicos bem definidos (que provoquem descontinuidade na sua extensão). Entendem-se por limites físicos, os caminhos, muros, sebes, valas de drenagem e outras extensões físicas que não sejam passíveis de ser cultivadas.

Modo de instalação

- **Ao ar livre** – parcelas ao ar livre ou cobertas com folhas flexíveis de plástico colocadas sobre o terreno ou com estruturas fixas ou móveis, dentro das quais uma pessoa não pode trabalhar de pé;

- **Em estufa** – parcelas com instalações fixas ou móveis, de estrutura flexível ou rígida, em vidro, plástico ou material translúcido mas impermeável à água, aquecidas ou não, dentro das quais uma pessoa pode trabalhar de pé.

- **Estufa com solo** – parcela com estufa em que as plantas desenvolvem o seu sistema radicular no solo;

- **Estufa sem solo** - parcela com estufa em que as plantas desenvolvem o seu sistema radicular num meio (líquido ou sólido) delimitado e isolado, fora do solo. Consideram-se: as culturas hidropónicas, quando o suporte é a água ou materiais inertes (areia, cascalho, argila expandida, lã de rocha, perlite, vermiculite, escórias de metais e de carvão, cerâmica moída, etc.); as culturas com substrato efectuadas sobre materiais quimicamente activos, com capacidade de troca catiónica (turfas, mousse de poliuretano, poliestireno expandido, casca de arroz, estrume, casca de árvores, serradura, fibra de côco, etc.).

Regime de exploração

- **Extensivo** – parcelas em que são efectuadas culturas hortícolas como cultura única no ano ou em rotação com culturas não hortícolas, à excepção da batata; Inclui: as parcelas em que habitualmente se sucedem às culturas hortícolas, viveiros de hortícolas; Exclui: os morangos e os espargos, cujo regime de exploração deverá ser sempre considerado como intensivo.

- **Intensivo** – parcelas destinadas exclusivamente a culturas hortícolas, sucedendo-se nestas várias culturas hortícolas durante o mesmo ano. Incluem-se as parcelas destinadas a culturas hortícolas, mesmo que em certos anos e por motivos técnicos se tenham intercalado culturas não hortícolas na rotação (no caso de ser identificada, no ano de referência, uma rotação entre uma cultura hortícola e uma cultura não hortícola, o entrevistador deverá perguntar ao produtor se esta rotação é uma prática corrente; se for, a parcela em causa deverá ser registada como extensiva).

Área total por espécie hortícola – área total efectuada por espécie hortícola, no ano de referência.

Tipo de estufa

- **simples** - estufas em capela ou arco com um único vão livre
- **dupla** - estufas em capela ou arco com dois vãos livres
- **múltipla** - estufas em capela ou arco com três ou mais vãos livres
- **túnel** - estufas cujas paredes laterais e tecto apresentam uma curvatura em forma de túnel
- **parral** - estufas cujo tecto apresenta uma inclinação muito pequena, formando apenas uma água, sendo constituído por um filme plástico entre duas redes de malha metálica.

Tipos de rega

- **regos/sulcos** - aproveitando o desnível do terreno abrem-se regos ou sulcos paralelos à cultura a regar. Esta rega pode ser utilizada pelo processo de alagamento (regos/sulcos fechados) ou escorrimento (regos/sulcos abertos, permitindo a recolha da água excedente para uma vala que por sua vez alimentará outro talhão de regos/sulcos).
- **gota-a-gota** - rega localizada, em que a água é conduzida por emissores e tubagem estendida pelo solo sendo fornecida junto das plantas por gotejadores.
- **micro-aspersão** - rega localizada, em que a água é conduzida por emissores e tubagem estendida pelo solo sendo fornecida junto das plantas por microaspersores.
- **aspersão fixa-móvel** - todo o terreno é abrangido como uma chuva, podendo a instalação ser fixa (as tubagens ficam dispostas no terreno ou enterradas durante todo o ciclo da cultura) ou móvel (as tubagens e os aspersores são mudados para outras posições de rega). Inclui a nebulização.
- **outros** – inclui a rega por aspersão semovente-canhão, aspersão semovente-rampa, rega por capilaridade e rega subterrânea.

Fertirrega – aplicação de fertilizante sólido, solúveis e líquidos através do sistema de rega.

Mão-de-obra familiar - todos os membros da família do produtor que pertencendo ou não ao seu agregado doméstico, participam regularmente nos trabalhos agrícolas da exploração, qualquer que seja o seu estatuto (*isto é, remunerados ou não*).

Mão-de-obra assalariada - compreende todas as pessoas remuneradas pela exploração, ocupadas nos trabalhos agrícolas da exploração, que não sejam nem o produtor nem membros da sua família, que trabalharam na exploração com carácter de continuidade, isto é, todos os dias, alguns dias por semana ou alguns dias por mês.

Tempo de actividade – tempo de trabalho consagrado pelos trabalhadores agrícolas da exploração ao longo do ano agrícola de referência.

- **menos de 25%** (*menos de 10 horas por semana, menos de 6 dias por mês, menos de 60 dias por ano, todos os meses*);
- **de 25% a menos de 50%** (*de 10 a menos de 20 horas por semana, de 6 a menos de 11 dias por mês, de 60 a menos de 120 dias por ano, todos os meses*);
- **de 50% a menos de 75%** (*de 20 a menos de 30 horas por semana, de 11 a menos de 17 dias por mês, de 120 a menos de 180 dias por ano, todos os meses*);
- **de 75% a menos de 100%** (*de 30 a menos de 40 horas por semana, de 17 a menos de 22 dias por mês, de 180 a menos de 240 dias por ano, todos os meses*);
- **100% (tempo completo)** (*40 ou mais horas por semana, 22 dias ou mais por mês, 240 dias ou mais por ano, todos os meses*).

Mão-de-obra eventual - compreende todas as pessoas remuneradas ou não pela exploração, ocupadas nos trabalhos agrícolas da exploração, que trabalharam na exploração de uma forma irregular, isto é, sem carácter de continuidade, fazendo-o somente numa parte desse período.

Entreaajuda - trabalho efectuado na exploração, sem ser sujeito a qualquer remuneração, por parte de um familiar ou amigo do produtor, provavelmente, como retribuição de outros serviços prestados pelo produtor ou membros do seu agregado doméstico.

Mão-de-obra não contratada directamente pelo produtor - trabalho afecto à horticultura da exploração por pessoas não contratadas directamente pelo produtor, trabalhando por conta própria ou como empregados de terceiros. Exemplos: trabalho fornecido por empresas de trabalho à tarefa; trabalho do tractorista cujo tractor é alugado pelo produtor; trabalho do técnico da cooperativa que presta apoio à exploração.

Dia de trabalho - o trabalho normalmente efectuado pela mão-de-obra agrícola a tempo completo, durante pelo menos 8 horas diárias.

UTA (Unidade de Trabalho Ano) – actividade de uma pessoa ocupada com trabalhos agrícolas a tempo completo (1 920 horas/ano).

Produção colhida por espécie hortícola – produção total colhida por espécie hortícola no ano de referência.

Produção comercializada – inclui a percentagem da produção colhida que foi comercializada (vendida). Exclui a produção autoconsumida, as perdas na exploração e as perdas no circuito de comercialização.

Forma de escoamento da produção comercializada – identificação do primeiro agente económico com o qual o produtor efectuou as transacções dos produtos.

Directamente para o mercado externo – o produtor vende directamente para o mercado externo.

Directamente ao consumidor – nesta forma de escoamento não existe nenhum intermediário entre o produtor e o consumidor final. A venda pode ser realizada na exploração, na estrada ou num mercado retalhista (o produtor tem um lugar neste tipo de mercados). Inclui a venda a hotéis, cafés e restaurantes.

Retalhista – o produtor vende a pequenos comerciantes que por sua vez abastecem os consumidores finais. A transacção pode ter lugar na exploração ou num mercado grossista. Excluir a venda às médias e pequenas superfícies que deverão ser registadas em “sector de distribuição”.

Agrupamentos de agricultores – o produtor entrega a sua produção a uma cooperativa, associação ou organização de produtores da qual é associado, sendo estas responsáveis pelo escoamento dos produtos.

Central de comercialização – o produtor vende os seus produtos a uma central de comercialização, vulgarmente designada por central hortofrutícola, que tem como função a concentração da produção e o acondicionamento dos produtos. O destino é usualmente a venda para as médias e grandes superfícies.

Sector de distribuição – o produtor vende directamente às médias e grandes superfícies. Inclui a venda directa às lojas dessas redes.

Indústria – o produtor vende a sua produção à indústria de transformação de hortícolas.

Outros intermediários – inclui a venda a outros grossistas/armazenistas/camionistas.

QUESTIONÁRIO



Inquérito à Horticultura 2000 IH2000

ESPAÇO RESERVADO À ETIQUETA

INQUÉRITO OBRIGATÓRIO - ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL (Lei nº 6/89, de 15 de Abril)

I - LOCALIZAÇÃO DA EXPLORAÇÃO

CONCELHO

FREGUESIA

II - IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADOR E DATA DA ENTREVISTA

ENTREVISTADOR

Nº

DATA

Ano

Mês

Dia

III - A EXPLORAÇÃO É INQUIRIDA POR:

- Ser exploração agrícola pertencente à amostra (efectiva ou suplente) = 1
- Ser exploração filha de uma exploração da amostra (efectiva ou suplente) = 2

(Se código 010 = 2 então passar para VI - Identificação do Produtor Agrícola)

IV - CARACTERIZAÇÃO DA EXPLORAÇÃO

(SIM=1) (NÃO=9)

- A - A exploração tem limites (SAU ou número de animais) para ser inquirida?
- B - A exploração mantém a maior parte da SAU ou construções desde a última vez que foi inquirida?
- C - A exploração produziu produtos agrícolas (vegetais ou animais)?
- D - A exploração cedeu terras (SAU) ou construções?
- E - A exploração recebeu terras (SAU) ou construções?

V - SITUAÇÃO DA EXPLORAÇÃO

- Se A =9 = > DESAPARECIDA = 3
(Se 016 = 3 então preencher unicamente VIII)
- Se A =1 B =1 C =9 = > ABANDONADA = 4
(Se 016 = 4 então preencher unicamente VIII e IX)
- Se A =1 B =1 C =1 E =9 = > PERENE = 1
(Se 016 = 1 então confirmar a identificação do produtor agrícola)
- Se outra combinação = > O código de SITUAÇÃO só deve ser inscrito após se analisar VIII e IX

Preencher VI - IDENTIFICAÇÃO DO PRODUTOR AGRÍCOLA quando: { - o produtor agrícola não for o mesmo que o referido na etiqueta
- houver qualquer alteração relativa ao conteúdo da etiqueta

VI - IDENTIFICAÇÃO DO PRODUTOR AGRÍCOLA

- Houve alteração na identificação do produtor agrícola?

Nº DE PESSOA SINGULAR / Nº DE PESSOA COLECTIVA

(SIM=1) (NÃO=9)

NOME

MORADA

(Rua e Nº)

(Lugar)

FREGUESIA

DT

CC

FG

C. POSTAL

Telefone para contacto

O ENTREVISTADOR

O COORDENADOR

**VII - A EXPLORAÇÃO É PERENE E REÚNE CONDIÇÕES PARA SER INQUIRIDA
NO ÂMBITO DO INQUÉRITO?**

(SIM=1) (NÃO=9)

018

(Se código **014 = 1** então preencher VIII)

VIII - TERRAS OU CONSTRUÇÕES CEDIDAS PELA EXPLORAÇÃO

CÓD.	TERRAS CEDIDAS		CONSTRU- ÇÕES CEDIDAS (SIM=1) (NÃO=9)	IDENTIFICAÇÃO DO PRODUTOR QUE RECEBEU AS TERRAS OU CONSTRUÇÕES CEDIDAS	A EXPLORAÇÃO REFERIDA NA COLUNA ANTERIOR FOI CRIADA NESTA OCASIÃO? (SIM=1) (NÃO=9)	CODIFICAÇÃO DA EXPLORAÇÃO QUE RECEBEU (identificação em gabinete)
	TOTAL (ares)	S.A.U. (ares)				
1	2	3	4	5	6	
020						
021						
022						
023						
024						
025						

(admite registo até 030)

SE RESPONDEU **SIM** NESTA COLUNA, PREENCHER
UM QUESTIONÁRIO POR CADA EVENTUAL FILHA

(Se código **015 = 1** ou **010 = 2** então preencher IX)

IX - SAU OU CONSTRUÇÕES RECEBIDAS PELA EXPLORAÇÃO

CÓD.	IDENTIFICAÇÃO DO PRODUTOR QUE CEDEU SAU OU CONSTRUÇÕES PARA ESTA EXPLORAÇÃO	SAU RECEBIDA	CONSTRUÇÕES PARA ANIMAIS RECEBIDAS	ESTUFAS RECEBIDAS	CODIFICAÇÃO DA EXPLORAÇÃO QUE CEDEU (identificação em gabinete)
		(ares)	(m ²)	(m ²)	
1	2	3	4	5	
031					
032					
033					
034					
035					
036					

(admite registo até 040)

1 - SUPERFÍCIE BASE COM CULTURAS HORTÍCOLAS

CÓD.	Nº da parcela hortícola	Área ao ar livre/abrigo baixo		Área em estufa/abrigo alto		Lista de culturas efectuadas na parcela hortícola	Nº de culturas hortícolas
		Regime extensivo (m ²)	Regime intensivo (m ²)	Com solo (m ²)	Sem solo (m ²)		
		1	2	3	4		
101							
102							
103							
104							
105							
106							
107							
108							
109							
110							
111							
112							
113							
114							
115							
116							
117							
118							
119							
120							
121							
122							
123							
124							
125							
126							
127							
128							
129							
198							

Superfície base total 199

(Regime extensivo ao ar livre/abrigo baixo + Regime intensivo ao ar livre/abrigo baixo + Estufa/abrigo alto com solo + Estufa/abrigo alto sem solo)

2- CALENDÁRIO CULTURAL

[illegible]

(continua)

Modo de instalação

- Ar livre/abrigo baixo = 1
- Estufa/abrigo alto com solo = 2
- Estufa/abrigo alto sem solo = 3

Ocupação

- 1^a ocupação da parcela = 1
- 2^a ocupação da parcela = 2
- n^a ocupação da parcela = n

Calendário cultural

- Sementeira ou Plantação = 1
- Início da colheita = 2
- Fim da colheita = 3
- Início e Fim da colheita na mesma quinzena = 4

2 - CALENDÁRIO CULTURAL (continuação)

[illegible]

Total de parcelas hortícolas

Total de espécies hortícolas

Total de códigos de espécie inscritos 299

Modo de instalação

- Ar livre/abrigo baixo = 1
- Estufa/abrigo alto com solo = 2
- Estufa/abrigo alto sem solo = 3

Ocupação

- 1ª ocupação da parcela = 1
- 2ª ocupação da parcela = 2
- nª ocupação da parcela = n

Calendário cultural

- Sementeira ou Plantação = 1
- Início da colheita = 2
- Fim da colheita = 3
- Início e Fim da colheita na mesma quinzena = 4

3 - ÁREA TOTAL, PRODUÇÃO E FORMA DE ESCOAMENTO DAS ESPÉCIES HORTÍCOLAS

CÓD.	Nome da espécie	Código da espécie	Modo de instalação	Propágulo		Área (m ²)	Colheita		Produção colhida (kg)	Produtividade (kg/m ²)	Mecanização
				Tipo	Origem		Situação	Causa			
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
301											
302											
303											
304											
305											
306											
307											
308											
309											
310											
311											
312											
313											
314											
315											
316											
317											
318											
319											
320											
321											
322											
323											
324											
325											

Total de espécies hortícolas

397

Total

398

Total

399

Modo de instalação

- Ar livre/abrigo baixo = 1
- Estufa/abrigo alto com solo = 2
- Estufa/abrigo alto sem solo. = 3

Tipo de propágulo

- Semente = 1
- Planta = 2
- Semente e planta = 3

Origem do propágulo

- Próprio = 1
- Adquirido = 2
- Próprio e adquirido = 3

3 - ÁREA TOTAL, PRODUÇÃO E FORMA DE ESCOAMENTO DAS ESPÉCIES HORTÍCOLAS (continuação)

Produção comercializada (% da produção colhida)	Forma de escoamento da produção comercializada (%)									CÓD.
	Venda directa mercado externo	Mercado nacional em fresco						Mercado nacional indústria		
		Venda directa ao consumidor	Venda ao retalhista	Coop./associação/org. produtores	Central de comercialização	Sector de distribuição	Outros intermediários	Produção com contrato	Produção sem contrato	
12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	
										301
										302
										303
										304
										305
										306
										307
										308
										309
										310
										311
										312
										313
										314
										315
										316
										317
										318
										319
										320
										321
										322
										323
										324
										325

(se Colheita - Situação = 2 ou 3)

Colheita - Situação

- Total = 1
- Parcial = 2
- Não ocorreu = 3

Colheita - Causa (indicar principal)

- Saturação de mercado = 1
- Factores edafo-climáticos = 2
- Factores fitossanitários = 3
- Fertilização deficiente = 4
- Outros = 5

Mecanização

- Sementeira/plantação e colheita mecanizadas = 1
- Sementeira/plantação mecanizada e colheita não mecanizada = 2
- Sementeira/plantação não mecanizada e colheita mecanizada = 3
- Sementeira/plantação e colheita não mecanizadas = 4

4 - CARACTERIZAÇÃO DAS ESTUFAS/ABRIGOS ALTOS DA EXPLORAÇÃO

CÓD.	Nº da parcela hortícola	Dimensão (m)			Ano de construção	Tipo de estufa/abrigo alto	Material de construção	Material de cobertura	Aquecimento		Arrefecimento/Humidificação	Aberturas		Sistema anti-geada
		Comprimento	Largura	Altura					Tipo	Combustíveis		Laterais	Zenitais	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
401														
402														
403														
404														
405														
406														
407														
408														
409														
410														
411														
412														
413														
414														
415														
416														
417														
418														
419														
420														
421														
422														
423														
424														
425														
426														
427														
428														
429														
430														

499

Tipo de estufa/abrigo alto

- Simples = 1
- Dupla = 2
- Múltipla = 3
- Túnel = 4
- Parral = 5

Material de construção

- Aço e/ou alumínio. = 1
- Ferro e aço = 2
- Ferro = 3
- Madeira = 4
- Misto = 5
- Tubo PVC = 6
- Outro = 7

Material de cobertura

- Filme plástico = 1
- Plástico rígido = 2
- Misto (filme plástico e plástico rígido) = 3
- Vidro = 4
- Outro = 5

Aquecimento/Tipo

- Água = 1
- Ar. = 2
- Misto = 3
- Não existe = 9

Aquecimento/Combustíveis

- Carvão = 1
- Electricidade = 2
- Fuel-óleo. = 3
- Gas propano = 4
- Gas natural. = 5
- Gasóleo = 6
- Madeira = 7
- Outros = 8
- Não utiliza = 9

Arrefecimento/Humidificação

- Nebulizadores = 1
- Ventilador/extractor = 2
- Sombreamento = 3
- Misto = 4
- Outros = 5
- Não existe = 9

Aberturas

- Manuais = 1
- Automáticas = 2
- Não existem = 9

Sistema anti-geada

- Aquecimento = 1
- Rega por aspersão = 2
- Misto = 3
- Outro = 4
- Não existe = 9

5 - MÁQUINAS, EQUIPAMENTOS E CONSTRUÇÕES UTILIZADAS NA HORTICULTURA

Máquinas e equipamentos	Pertencentes à exploração	Não pertencentes à exploração	Máquinas e equipamentos	Pertencentes à exploração	Não pertencentes à exploração
	Nº	(Sim = 1)		Nº	(Sim = 1)
Tractores	501		Reboques/semi-reboques	520	
Motocultivadores	502		Veículos ligeiros de mercadorias	521	
Motoenxadas/motofresas	503		Veículos pesados de mercadorias	522	
Semeadores	504		Veículos climatizados	523	
Plantadores/transplantadores	505				
Distribuidores de plástico	506		Rega		
Distribuidores/espalhadores de estrume	507		se utiliza = 1		
Distribuidores de adubo	508		- Tipo de rega		
Pulverizadores/polvilhadores dorso	509		Regos ou sulcos	524	
Pulverizadores/polvilhadores	510		Gota-a-gota	525	
Máquina de desinfeção do solo	511		Micro-aspersão	526	
Arrancador de alho francês	512		Aspersão fixa/móvel	527	
Arrancador de cebola	513		Aspersão semovente - canhão	528	
Arrancador de cenoura	514		Aspersão semovente - rampa	529	
Colhedora de tomate	515		Outro	530	
Arrancador de batata	516		- Fertirrigação		
Calibradores	517		Com controle de pH e condutividade	531	
Máquina de lavar/limpar hortícolas	518		Sem controle de pH e condutividade	532	
Máquina de embalar hortícolas	519		Construções de apoio		
			Armazéns	533	(m ²)
			Câmaras frigoríficas	534	(m ³)

6 - AGRUPAMENTOS DE AGRICULTORES

6.1 - Faz parte de algum agrupamento de agricultores ligado ao sector hortícola?

(Sim = 1)(Não = 9)

601

6.2 - Se respondeu Sim (código 1) na rubrica 601 indique, por ordem decrescente de importância, as duas principais razões que o levaram a fazer parte desse agrupamento de agricultores:

Facilidades na comercialização dos produtos = 1

Apoio técnico à exploração = 2

Facilidades na aquisição de factores de produção = 3

Obrigatoriedade na candidatura a ajudas/subsídios = 4

Outras razões = 5

602

603

7 - NATUREZA JURÍDICA DO PRODUTOR

Produtor singular = 1

Outra = 2

701

8 - MÃO-DE-OBRA

8.1 - Mão-de-obra permanente

		Mão-de-obra familiar		Mão-de-obra assalariada	
		Número de pessoas que trabalham na exploração	Número de pessoas que trabalham na horticultura	Número de pessoas que trabalham na exploração	Número de pessoas que trabalham na horticultura
		1	2	3	4
< 25%	801				
25% a < 50%	802				
50% a < 75%	803				
75% a < 100%	804				
100% (tempo completo)	805				
Total	806				

8.2 - Mão-de-obra eventual (actividade afectada à horticultura)

		Actividade afectada à horticultura	
		Número de pessoas	Número de dias de trabalho
		1	2
Homens	807		
Mulheres	808		
Total	809		

8.3 - Entreeajuda recebida

Nº de dias de trabalho

(actividade afectada à horticultura)

810

8.4 - Mão-de-obra não contratada directamente pelo produtor

Nº de horas de trabalho

(actividade afectada à horticultura)

811